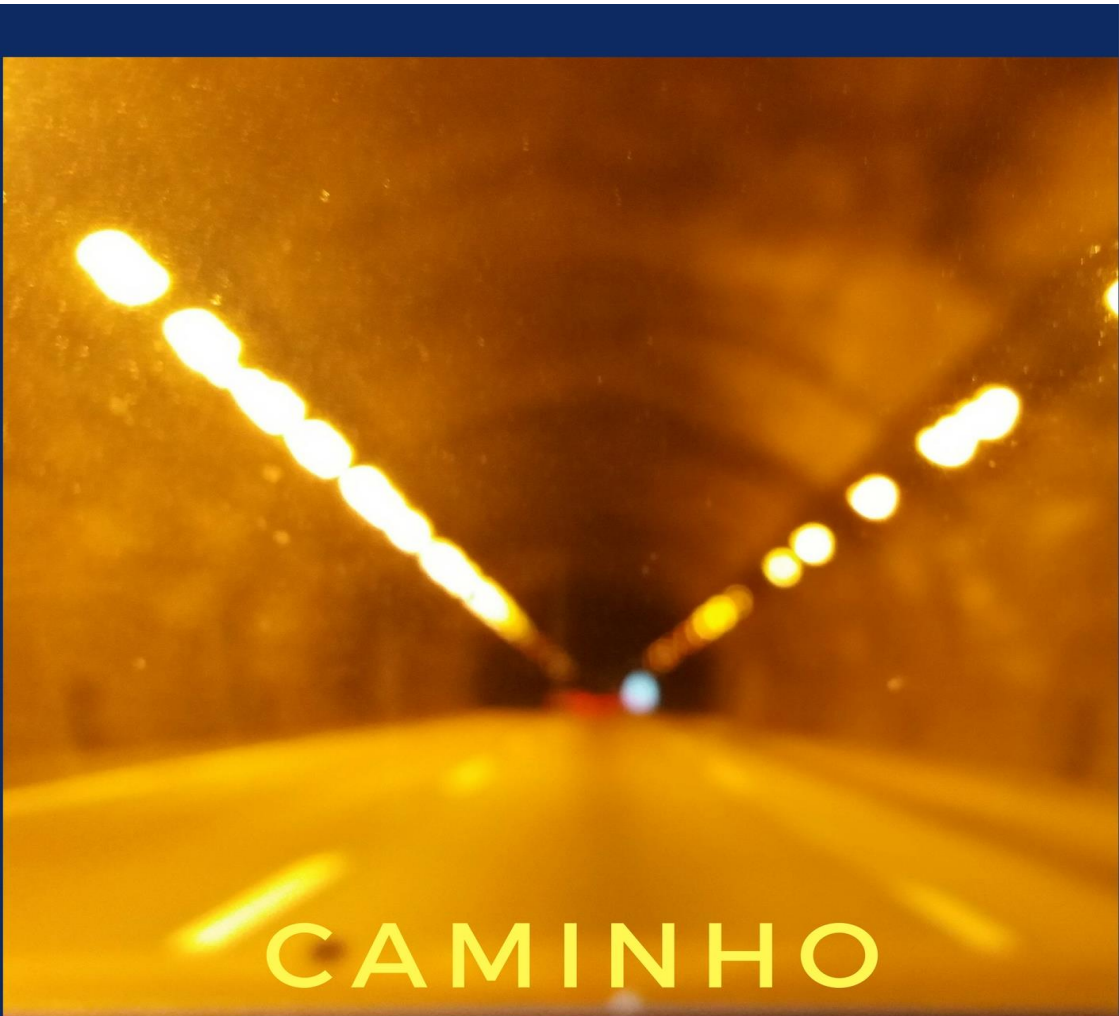




CAMINHO AO EXECUTIVO

a jornada de um jovem à direção de uma grande empresa

Anderson Abrantes

Caminho ao Executivo

Primeiro capítulo

Primeira edição – 2018

Escrito por: Anderson Teixeira Abrantes

Foto da capa: Túnel da Rodovia dos Imigrantes, Autor: Anderson Abrantes

Dedico este livro a todos os profissionais, colegas de trabalho e amigos, que de alguma forma contribuíram para as partes que foram reais acontecessem e me fizeram um bom profissional.

Aqueles que acompanharam minha trajetória, saberão quais são as partes reais e a ficção.

Capítulos

Prefácio.....	8
A Reunião.	9
Um moleque.	11
O trem.	13
Estudar é preciso.....	16
A Oportunidade.....	18
A Primeira Profissão.	20
A entrevista.	23
O estágio.	27
Escolhas.....	33
Profissional.	36
Mudança profissional.	40
Aprendendo a nova profissão.	43
Reconhecimento.....	45
Adquirindo conhecimento.	47
De volta à Escola.....	50

A REDE.....	53
Necessidade de Mudança.....	56
O faz tudo.....	59
Você está maluco?.....	62
Tecnologia do futuro?.....	65
Missões.....	67
Virei professor.....	69
A primeira aula.....	72
Aluno chato.....	74
Uma viagem diferente.....	76
Turistando e trabalhando.....	80
Procuramos um profissional.....	83
Terra Seca e um novo trabalho.....	87
Despedidas e vida de Marajá.....	91
Chegamos e já vamos mudar de novo?.....	93
Cadê o endereço?.....	95
Surpresa e poeira.....	97
Uma mansão.....	100
Bom Brill.....	103

Pressa, Curto e Água.....	106
Chute na caixa.....	108
A inauguração.....	111
Reunião adiada.	115
Transferência para Salvador.	117
Rotinas do Trabalho.	122
Mudança de Sede.....	124
Mudança no carnaval.....	126
Nova sede	128
O especialista vira aprendiz.....	131
Aprender a pilotar o avião, com ele voando	133
Inicia uma nova fase na empresa	137
É uma ordem, faça e fique calado	139
Trabalhando sob tensão	141
A transferência.	144
Novo lar e novas atividades.....	147
Estou sem roupas.....	150
Solução numa cama de hospital	153
Demissão.....	155

Estagiário ou Estagnário?	158
Sou o especialista	166
Problema?	170
Ansiedade pouca é bobagem	172
Escritor eu?	174
Novas mudanças.	177
O mendigo.....	179
Um novo gerente e outra gerência.	183
Se vira.	186
Frustração e nova motivação	189
Um gigante desconhecido	191
O primeiro dia.....	194
Crescendo	196
Mudanças à vista	199
Um novo objetivo.	201

Prefácio.

Executivo é a função de quem executa algo nas áreas administrativas e de grande responsabilidade. A nível empresarial, é o profissional que exerce cargo de liderança. Ou seja, ele dirige uma empresa, fazendo cumprir as diretrizes desta, e promovendo os desenvolvimentos sociais, financeiros e econômicos. É uma pessoa que tem cargo de chefia, e tem como objetivo o lucro, contratação de empregados e modernização da empresa.

Nem sempre uma pessoa mais experiente é o melhor líder. Nem sempre o gerente é o melhor líder. Na verdade, um líder se consolida pelas atitudes e isso não está obrigatoriamente relacionado com a idade ou o cargo.

Como um garoto, filho de caminhoneiro e uma costureira, que sonhava em ser motorista de ônibus de viagem chegou até a diretoria de uma grande empresa?

As pedras no caminho, as estradas construídas, os amigos conquistados e o conhecimento adquirido. As conquistas, as perdas, emoções de ganhar e de perder e a grande decisão de sua vida.

Este livro contém partes reais de minha vida profissional e ficção, quais são as partes reais e quais são ficção? Desvende você mesmo.

A Reunião.

Hoje acordei cedo, esqueci de passar minha camisa para o trabalho, não quero ir com uma qualquer, quero esta camisa azul marinho que ganhei de presente do meu amor, dobro com cuidado, junto a calça, paletó, sapato e meias, coloco com cuidado na mochila, não gosto de me vestir assim, mas hoje será necessário.

Tomei meu banho, vesti minha roupa esporte, tomei meu café, peguei a bicicleta e parti. No caminho, encontro pessoas conhecidas, vamos nos cumprimentando, passo pelas avenidas cheias de carro, a maioria apenas com um passageiro, o transporte público não é tão ruim como era a uns anos, temos boas ciclovias, bem, cada um sabe o que é melhor para si.

Na portaria da empresa, converso com o segurança, para saber como estão as coisas, pois sua filha havia passado por uma cirurgia delicada, graças a Deus, tudo bem. Digo a ele que em breve ela estará em casa dando mais trabalho, mas dando trabalho de criança...ele sorri e agradece.

Parece que todos sabem que o dia de hoje será especial para mim, todos me cumprimentam diferente. Paro para falar com a recepcionista, saber se os diretores e gerentes chegaram, ela diz: - O Sr. sabe que é sempre o primeiro a chegar, porque me pergunta todo dia? Me deu vontade de dizer a verdade "Ouvir sua voz rouca". Adoro a voz dela. Cumprimento outras pessoas que vejo no hall principal, todos sorridentes, menos a ascensorista, ela parece estar sempre de mal humor, já tentei saber o porquê deste mal humor matinal ...ninguém sabe.

Desço no andar, mais pessoas me cumprimentam, pareço político em dia de campanha. Vou até o banheiro, retiro minha roupa da mochila tomo um banho, ponho a roupa social e percebo que separei a gravata, mas não pus

na mochila, ninguém merece. Vou ao corredor e vejo o Gil, ele sempre tem uma gravata reserva. Ele me olha, sorri e fala: - Cara, você pediu emprestado semana passada e não devolveu. Percebi que a gravata que eu iria usar, era a dele. Pergunto aos outros colegas que já chegaram e ninguém tem uma gravata reserva. Não dará tempo de ir numa loja comprar, bem, vamos sem mesmo...de repente alguém me chama, é a secretária do diretor de finanças, ela diz que ela tem uma para me emprestar, agradeço duplamente pois ela já veio com o nó pronto.

Depois de me arrumar, no caminho de minha sala paro noutra sala, ela é enorme, aliás, tudo aqui nesta sala é enorme, a mesa principal, a mesa de reuniões, a TV de vídeo conferência, a janela...bem a janela, esta é minha preferida, paro em frente a ela, abro a persiana e observo a paisagem, o vale de prédios, as avenidas e o parque ao fundo. O dia está tão bonito, o céu azul e ensolarado, completam a beleza desta paisagem. Nesta sala, decisões importantes para a empresa são discutidas e hoje uma das mais importantes será definida, pelo menos para mim ela certamente pode mudar minha vida.

Olhando esta sala e este vale, começo a recordar como cheguei até aqui, as pessoas que me ajudaram, as que tentaram me prejudicar, os obstáculos e as oportunidades. Olho para minhas mãos e me recordo que elas já tiveram calos, cortes e machucados pelo trabalho duro que já fiz...

E relembro a primeira coisa que fiz para ganhar meu dinheiro, Caraca, eu tinha 14 anos...era um moleque....

Um moleque.

Desde pequeno meus pais me ensinaram a só depender dos outros em último caso, buscar fazer as coisas sozinho, conquistar amigos, ser honesto, estudar e trabalhar. Com 14 anos comecei a ter noção de dinheiro, como era difícil de ganhar, que o trabalho é que rendia uns trocados. Via meu pai acordar cedo e chegar tarde, trabalhar direto para que pudesse abastecer a casa e nos dar um pouco de conforto. Sentia vergonha de pedir dinheiro aos meus pais para o lanche da escola ou para uma revista em quadrinhos que queria ler. Então lembrei que o dono de uma loja de material de construção perto de casa, falou para meu pai que precisava de alguém para varrer sua loja e passar um pano no balcão, pois tudo vivia empoeirado.

Depois da escola, almocei e peguei minha bicicleta como fazia sempre, mas desta vez não fui andar com a turma pelo bairro, fui à loja de material de construção para conversar com o dono. Chegando lá, fiz uma proposta de varrer a loja e limpar o balcão em troca de um dinheirinho. Ele me olhou e falou: - Teu pai sabe que está aqui e quer trabalhar? Eu falei: - Não, e não queria que soubesse agora. Ele respondeu: - Tudo bem, mas seria bom se você falasse. Ele me deu uma vassoura, uma pá e me mostrou onde jogar o lixo. Achei que seria fácil, pois eu ajudava minha mãe, varrendo as folhas da amendoeira do quintal, mas aqui era diferente. Havia muita poeira e areia, e ela pesava a vassoura, varria um pedaço por vez, pegava com a pá, levava ao latão, voltava e fazia tudo de novo. Parecia que aquela loja nunca havia sido varrida, levei a tarde inteira para varrer a loja, não deu para limpar o balcão, ele disse, não tem problema venha amanhã para limpar o balcão e limpar a loja de novo. Achei que já receberia o dinheiro ele disse: Não, só na sexta-feira.

No dia seguinte lá estava eu de novo, desta vez, comecei limpando o balcão. Pensei: Ninguém nunca limpou nada nesta loja? Tudo muito sujo. Troquei várias vezes a água do balde, torci inúmeras vezes o pano, que saía sempre imundo. Terminei o balcão e ele apontou a vassoura. Fui varrer e qual a minha surpresa, parecia que eu não tinha feito nada no dia de ontem. De onde vinha tanta poeira, tanta areia. Terminei de novo, exausto, calos começaram a se formar e nada de dinheiro, e ainda era terça-feira; a semana seria longa. Assim foi até a sexta-feira quando no fim do dia e dono da loja me chamou, me uma carta, e meu pagamento. Conteí o dinheiro e agradei, ele me olhou e perguntou: - Não vai ler a carta? Eu respondi: - Vou ler depois. Ele falou: - Leia agora. Eu li a carta: *"Anderson, você é um garoto esforçado, dedicado, empenhado. Gostei do serviço que veio fazer em minha loja, mas use este seu esforço, dedicação e empenho em seus estudos. Este trabalho que está fazendo não vai levar você a lugar nenhum. Estude, pois ele garantirá seu futuro. Obrigado pelo seu serviço, gostei de você aqui na loja, mas não precisarei de seu serviço."* Esta foi a minha primeira demissão, eu tinha 14 anos e já sabia a dor de ser demitido. Agradei a oportunidade, falei que se ele precisasse, poderia me chamar. Ele respondeu: - Posso precisar de você depois que for advogado, engenheiro ou médico. Peguei minha bicicleta e fui embora.

O trem.

Aquela demissão não me deixou abalado, pensei: O que eu faria agora para ganhar uns trocados? Vou ficar na porta do mercado ajudando a carregar as compras, não dá, não tenho força para carregar sacolas pesadas, vou capinar um quintal, vou acordar quebrado para ir à escola. Pensei em muitas coisas, nada se encaixava, nada servia. Minha mãe pediu que eu fosse ao centro do Rio de Janeiro para comprar umas coisas para suas costuras que só vendia lá. Peguei o dinheiro, a lista das coisas e fui. No trem observei alguns garotos vendendo balas, eles andavam de vagão em vagão gritando seus produtos: "Balas quem quem de amendoim", "Sem casca, vitamina de carvão", o mais engraçado era um cara que passava latindo "halls, halls halls", vendendo drops Halls. Pensei, eu posso fazer isto.

Fui ao centro, comprei as coisas para minha mãe e vi uma loja que vendia doces. Com o troco das coisas de minha mãe, comprei uma caixa de balas e voltei vendendo no trem, não tinha nenhum slogan, apenas oferecia aos passageiros. Diferente dos demais vendedores, eu chegava mais próximo, não gritava, apenas oferecia: - Bom Dia, a Sra., compraria uma bala? Tem de Tutti-Frutti, Morango e Uva, são balas mastigáveis. As vezes conversava com os passageiros. Quando percebi, tinha vendido a caixa toda. A experiência foi legal e o lucro também, dobrei o dinheiro que usei na compra das balas.

No dia seguinte, cheguei da escola, tomei meu banho, almocei, fiz o dever de casa como todos os dias, peguei a bicicleta e falei para minha mãe que iria andar por aí. Passei na loja de doces comprei uma caixa de balas e fui para estação de trem, a bicicleta ficou presa na grade da igreja da pracinha. Foram apenas 2 viagens entre Mesquita e a Central para que eu vendesse as duas caixas de balas. Fiz a mesma coisa por duas semanas, num dia eu pulei o muro da estação para não pagar a passagem, depois de

pular eu parei e pensei: - Está errado, eu tenho o dinheiro para pagar a passagem; minha mãe me ensinou que isto não é correto, o dinheiro da passagem serve para pagar os funcionários da companhia, para melhorar os trens e as estações, pulei o muro de volta, mas o segurança me viu e me segurou. Ele me levou até uma sala, onde outros dois seguranças estavam, um deles me deu um tapa nas costas que me tirou o fôlego, na sala haviam mais duas pessoas, uma estava com uma marca roxa no braço o outro uma marca de tapa na cara. Pensei que iria apanhar de novo, aquele tapa em minhas costas doeu, eles pegaram minha caixa de balas, um deles me segurou para me bater de novo, mas o outro falou: - Se bater nele, ele quebra de tão magro, leva ele para fora.

Fui embora puto da vida, eu iria fazer a coisa certa, mas me pegaram no momento errado, fiquei uns três dias sem vender balas no trem, escondi a mancha roxa deixada pelo tapa do segurança, para que minha mãe nem meu pai vissem. Voltei a vender as balas, o negócio ia bem, vendia duas caixas por dia, havia juntado um dinheiro razoável, mais do que varrendo as lojas. Tudo ia bem até o dia em que meu tio me viu entrando na estação, ele me seguiu e quando me viu vendendo balas no trem, me deu uma surra. Enquanto me batia falava que eu não precisava daquilo, que deveria estar me dedicando aos estudos. Pegou a caixa de balas, atirou pela janela do trem. Descemos na estação seguinte e pegamos o trem de volta para Mesquita. Ele foi me dando sermão todo o percurso. Quando eu queria falar, ele mandava eu calar a boca e me batia.

Quando chegamos em casa, ele chamou minha mãe e contou o que aconteceu, minha mãe perguntou porque eu estava fazendo aquilo e eu disse que não queria tirar dinheiro de casa para meu lanche da escola, minhas revistas em quadrinhos, meus brinquedos. Sabia que meu pai e ela trabalhavam duro para dar as coisas para mim e meus irmãos e que não queria dar trabalho para eles. Minha mãe falou: - Meu filho, eu e seu pai trabalhamos

para dar o melhor para você e seus irmãos, entendo o que fez, mas não precisa. Sei que não gosta de pedir dinheiro para a gente, então vamos fazer o seguinte, se dedique aos seus estudos e ajude a mamãe em casa, eu lhe darei um dinheirinho para esta ajuda. Fiquei ajudando minha mãe, varria a casa, lavava a louça, varria o quintal e outras coisas. Ela me dava um dinheirinho, era menos que quando vendia as balas, mas estava em casa e ainda sobrava tempo de brincar e estudar. Estudar, este foi um dos motivos que me fez dar um tempo nesta minha busca em ganhar dinheiro. Eu estava terminando o antigo ginásio, e as matérias ficavam mais difíceis, precisando mais atenção. Também tinha a competição de melhor nota que eu fazia com meus amigos os The Fukkers e não queria perder nenhuma vez.

Estudar é preciso.

Eu estava finalizando o Ensino Fundamental (Primeiro Grau na época), estudei desde o jardim de infância na mesma escola e não queria fazer meu Ensino Médio (Segundo Grau na época) lá, só haviam as opções de estudar o Básico ou Normal. O Básico seria apenas matérias curriculares padrão, o Normal incluía matérias necessárias para a formação de professores. Um colega havia me falado de uma escola em Nova Iguaçu que estava com inscrições abertas para cursos técnicos, não sabia bem o que era, então fui ver. Havia um balcão de informações e perguntei o que eram os cursos técnicos. A mulher falou que era o Ensino Médio, porém adicionada a matérias específicas que lhe davam uma profissão, me explicou que eu poderia me formar em três especialidades: edificações, administração e eletrotécnica.

Perguntei sobre cada uma das profissões e ela foi me explicando: - Edificações forma o profissional que dão apoio na construção civil, faz desenhos de estruturas e construções. Administração forma o profissional que cuida da parte administrativa de empresas, tem conhecimentos financeiros e gerenciais. Eletrotécnica, este não sei bem, sei que trabalha com coisas elétricas. Escolhi fazer eletrotécnica, fiz a inscrição e na semana seguinte a prova de admissão. A ansiedade pelo resultado era enorme, conversava com meus amigos e eles acharam que havia feito uma loucura, mas não queria ser professor, queria algo mais. O dia do resultado enfim chegou, fui na escola e uma grande lista estava pendurada na portaria, procurei meu nome e a ansiedade acabou, passei na prova. Fiz a matrícula, separei o material solicitado, recebi o cronograma de aulas e me assustei, eu estudaria o dia inteiro durante 3 dias na semana e nos outros dois pela manhã, haveria aulas nos sábados, seria puxado, muito puxado.

Eu saia cedo de casa, almoçava e jantava na escola. Descobri que não era bem assim como a mulher do balcão de informações havia falado, estudava muita matemática, muita física, muita química, além das matérias básicas. As mais difíceis, porém, eram as matérias técnicas, Eletricidade, Análise de Circuito, Resistência de Materiais, Cálculo, Desenho Técnico; era muita matéria, muita informação.

Aprendi muitas coisas novas, conheci muita gente, aprendi coisas boas e coisas ruins. Ajudei a colocar um cabeção de nego no banheiro, a colocar chiclete no martelo da campainha, aprendi a matar aula, a fugir dos professores, aprendi a ser bagunceiro, mas participei de um mutirão para consertar as luminárias quebradas na escola, ajudei a capinar a área externa, montamos bazar para recolher dinheiro para a creche que ficava ao lado de nossa escola. Fui zoadado por ser muito magro e ser um dos mais novos, por não jogar futebol, odiar esportes e não saber nada sobre mulheres. Não tinha namorada e os caras mais velhos me deram as dicas para arrumar uma namorada.

A Oportunidade.

Eu estudava direto, só à noite ou nos fins de semana eu via meus amigos. Em um domingo, minha mãe resolveu ir à casa de sua irmã, eu gostava muito de ir lá, pois atrás da casa onde morava, havia uma enorme montanha com cachoeiras e eu gostava de subir e tomar banho. Fui preparando, o dia estava bom com sol, mas uma conversa mudou completamente o rumo do passeio e da minha vida.

Quando chegamos na casa de minha tia, um cunhado dela estava lá, eu não o conhecia, mas ficamos conversando por muito tempo e quando eu falei que estudava eletrotécnica ele falou: - Acho que tenho uma oportunidade para você, eu trabalho na Light (companhia de energia elétrica do Rio de Janeiro) e tenho direito a uma carta de aprendiz para cursos no SENAI, você vai estudar e receber um salário por isto, depois vai fazer um estágio na empresa e poderá ser contratado, você se interessa? Não pensei duas vezes, aceitei a oportunidade.

Ele me deu uma carta, ela indicava a data, horário e endereço em que deveria comparecer com um responsável e alguns documentos. Fui com minha mãe, chegando lá nos apresentaram uma lista de cursos que poderia fazer: Torneiro Mecânico, Fresador Mecânico, Eletricista Predial, Ferramenteiro. Optei por Eletricista predial, pois estava mais direcionado ao meu curso técnico, fiz a inscrição e uma prova, informaram que saberíamos do resultado depois.

Passados alguns dias, minha mãe me chamou e disse que eu havia sido aprovado pela Light para o projeto Menor Aprendiz, fiquei feliz, mas já comecei a planejar as coisas que precisaria mudar, o horário da escola, namorada, amigos, muita coisa iria mudar. O curso era o dia inteiro, seriam nove horas dentro do SENAI, depois a escola Técnica, meu dia que já era curto, ficou pior. Seriam

quatorze horas de estudo direto, mas vamos lá, tudo pelo meu futuro.

No SENAI, chegamos em 6 novos alunos, o instrutor nos apresentou a turma e aluno mais velho gritou: - Magrelo, vai trazer biscoito amanhã? Não fazia ideia do que ele falava, então depois de me sentar perguntei a um garoto do meu lado o que se tratava este negócio do biscoito. Ele disse que todo novato deveria trazer biscoito aos mais velhos, dei risada e falei beleza. No dia seguinte levei o biscoito achando que assim seria menos zoadado, foi pior que se não levasse. Agora eles falavam: - O magrelo ficou com medo de apanhar e trouxe o biscoito já no segundo dia. Magrelo, vai apanhar porque teve medo, magrelo, vai apanhar porque é magrelo.

Apanhei muito. Se ia ao banheiro, apanhava, na saída apanhava de novo, no ônibus apanhava. Até que resolvi usar minha inteligência. Me aproximei do cara mais forte da sala, seu apelido era Sapão, de certa forma ele começou a me defender. Depois eu comecei a sabotar as tarefas dos outros alunos, principalmente aqueles que me batiam.

Como mexíamos com eletricidade, foram festivais de curtos-circuitos, choques e atividades que não funcionavam, eu ria daquilo tudo até que um dos instrutores me viu sabotando uma atividade e me perguntou porque fazia aquilo, eu disse que estava cansado de apanhar e me vingava deles desta forma, já que não tinha porte físico para enfrentá-los no braço. Ele me deu uma bronca e falou: - Quero que sabote algumas atividades, mas não quero mais ninguém levando choque e só vai sabotar aquelas que eu indicar. Ganhei um novo apelido de Magrelo passaram a me chamar de Maligno, pois descobriram o que eu fazia. Foi um período de grande aprendizado. Aprendi a ser forte, a ter responsabilidade profissional, aprendi o respeito ao colega de trabalho.

A Primeira Profissão.

Terminado o curso no SENAI, fui fazer o estágio na sede da Light no centro do Rio de Janeiro, um prédio pomposo, grande e antigo. Fiquei responsável pela manutenção da iluminação da área administrativa, eram 4 andares enormes, com setores separados por divisórias. Eu vivia me perdendo naquele labirinto o trabalho era fácil, eu deveria percorrer os quatro andares e substituir as lâmpadas ou reatores queimados. Algumas coisas engraçadas aconteceram durante o trabalho, como a vez em que andei o andar inteiro arrastando a bota no carpete e quando pressionei o botão do elevador tomei um choque tão forte que caí sentado no meio do salão, ou a outra que encostei uma caixa cheia de lâmpadas fluorescentes e fui ao banheiro, ouvi um estrondo e quando voltei algumas pessoas olhavam pela janela para ver o que havia acontecido, percebi que a caixa de lâmpadas escorregou e caiu no chão explodindo todas as lâmpadas de uma só vez. A pior de todas foi quando deveria trocar o reator da lâmpada da sala de um Superintendente, para cegar até a luminária eu precisava subir sobre o forro de gesso, andávamos sobre um trilho de ferro em que tinha que me equilibrar. Eu acabei escorregando e caí dentro da sala dele, quebrando o forro de gesso, ele se levantou calmamente, me olhou e perguntou: - Está tudo bem meu rapaz? Precisa de ajuda? Eu levantei todo dolorido, olhei para ele e disse: - Não senhor, está tudo bem, vou notificar a meu gerente e ele vai providenciar o conserto de tudo.

Durante uns 3 meses fiquei fazendo isto, até que apareceu uma obra no clube de funcionários da empresa e me mandaram para lá. Foram 6 meses de reforma, trabalhei muito, teria que trocar tudo, luminárias, interruptores, painéis, fiação. Aprendi hidráulica, pintura, serralheria, marcenaria, construção civil, fiz de tudo nesta obra. Entrei de férias e fui passear no interior de Minas Gerais, abusei das farras, ficava na rua até a madrugada,

peguei chuva, ia nas cachoeiras independente do tempo. As consequências dos abusos? Quando voltei ao trabalho, passei mal, estava com quarenta graus de febre, me levaram ao hospital e descobriram que eu estava com pneumonia. Fiquei internado três dias e depois vinte dias afastado. Quando retornei tinham colocado outro aprendiz em meu lugar na obra. Me devolveram para a sede e me deram serviços administrativos na oficina, aprendi a organização do setor, administrar equipes, controle de materiais e estoque. Era engraçado eu com dezesseis anos dando ordens em homens com mais de quarenta anos de idade.

O estágio terminou e não fui contratado, a empresa era estatal e o governo havia proibido novas contratações naquele ano. Voltei ao SENAI para fazer mais dois cursos, fiz Elétrica e Eletrônica Industrial, nestes cursos as condições eram diferentes de antes, não era mais um novato, eu era um profissional que retornava. Era respeitado, servia de referência a outros alunos, eu os ajudava, orientava, os instrutores, me deram responsabilidades que nenhum outro aluno tinha.

Meu tio me pediu um currículo dizendo que a empresa que ele trabalhava procurava estagiário de eletrotécnica. Eu preparei um currículo e o entreguei, sem pretensões. Estava em casa deitado no sofá descansando, pois naquele dia não haveria aula na escola técnica, o telefone tocou e eu atendi. Um home falou: - Boa noite, queria falar com o Anderson, quem fala é o Fernando. Comecei a xingar: - Seu filho da puta, safado, irresponsável, cadê a porra do meu livro? A prova de física é semana que vem e você está com meu livro tem mais de um mês. Se eu tirar uma nota baixa tu vai ver. O homem começou a rir e falou: - Calma garoto, quem fala é Fernando Correia, sou gerente de manutenção elétrica da empresa, seu tio me deu seu currículo e tenho uma proposta de estágio para você. Congelei com esta resposta, pedi desculpas, ele riu novamente e falou: - Pegue este outro Fernando e dê uma coça nele depois, mas por

enquanto quero que compareça amanhã às oito horas neste endereço. Eu falei: - Tudo bem, estarei lá. Nem dormi naquela noite, pensei em um monte de coisas. Achei que teria um tempo para descansar, já eram dois anos direto estudando quatorze horas por dia, não tinha tempo para nada, amigos, namoradas, passeios, viagens, minha vida era estudar, estudar e estudar.

A entrevista.

Era meados da década de oitenta, bandas de rock pipocavam para todos os lados e eu entrava na onda, com dezessete anos estava rebelde, ouvia punk rock, tocava em uma banda punk, me vestia como tal, cabelo moicano, camisa com caveiras estampadas e rasgadas, calça jeans rasgada e botas. Na época era transgressão, rebeldia pura. Raspei o moicano para ir a entrevista, vesti a roupa mais normal que tinha e fui.

Tinham umas dez pessoas concorrendo a vaga, eu parecia um bicho estranho, todos me olhavam, magrelo, careca, com uma camisa violeta de golas pretas, calça jeans surrada e um tênis de cano alto cheio de caveiras estampadas. Uma mulher entrou na sala, olhou para todos e se assustou comigo, seus olhos arregalados me olhando denunciaram a estranheza. Ela nos deu a prova e disse que teríamos uma hora para realiza-la. Preenchi meu nome, escolaridade, li a prova com calma e fui realizando os exercícios, quando percebi, tinha acabado antes de todos. Eles me olharam e alguns perguntaram: - Caraca você desistiu? Deixou quantas em branco? Está difícil né, muita pergunta técnica. Eu respondi apenas: - Nunca fiz uma prova mais fácil na minha vida.

Dado o tempo, a mulher entrou na sala, recolheu as provas e pediu que aguardássemos. Começaram a especular sobre a prova, "cara que prova difícil", "só coisa técnica", "cálculo de motor, eu nunca vi isto na escola". Uma menina me olhou e falou: - Você terminou a prova rápido, fez tudo? Eu disse que sim. Eles se olharam e perguntaram: - Onde você estuda? Quando eu disse que estudava em uma escola técnica pública estadual, deram risadas e um cara falou: - Sério, e acha mesmo que acertou tudo? Eu respondi: - Não acho, tenho certeza.

A mulher voltou com nossas provas, nos entregou e chamou 5 candidatos e saiu com eles. Olhei minha prova e não tive nenhuma surpresa, 100% de acerto. Mostrei a prova ao cara que havia zombado de mim, ele se calou e ficou claramente enraivecido e eu de alma lavada. A mulher voltou e nos perguntou: - Quem de vocês pode ficar para entrevistas? Eu levantei a mão e mais umas duas pessoas, ela então dispensou os outros e pediu para aguardarmos na sala. Um dos que saíram foi o cara que zombou de mim. Ficamos conversando, cada um contou de onde veio, a escola que estudava, me perguntaram sobre a roupa, a cabeça raspada, expliquei que era por tocar em uma banda de rock, etc....

A mulher retornou e começo a chamar para a entrevista, fui o segundo a ser chamado, ela me levou a uma pequena sala que tinha apenas uma mesa e duas cadeiras. Me sentei em uma das cadeiras, a mulher noutra em frente a mim e permaneceu um bom tempo em silêncio apenas me observando, então perguntou: - Porque raspou o cabelo? Eu falei: - Eu usava corte de cabelo moicano e achei que não seria adequado para uma entrevista. Ela perguntou em seguida: - Porque usava seu cabelo assim? E este tipo de roupa, o tênis, alguma explicação? Eu respondi: - Gosto de me vestir assim, acho legal esta roupa diferente e também porque toco bateria numa banda de rock e a roupa faz parte disto. Ela fez mais perguntas, sobre mim, família, perspectivas, coisas normais de uma entrevista. Ela perguntou se eu poderia ficar para uma entrevista técnica, depois do almoço. Eu disse que sim, mas estaria morto de fome até a entrevista, ela riu e falou: - Não se preocupe, você vai almoçar conosco, na fábrica.

Fomos almoçar, eu, a entrevistadora, duas outras mulheres e os outros dois candidatos. Passamos por uma rua dentro da fábrica e ouvíamos os ruídos das máquinas, empilhadeiras e funcionários passavam por nós, fumaça saía dos bueiros, de canos no alto dos galpões. Era cena de filme, era tudo muito legal. Depois do almoço fui levado a

um escritório, dentro da fábrica, mas fora dos galpões, pediram para aguardar sentados num sofá em uma antessala. Um homem de jaleco azul entrou no escritório, me olhou, perguntou meu nome seguiu, depois vieram mais dois homens com o mesmo uniforme e fizeram a mesma pergunta. Depois de um tempo, a secretária me chamou e me levou a uma sala no fundo do escritório, me indicou uma cadeira para me sentar, em seguida três homens de jaleco azul entraram e se sentaram do outro lado da mesa de frente para mim. Observei eles e percebi que se pareciam com personagens de desenho animado, um era vermelho, igual a um camarão, o outro, careca e com um bigode enorme e o outro gordo de pernas finas. Começaram a perguntar meu nome, escola que estudava, curso que fazia, onde morava, se gostava de estudar eletrotécnica, quando eu disse que eu havia realizado cursos no SENAI, eles aumentaram o cunho técnico das perguntas.

Então eles pediram para desenhar o esquema elétrico de um sistema de partida de motores que se chama chave estrela triângulo, é um desenho complexo, com contactoras, relés temporizadores, relés térmicos, botões de ligar e desligar. Desenhei os circuitos principal e de comando, revisei o desenho e falei: - Pronto, está terminado. Eles olharam para o desenho, cochicharam algo e um deles falou: - Isto funciona? Eu respondi: - Sim, se quiserem eu monto, me dê os materiais e provo que funciona. Eles se levantaram e pediram para os acompanhar. Me levaram na oficina que ficava dentro de um dos galpões da fábrica, o barulho era ensurdecedor, falávamos gritando, havia um cheiro estranho no ambiente, eles me apresentaram a outras pessoas que ali estavam. Um dos caras de jaleco azul pediu para trazerem os materiais para que eu montasse a chave estrela triângulo. Vieram com uma caixa com os equipamentos pedi as ferramentas necessárias e me deram uma caixa completa. Todos pararam para ver aquele moleque magrelo, careca e

com roupas estranhas montar o sistema. Um dos homens de jaleco azul me devolveu o desenho que tinha feito no escritório, eu o olhei e disse que não precisava, faria de cabeça, eles olharam uns para os outros e riram, duvidando que eu fosse capaz de montar algo tão complexo. Alguém comentou: - Um moleque de 17 anos vai montar isto de cabeça? É ruim.

Peguei as contactoras, temporizadores, fios, cabos, relês e chaves de liga/desliga. Interliguei os equipamentos com os cabos e fios, conferi as conexões, certifiquei que estava tudo certo e falei: - Está pronto, quem vai ligar? O cara do bigodão falou: - Ligaê. Todos se afastaram, qualquer erro pode gerar um curto circuito. Liguei a chave para iniciar o processo, o primeiro estágio funcionou sem problemas, alguns segundos depois, junto com a entrada do outro estágio, eu bati na mesa com muita força para imitar o ruído de curto circuito. Um dos homens que observava se assustou, todos riram dele pelo susto e em seguida aplaudiram. O moleque magrelo fez o que profissionais de longa data tinham dificuldades, montar a chave estrela triângulo sem o acompanhar com o diagrama.

O homem do bigodão me levou até a sala de entrevistas e falou: - Está liberado, nos veremos em breve. Alguns dias depois recebi uma ligação da empresa, pediram para eu comparecer com uma série de documentos para iniciar o estágio.

O estágio.

Fiquei muito animado com o estágio, contei aos meus pais e aos amigos, era uma ansiedade por começar imensa.

Cheguei no RH da empresa para começar meu primeiro dia de estágio, a mesma mulher que fez minha entrevista me recepcionou, parabenizou pela oportunidade e me levou até o escritório da equipe de manutenção. Ela me deixou na recepção e fiquei aguardando alguém me chamar. As pessoas entravam e saiam do escritório me cumprimentando. Um senhor de longos cabelos grisalhos e grande barba, vestindo um jaleco branco entrou, me cumprimentou e me perguntou: - Você é o novo estagiário? Eu me levantei e disse que sim. Ele então pediu que aguardasse que já falaria comigo. Depois de um tempo ele retornou à recepção e pediu que o acompanhasse. Ele me levou a sua sala e pediu que eu me sentasse. Ele me olhou e a primeira pergunta foi se o Fernando havia devolvido meu livro. Eu disse que sim e demos risadas da situação, pedi desculpas novamente pelo mal-entendido, ele formalmente se apresentou e começou a falar sobre a empresa, uma metalúrgica de transformação, que fabricava fios e cabos para energia elétrica e telecomunicações, disse ainda que era uma grande empresa e que estava trabalhando nela desde os 19 anos de idade e em pouco tempo se aposentaria, disse que entrou como aprendiz e que era uma empresa de oportunidades, bastaria ser um profissional dedicado e honesto que as coisas aconteceriam.

Ele pediu que o acompanhasse, pois daríamos uma volta pela empresa, iniciando pelo escritório. Me apresentou aos outros três estagiários, as duas secretárias, a equipe de projetos e desenhistas e os outros gerentes. Depois me levou nas oficinas, me apresentou aos eletricitas, aos mecânicos e aos encarregados, descobri que jaleco azul era o uniforme dos encarregados, e o cara de bigodão que me fazia muitas perguntas na entrevista era

um deles. Ele me cumprimentou e falou: - Tu tá bem diferente do dia da entrevista, o cabelo cresceu a roupa tá mais normal. Eu respondi: - A mudança foi só na roupa, a cabeça tá igual. Ele falou: - Ainda bem. Me levou aos galpões onde eram as fábricas, cinco enormes galpões, com máquinas igualmente enormes, aquilo para mim era simplesmente inimaginável. Enquanto caminhávamos ele comentava sobre o que cada máquina fazia dentro do parque fabril: - esta máquina é uma trefiladeira, ela diminui a bitola do cabo de cobre até ficar no diâmetro para fabricar o fio de energia ou de telefonia. Esta outra é uma extrusora, ela que encapa com polietileno ou outros compostos plásticos o fio de cobre. A cada equipamento ele a descrevia.

Voltamos ao escritório, entramos em sua sala e ele começou a explicar o que eu faria, me deu uma pilha de papéis, disse que eram Ordens de Serviço e que eu deveria conferir se estavam preenchidas corretamente, se estavam assinadas e datadas. Caso não estivessem preenchidas corretamente, deveria procurar o profissional responsável pela execução da Ordem de Serviço e pedir que corrigisse, assinasse e datasse. Comecei a olhar as Ordens de Serviço e separar as que estavam certas das erradas em duas caixas, depois pegar a caixa com as ordens erradas e separar por oficina que executou o serviço. Depois de tudo separado, ir pessoalmente a cada uma das oficinas e pedir aos profissionais que atenderam aos Serviços que corrigissem os erros apresentados no preenchimento ou na falta de assinaturas e datação.

Durante uma semana eu realizei este serviço, foi uma semana chata e tediosa, odiei fazer aquilo. Fiquei pensando: Fiz três cursos profissionalizantes no SENAI, estudo eletrotécnica para ficar conferindo ordem de serviço e tirar xerox de documentos? Isto não é para mim. Comentei com os outros estagiários que iria falar com o gerente, eles riram de mim, disseram que se não gostasse do serviço seria melhor pedir demissão.

Na segunda-feira cheguei, peguei a pilha de ordens e deixei parado sobre a mesa, assim que o gerente chegou fui a sua sala e falei: - Senhor Fernando, há alguma outra atividade que eu possa fazer? Sinceramente, eu fiz cursos no SENAI, estudo eletrotécnica e não queria fazer esta atividade, queria alguma coisa realmente ligada ao que estudei e estou estudando. Ele me perguntou se queria trabalhar na oficina, respondi que sim. Ele pediu para retornar a mesa dos estagiários que precisaria de um tempo e já me retornava com a resposta.

Após o almoço ele me chamou em sua sala e falou: - Venha comigo. Ele me levou na oficina de manutenção do galpão fabril de cabos de telecomunicações, chamou o encarregado e falou: - Sucatinha (este era o apelido do homem bigodudo), este é o estagiário que vai trabalhar com vocês de segunda a quinta, ele disse querer trabalho, então bote ele para ralar. O Encarregado perguntou: - Qual o nome dele mesmo? Fernando respondeu falando meu nome. O encarregado falou: - Não, este não é o nome dele. Fernando riu, me olhou por um tempo, pensou um pouco e falou: - É Guaxinim, o nome dele é Guaxinim. Deste dia em diante meu nome na empresa passou a ser Guaxinim.

Descobri que todos tinham apelidos, até o presidente da empresa era chamado de Portuga, apesar de ser sueco. Tinha apelido de tudo que é jeito, tinha o Pato, Jacaré, Cara de Cão, Dois Mirreiros, Cu de Maçarico, Orelhinha, Orelhão, Cabeção, Cheira (quando me contaram o que significava, nunca mais apertei a mão do cara), O Fernando era chamado de Fernando cabeludo. A criatividade nos apelidos reinava e a zoeira também. Trabalhar lá era estar fadado a zoeira diária, encarnações, trotes e tudo que se possa imaginar. Claro que eu sofri as zoeiras, os trotes e muito. O eletricitista estava com um painel de uma máquina em sua bancada, ele estava desmontando para realizar uma limpeza, ele me pediu para ir no almoxarifado buscar uma caixa de querosene em pó. Eu nem desconfiei e fui.

Chegando lá, falei com o responsável e ele apontou uma grande caixa de madeira com um adesivo vermelho escrito "INFLAMÁVEL". Ele disse que era para levar com cuidado, pois se balançasse ou batesse poderia explodir, ele me deu um carrinho, e me ajudou a colocar a caixa nele. Fui pela rua da fábrica puxando o carrinho com a caixa em cima, com o máximo de cuidado, evitando buracos, solavancos. Quando cheguei na oficina eu falei para o eletricitista que pediu o querosene em pó: - Cara, não dava para ser uma caixa menor? Vim me cagando de medo desta porra pegar fogo e explodir. Os outros eletricitistas falaram: - Vamos abrir e ver se está tudo certo. Quando abriram era uma caixa cheia de tijolos, todos deram rizada e falaram que acabara de cair num trote, primeiro fiquei puto pela sacanagem, mas depois ri de minha situação, mas parei de rir quando mandaram eu levar a caixa de volta ao almoxarifado.

De segunda a quinta ficava na oficina fazendo manutenção nas máquinas e às sextas ficava no escritório organizando as ordens de serviço. Este trabalho ficou muito mais fácil, pois já matava o problema na oficina, as que sobravam, eu já sabia onde eram os setores, conhecia os encarregados.

Na oficina meu tutor foi um cara chamado Roberto, o Ventoinha, me contaram que o pegaram assoprando um motor que estava superaquecido, perguntaram a ele porque estava assoprando ele disse que estava ajudando a ventoinha de resfriamento. Ele me ajudou muito, me ensinou mais que manutenção elétrica, me ensinou a gerir material, montar painéis, me ensinou a interpretar os diagramas, eletrônica, mecânica industrial.

Um dos maiores ensinamentos foi numa situação adversa. Eu estava analisando um defeito em uma máquina, ela simplesmente parava do nada de funcionar e depois de cinco a dez minutos voltava a funcionar normalmente. Faziam mais de três horas de análise e não

achava o defeito. Ele chegou e me viu sentado no meio de diagramas, medidores, ferramentas e me perguntou: - Guaxinim, o que acontece? Eu disse o que se passava e a quanto tempo estava analisando. Ele falou: - Estou com sede, vamos beber uma água. Me levantei e me dirigi ao bebedouro mais próximo, ele então falou: - Este não, a água dele é saloba, vamos num que tem lá no fundo da fábrica. Era uma boa caminhada até lá.

Fomos conversando pelo caminho, falamos de futebol, que eu odiava, falamos de escolas, ele falou de seus filhos, falamos de namoradas. Bebemos a água e quando eu iniciava o trajeto de volta ele me parou e falou: - Calma, não tenha pressa, a máquina não vai sair de lá. O defeito também não. Nos sentamos numa bobina de cabos e ficamos observando os calangos que pegavam sol no asfalto. Ele então se levantou e falou: - Vamos, vamos ver o defeito desta máquina.

Quando chegamos, eu peguei o medidor, olhei o diagrama e percorri o circuito quando de repente eu notei um cabo frouxo. Apertei o conector e pedi ao operador fazer um teste. Ficamos uma hora acompanhando e a máquina não deu mais o problema. Ventoinha então falou: - Se você está a muito tempo olhando um problema e não consegue achar a solução, desvie o foco, faça outra coisa, pense em outros assuntos, caminhe, observe o mundo. Quando voltar ao problema, a solução brotará na sua frente. Sábios ensinamentos.

Alguns acidentes e situações adversas ocorreram durante o estágio. Numa das primeiras visitas que fiz a fábrica havia um suporte com um tubo de plástico e dentro dele tinha umas correntinhas penduradas. Achei aquilo interessante e pus meu dedo nas correntinhas. Tomei um choque e caí sentado com os dedos formigando e as pernas tremendo, Ventoinha falou: - Mas que mané, está maluco? Quer morrer? Este tubo é um teste de ruptura, o fio passa por dentro e se ele tiver uma ruptura no isolamento, o

sistema identifica e a máquina para. E tu põe o dedo. Seu mané, nas correntinhas tem 5 mil volts, a tensão é baixa, mas o choque dói. Eu descobri o quanto dói.

Um projetista me pediu para verificar um painel de comando de uma máquina que estava sendo movimentada dentro da fábrica e descrever o que precisava ser trocado. Fiz a lista e especifiquei o que deveria ser trocado, citando o modelo e capacidade de cada equipamento. Levei a lista para ele e o encontrei conversando com alguns gerentes. Parei perto deles e o aguardei terminar a conversa, ele me chamou e eu comecei a falar da lista e das especificações, ele me interrompeu e falou: - Estagiário, não te perguntei porra nenhuma sobre especificações, era apenas para fazer a lista, se meta no que é ordenado a fazer. Eu fiquei tão puto com a resposta dele, que rasguei a lista que tinha feito. Saí de perto bufando de raiva, entrei na oficina e vi uma barra de aço, peguei ela e corri em sua direção para acertá-lo. Eu estava cego de raiva. Um gerente me viu e percebeu o que eu iria fazer. Ele me segurou e falou: - Tá doido estagiário, quer matar o cara? Se quer, faz lá fora, na saída do expediente, para todo mundo assistir. Eu o olhei e comecei a falar: - Este Filho da Puta me pede uma coisa, eu vou lá, faço que me pediu e melhorei ainda mais o que me pediu e ele me distrata. Estou querendo matar este merda, safado do caralho. O gerente falou: - Calma estagiário, ele é assim mesmo, ninguém gosta dele. Você não é o primeiro a quere dar umas porradas nele.

Escolhas.

Estava no último ano do ensino médio técnico, me dividia entre o estágio e a escola, me preparava para a faculdade, mas ainda não sabia o que fazer, que caminho trilhar. Fiz vários vestibulares, UFRJ, UERJ e Faculdades Particular.

Meu professor de Análise de Circuitos e Matemática Aplicada falava para mim e para um colega que éramos muito bons e queria nos treinar para realizar as provas do ITA e IME, consideradas as mais difíceis do Brasil. Topamos o desafio, mas mirava em outra coisa, sabia que não passaria, mas os ensinamentos poderiam servir para as outras provas. Fizemos um intensivo de dois meses aos sábados e domingos na escola, ficávamos até 8 horas estudando teorias, truques, cálculos, fórmulas, lendo resumo de livros, notícias, debatendo assuntos que poderiam cair nas provas.

Fizemos as inscrições e nos dias marcados fomos realizar as provas. A primeira foi o ITA e a primeira decepção. A cada questão que eu lia parecia que eu era analfabeto, não entendia os textos, os números, não tinha ideia de onde começar. Foi a primeira vez que eu deixei uma prova de matemática em branco, eu não consegui realizar nenhuma questão de matemática e isto realmente doeu. A prova do IME foi um pouco mais fácil, mas ainda assim complexa. Não zerei nenhuma das provas, mas o resultado foi decepcionante. Mas eu já esperava isto, e não me afetou, lembrei que o ensinamento para esta prova seria usado nas provas de outras Universidades.

De todas as provas que fiz, não me esqueço a prova da UFF, ela foi marcante não pela prova em si, mas pela aventura para que eu a realizasse. Eu tinha uma moto Agralle 16.5 e saí de Mesquita para Niterói onde seria eram realizadas as provas. Eu era magro, um moleque muito magro, pesava apenas quarenta e nove quilos, em cima de

uma moto alta e leve. A viagem foi tranquila até a ponte Rio-Niterói, quando comecei a subir o vão central, o vento aumentou muito e começou a nos empurrar para a beirada à direita, exatamente onde estava a mureta que de proteção contra quedas no mar. Quanto mais eu puxava para um lado, mais o vento empurrava para o outro. Fiquei com medo que o vento me jogasse para fora da ponte. Me deitei sobre o tanque da moto e me positionei ao lado de um ônibus para conseguir transpor o vão central. Quando cheguei na praça do pedágio, parei num canto para respirar, as pernas tremiam, estavam bambas, meu coração disparado. Pedi água para o homem da cabine de cobrança e segui para a Universidade para fazer a prova. Foi um susto.

As provas da UERJ e da UFRJ foram realizadas no Maracanã, tínhamos que levar prancheta para apoiar a prova, quem não levava tinha que se virar, apoiar no chão, nas pernas. Adivinhem? Sim, eu não levei a prancheta na prova da UERJ, tive que apoiar a prova na perna, foi difícil, muito difícil. Na prova da UFRJ levei a prancheta, mas mesmo assim a posição que ficávamos desfavorecida a concentração, doía as costas, as pernas, os braços o pescoço. Depois de quase três horas de prova, você saía do Maracanã como se fosse um jogador de futebol em dia de campeonato, quebrado. Já as provas de universidades e faculdades particulares eram outro nível, salas refrigeradas ou ventiladas, carteiras confortáveis, lápis e canetas fornecidas pela instituição.

Passei em algumas universidades e faculdades, mas a que me deixou mais feliz foi passar para Engenharia Civil na UFF em Niterói, pela aventura que tive para chegar ao local da prova. Nas terças-feiras, o Jornal dos Esportes era o meio de divulgação de aprovados em concursos públicos e nos vestibulares. Quando vi meu nome na lista de aprovados, pulei de felicidade, fui contar para meus pais e amigos. Quando contei ao meu pai, ele me abraçou falou de seu orgulho mas disse não ter como me sustentar na

faculdade. Mesmo sendo pública, haveriam gastos com deslocamento, alimentação, material, livros, falei que eu daria um jeito. Fiquei triste, pensativo, conversei com meus grandes amigos, o Nilson, Jean e Charles. Eles me falaram que tudo iria se resolver, que juntos encontraríamos uma solução.

No dia seguinte fui trabalhar, pensando nas coisas que meu pai e meus amigos falaram e o que eu iria fazer. Ao chegar na oficina o encarregado disse para ir direto na sala do gerente pois ele queria falar comigo. Entrei na sala, ele pediu para eu me sentar e falou: - Lembra aquelas entrevistas que você fez? Você nos indicou dois candidatos muito bons. Não selecionamos nenhum deles. Nós temos um candidato melhor que todos eles e estamos pensando em contrata-lo. Eu falei: - Ok, o que precisa de mim? Quer que eu faça a entrevista dele? Então o Fernando disse: - Conversei com os encarregados e todos foram unânimes numa coisa. Queremos contratar você como eletricista. O que você acha?

Eu estava com a página do Jornal dos Esportes no bolso, tirei do bolso e olhei o meu nome circulado de caneta, abaixei a cabeça, embolei o jornal, joguei na lata de lixo e falei para ele: - Topo a proposta.

Empurrei a minha entrada para a universidade para a frente, não haveria como conciliar o trabalho e o estudo, não haveria meios financeiros de me sustentar. O curso de engenharia tinha horários intercalados, alguns com aulas o dia todo. Fiz minha escolha e segui em frente. Na semana seguinte fui contratado.

Não me arrependi da escolha que fiz, se não tivesse jogado a oportunidade de ser engenheiro civil, literalmente na lata do lixo, talvez não estivesse nesta sala hoje, relembrando tudo isto. Esta decisão mudou tudo que eu havia planejado em minha vida profissional.

Profissional.

Agora como profissional ganhava um pouco mais, dava para passear, viajar, paquerar. Mas nem tudo eram flores, as responsabilidades aumentaram e como aumentaram. Depois de um tempo em horário comercial pediram para cobrir o plantonista do horário tarde/noite, entrava as quatorze horas e saía as vinte e duas horas, neste período aconteceu de tudo:

Estava na oficina e ouvi uma gritaria no galpão, sai da oficina para ver o que acontecia e vi labaredas em uma das máquinas, sai correndo para o painel de energia e desliguei a chave de geral para que pudessemos apagar o fogo em segurança. Depois levei o resto de meu plantão para limpar a máquina e ver o que prestava.

Em outro episódio, estava jantando quando ouvi um estrondo e a luz do refeitório piscou. Sai correndo para ver o que tinha acontecido, estava frio naquele dia e alguém gritou: A explosão foi na subestação três. Quando cheguei lá, eu vi um gato que estava preso entre os conectores do transformador, ele recebeu um choque de treze mil volts e ainda estava vivo, mas muito ferido. Eu precisava tirar ele de lá para fazer os reparos e religar a subestação. Um colega fez um laço na ponta de um tubo e conseguiu tirar ele de lá, infelizmente ele morreu logo depois. Limpei os conectores, troquei as ponteiros do transformador e religamos a subestação.

A pior de todas que quase me feriu, foi uma explosão de transformador de alta tensão. Eu estava no banheiro lendo jornal, isto mesmo um rei sentado no trono de louça lendo seu jornal, quando ouvi um estrondo e a luz do banheiro piscou, em seguida o bip começou a tocar. Parei meu reinado e fui ver o que aconteceu. Chegando na oficina. Os encarregados de produção falaram que uma explosão tinha ocorrido do lado de fora do galpão e apagou tudo, desligando metade das máquinas do setor A. Fui lá e

vi que havia fumaça na subestação um. Dei a volta no galpão e vi a porta de ferro do transformador três estufada. Abri o portão e vi que ele havia explodido e o óleo ascareu escorria pelo rasgo causado pela explosão. Este óleo era altamente cancerígeno, pedi que saíssem de perto e isolei a área. Entrei na subestação e pedi ao operador para desligar toda a subestação um, ele me disse que já estava fora do ar desde a explosão. Neste momento meu encarregado chegou e disse o disjuntor de alta tensão desarmou e que seria apenas rearmar para tudo funcionar. Eu disse que não, tentei falar que o transformador explodiu, ele não me ouviu e começou a preparar o disjuntor para religar. O processo era bombear uma alavanca para gerar pressão em uma mola e apertar o botão de rearme. Depois de dada a pressão na mola, ele ligou para a subestação principal e pediu ao operador religar, na sequência ele pressionou o botão de rearme. O disjuntor explodiu na nossa frente, fomos arremessados contra a parede, bati a cabeça e as costas, fiquei sem ar, o ouvido apitava e devido ao clarão, não estava enxergando nada. Fiquei um tempo deitado no chão e comecei a ver e ouvir alguém me chamando. Depois de um tempo comecei a ver e ouvir melhor. Minhas costas doíam, nada muito intenso, percebi um galo na cabeça. Eu me levantei e Xinguei tudo quanto é palavrão, falei para o encarregado: - Porra seu filho da puta, não escutou o que falei né? O transformador explodiu, está vazando óleo e por isto estava tudo desligado. Eu ia começar a manobra de desconexão dele do circuito. Ele foi ver o transformador, me pediu desculpas, perguntou se estava tudo bem. Eu respondi que sim, apesar das dores nas costas e um pequeno sangramento na cabeça. Ele então falou: - Deixe aí, amanhã veremos isto e saiu.

Eu não aceitei aquilo e fui fazer meu trabalho, mesmo depois de encerrar o meu expediente. Pedi ao outro eletricitista, que acabara de chegar para render o plantão, que fosse pegar a mala de ferramentas para isolar o circuito daquele transformador e religar o galpão. Terminamos por

volta das duas horas da manhã, quase 4 horas depois do ocorrido e fui embora. Esta minha atitude me rendeu uma gratificação do meu gerente.

Aprendi muita coisa, só não aprendi a ter paciência. Eu tinha pouca paciência ou quase nenhuma e um evento por esta falta, mudou completamente o rumo de minha atividade profissional.

Eu estava a três anos na empresa e disseram que os eletricitas nível um, com mais de dois anos, seriam promovidos a nível dois. Eu aguardava ansioso esta promoção. Um dia estava concertando em uma atividade quando o encarregado se aproximou, sentou-se ao meu lado e falou: - Sabe a promoção que estava prometida? Teve um problema. O Waldemar esqueceu o seu pedido de promoção na gaveta e não enviou ao RH. A sua promoção só vai sair na próxima janela, que é daqui a seis meses. Pedi para repetir o que havia falado. Após a repetição eu me levantei com uma raiva e fui até a sala do Waldemar, que era o gerente geral. Entrei na sala sem bater e de pé na frente da mesa eu falei: - Seu velho gagá, como faz uma merda destas, não devia estar trabalhando, tinha que estar num asilo, esquecer minha promoção na gaveta, você está ficando um velho gagá. Sai da sala dele, fui direto ao vestiário, nem troquei o uniforme, apenas peguei minhas coisas e fui embora. Por dois dias eu não fui trabalhar.

Quando retornei à fábrica, eu esperava uma demissão, uma suspensão ou no mínimo uma advertência. Vi uma grande fila na porta do RH, havia umas cem pessoas ou mais, dois colegas da seção estavam na fila. Parei e perguntei o que estava acontecendo, um deles me falou: - Fomos demitidos. Neste dia a empresa demitiu 300 funcionários. Naquele momento eu pensei: Eu sou o próximo desta fila.

Não passei no vestiário, fui direto para a seção. O encarregado me olhou e perguntou: - Porque está sem o uniforme? Voltei ao vestiário, vesti meu uniforme muito

puto da vida e voltei para seção, abri meu armário para tirar a mala de ferramentas então o encarregado falou: - Deixe as ferramentas onde estão e vá agora na sala do Waldemar. Pensei, é agora, serei demitido.

Entrei no escritório cabisbaixo, pensando em tudo que eu havia falado a ele e comecei a me arrepender. Bati na porta de sua sala, ele disse para entrar. Quando entrei na sala ele me olhou sério, de cara fechada e falou: - Senta aí seu moleque e cala tua boca. Você vai me ouvir caladinho. Eu me sentei e ele começou a falar: - Eu não acredito que seu pai tenha lhe ensinado a distratar os outros daquela forma. Sou um senhor de idade sim, mas o respeito deve ser para todo mundo e você me faltou com respeito. Uma das coisas que eu exijo é respeito, comigo e com qualquer pessoa dentro desta empresa. Você tem que ser mais responsável, a muito tempo não é mais um estagiário. É um excelente profissional. Precisa ser mais responsável, ter mais respeito aos demais, ser mais profissional, se dedicar, estudar. Vocês jovens acham que serão assim para sempre? Não. Vocês envelhecerão, saberão das doenças da idade. Agora só mais uma coisa: Velho gagá é o caralho que o parta, ok?

Ele se calou, pensei em falar algo, mas não tinha o que falar, só aguardar ele me entregar a carta de demissão. Ele pegou um papel que estava em um envelope e me mostrou, para minha surpresa, não era a carta de demissão, mas uma carta de promoção assinado pelo diretor autorizando a sua realização fora da janela. Em seguida ele pegou algumas chaves jogou na mesa e falou: - A partir de segunda-feira, cuidará da central telefônica da empresa. Eu respondi: - Não sei nada de telefonia. Ele me falou: - Tem trinta dias para aprender, caso contrário vai para aquela fila.

Mudança profissional.

Saí daquela sala com uma mistura de sentimentos, feliz por não ter sido demitido, arrependido por ter perdido a cabeça e brigado daquela forma com o gerente e principalmente preocupado como seria daqui para frente. Tinha pouca noção sobre o que fazer na central telefônica, tive apenas duas semanas cobrindo férias do antigo profissional e mesmo assim, não precisei atuar em nada, foi somente ficar na sala.

Cheguei para trabalhar na segunda-feira e como rotina, pus o uniforme e fui para a oficina. Lá o encarregado me parabenizou pela nova função e disse para eu desocupar a bancada com minhas coisas. Arrumei uma caixa, coloquei meus pertences dentro e me dirigi a sala de telefonia. Era uma sala pequena, devia ter uns 10 metros quadrados, mas era engraçado pois era uma sala refrigerada dentro de um galpão industrial que chegava a fazer 44° no verão. Abri a sala e senti o vento gelado sair pela porta, entrei, coloquei a caixa no chão e fui olhar o equipamento e o que mais tinha na sala.

O PABX era um modelo MD110 da Ericsson, este equipamento ainda era sueco, um tempo depois passou a ser fabricado no Brasil, soube que aquele equipamento foi o segundo deste modelo instalado no Brasil. Não era grande, perto das máquinas industriais que eu dava manutenção que chegavam a ter 100 metros de comprimento e até 3 andares. Abri a porta do PABX, vi as placas de circuito, tudo muito limpo, certinho, alinhado, alguns LED's piscavam, verde e vermelho, ouvia pequenos ruídos (tic, tic, tlec, tlec), fiquei um bom tempo admirando aquele equipamento.

Nem tudo era belo e arrumando naquela sala, no fundo havia um grande painel de madeira com grandes cabos chegando e se separando em centenas de finos fios trançados que iam conectando a blocos, completamente

desarrumados, bagunçados, uns por cima do outro, cruzando, embolando, sobras de cortes destes fios pelo chão, papéis com anotações pendurados. Pensei: - Terei trabalho, muito trabalho. Meu desafio naquele momento era aprender, aprender e aprender. Saber como funcionava aquele equipamento, o que era aquele painel, para que servia e para piorar, não havia ninguém para ajudar ou ensinar, eu estava só nesta jornada, neste descobrimento profissional.

Havia um computador sobre uma pequena mesa, não entendia nada de informática, o único contato que tive com computadores foi quando tinha treze anos e minha mãe cismou que eu tinha que fazer computação e me colocou num curso de dBase, que odiei. Olhei o computador, estava escrito IBM PC Xt, liguei e não aconteceu nada apenas uma luz verde no painel e uma pequena barra piscava no alto do monitor, apertei algumas letras do teclado para ver se acontecia alguma coisa, as letras apareciam na tela, mas nada aconteceu. Desliguei e fui ver o que tinha a mais na sala. Havia um armário de prateleiras todo bagunçado, caixas e bobinas de fios se misturavam a manuais e cadernos. Olhei a sala num panorama geral, pensando por onde começar. Apenas saí da sala e fui buscar um café, voltei parei na porta e pensei novamente: - O que vou fazer? Como aprender? Por onde começar? Será que conseguirei?

Comecei arrumando o armário, separei as bobinas de um lado, as caixas de peças do outro, os cadernos e os manuais sobre a mesa. Depois fui organizando o armário, as bobinas e caixa de peças nas prateleiras inferiores, os aparelhos de telefone nas prateleiras superiores e os manuais e cadernos nas prateleiras do meio.

Depois de tudo arrumado, peguei o primeiro volume do manual do equipamento e para minha surpresa, ele possuía um capítulo só de telefonia, muito bem explicado. Os cadernos haviam orientações de comandos básicos e a

descrição do que o painel de madeira, ele era o distribuidor geral. Passei os dias lendo os manuais, os cadernos, testando comandos, desmontando telefones, mapeando as placas de circuito.

Aprendendo a nova profissão.

Com a mudança de função, meu horário mudou. Eu li cada um daqueles 6 módulos do manual do equipamento, simulava as funções, testava comandos, aprendi a operar o computador, descobri que ele usava sistema operacional DOS 5, estudei o que era e como trabalhar este sistema.

Vez ou outra eu via o gerente na porta me observando estudar ou testar as funções do PABX. Ele não falava nada, apenas observava, sempre sério. Um dia o painel de alarmes acendeu no nível três, o nível mais alto era quatro, fiquei assustado e comecei a debulhar os manuais em busca da correção, mas não consegui apagar o alarme. Abri as portas no equipamento e vi um pequeno botão em uma das placas de circuito, para um eletricista as vezes um reset no relé resolve um grande problema, pensei como eletricista nesta hora e apertei o botão. O alarme apagou, assim como o som dos relés e os LED's das placas de circuito, os telefones também silenciaram. Na sala só se ouvia o barulho da fita de programação rodando. Passaram dez minutos, vinte minutos e nada. De repente todos os LED's se acenderam de uma vez, assim como as lâmpadas de alarmes, as cinco ao mesmo tempo, os relés começar a emitir seus "tic, tic, tac, tac" tradicionais" e comecei a ficar menos nervoso, quando olhei na porta, o gerente estava lá, de pé, observando o que eu estava fazendo. Por fim, depois de quarenta e cinco minutos tudo voltou ao normal.

O gerente perguntou o que havia ocorrido, eu falei: - Uma das placas apresentou um problema sendo necessário um comando de reinício do sistema, conforme descrição do manual. Mentira, eu não fazia a menor ideia do que tinha acontecido. Após o gerente deixar a sala, eu entrei em contato com o suporte do equipamento e eles enviariam o técnico, que só chegou no fim do dia. Conversei sobre o que

havia ocorrido e ele disse que não conseguiria mais saber o que tinha dado defeito, pois ao apertar o botão, eu reiniciei o PABX. Recomendou que nunca mais apertasse aquele botão, exceto se não houvesse mais alternativas.

No dia seguinte o gerente veio na sala, desta vez ele entrou, se sentou e começou a falar: - Percebi que está se esforçando, que aparentemente eu fiz uma boa escolha, não me decepcione, não faça me arrepender de ter lhe dado esta oportunidade. Eu agradei, disse que estava estudando muito.

Os dias seguintes não foram diferentes dos anteriores, ler manual, testar funcionalidades, testar comandos. Mas na semana seguinte, o gerente entrou na sala com uma caixa, ele colocou a caixa sobre a mesa e disse: - Fim do prazo, você tem até a próxima segunda-feira para me entregar todas as ordens desta caixa assinadas. Eu olhei para ele e disse: - Se eu não conseguir lhe entregar tudo assinado? Ele respondeu: - RH. Eu perguntei: - E se eu conseguir? Ele respondeu: - Terá muito trabalho pela frente. Depois ele virou as costas e saiu.

Reconhecimento.

Peguei a caixa e comecei a separar as ordens, o que era relacionado a reparo físico e alteração na programação. A caixa deveria ter umas trezentas ordens de serviço, eram muitos pedidos de conserto, mudança de categoria de ramais, nomes de display, mudança de numeração. As ordens de reparo foram separadas por diretoria reclamante, iniciei o trabalho pelo Centro Tecnológico, pois achei ser mais fácil os reparos, pois era a estrutura mais nova na empresa. Me ferrei, havia muitos ramais com defeito, a maioria eram as malditas cápsulas microfônicas dos aparelhos, acho que troquei umas trinta naquele prédio. Depois foram os cabos espirais e os de conexão principal com mau contato ou simplesmente arrebentados. Foram várias idas e vindas da sala de telefonia até o Centro Tecnológico, este lote de reparo levou um dia e meio.

O segundo lote foi fácil, levei na bolsa um estoque de cabos e cápsulas, levei um dia neste segundo lote de reparos. O terceiro foi mais complicado, não pelos problemas, mas pela distância entre um ponto e outro, resolvi depois de umas três caminhadas, peguei uma bicicleta de um setor emprestada e tudo ficou mais fácil, em metade de um dia terminei este lote. Faltava agora o lote de programações. Ele era o com maior número de solicitações e reclamações. Comecei a trabalhar nas programações, olhava o pedido, buscava informações nos manuais e executava, dando certo, anotava num caderno o comando, número do manual e página das informações relacionadas. Já nas primeiras ordens percebi que teria sérios problemas, nada funcionava, digitava o comando e o sistema retornava COMMAND ERROR. Lia o manual, olhava outros comandos, digitava e nada, mesma resposta. Já tinha mais de duas horas de tentativa e erro, não conseguia mudar uma simples categoria de ramal. Então eu me lembrei do conselho de meu tutor Ventoinha: “Se você

está a muito tempo olhando um problema e não consegue achar a solução, desvie o foco, faça outra coisa, pense em outros assuntos, caminhe, observe o mundo. Quando voltar ao problema, a solução brotará na sua frente”. Eu me levantei e fui ao Centro Tecnológico, beber um café com a secretária do gerente de Fábrica, era uma mulher engraçada e fazia um café maravilhoso. Conversamos sobre muitas coisas, trabalho, estudo, faculdade, quando falamos de cinema, ela me convidou a assistir um filme com ela, combinamos ir no fim do expediente e então retornei para minha sala.

Sentei na mesa, peguei o manual e reli a parte toda relacionada à mudança de categoria, descobri então o que estava fazendo errado. Eu simplesmente esqueci de colocar uma vírgula no comando, por uma vírgula eu levei duas horas para mudar um ramal, mas em compensação, fui convidado para um cinema. Os demais ramais foram rápido, quando percebi fiz todo o lote em um dia.

Era quinta-feira quase fim do expediente, eu tinha terminado de fazer a última programação solicitada, fechava a última Ordem de Serviço. Peguei a caixa e fui na sala do gerente, ele não estava no momento, deixei a caixa na sala dele e fui conversar com a equipe de projetos e desenhos, pois eram muito engraçados, tirando um zé mané que ninguém gostava dele. Fiquei de olho na sala quando o vi chegar, saí correndo e entrei na sala quase junto com ele. Ele me olhou e falou: - Rapaz, tá doido, quer me matar do coração? Fala que tu quer. Apenas apontei a caixa, ele olhou, viu as Ordens de Serviço e perguntou: - Desistiu? Eu ri e falei: - Não, eu terminei antes do prazo, só isto. Ele riu, sentou na cadeira e falou: - Eu sabia que tinha feito a escolha certa. Parabéns.

Adquirindo conhecimento.

Não existiam livros de Telecomunicações, então passei a ler revistas de tecnologia, manuais de equipamentos de telefonia, consegui apostilas da extinta TELEBRAS de um treinamento sobre Telecomunicações e conversava muito com outros profissionais do ramo, precisava adquirir conhecimento e rápido. Dividia meu tempo profissional entre o estudo de telecomunicações e o atendimento das ordens de serviço. Resolvi reorganizar o Distribuidor Geral (DG), aquele painel de madeira com cabos e fios completamente desorganizado. Comuniquei a necessidade ao gerente que para esta atividade entraria uma hora mais cedo e sairia uma hora mais cedo, pois muitos ramais seriam desligados para realizar a melhoria. Ele concordou e me deu recursos para realizar. Devido ao curto tempo que podia mexer no painel. Levei 3 meses para finalizar, porém o trabalho foi compensatório, era possível identificar de onde e para onde saía cada cabo, as conexões de entrada e saída estavam marcadas e não havia mais papéis pendurados, tampouco fios cruzando uns sobre os outros. Parecia uma obra de arte.

Não sabia que a empresa possuía um Centro de Processamento de Dados (CPD), até que me chamaram para realizar um reparo no KS. O CPD ficava em outro bairro, separei as ferramentas, peças de substituição e me desloquei até lá. O prédio era velho, assim como tudo lá dentro, não fazia a menor ideia como era um CPD. Ávido por conhecimento, antes de efetuar o reparo no equipamento dei uma volta no prédio, vi um monte de equipamentos que não conhecia, o ambiente era frio e silencioso. Depois de feito o reparo ia me deslocar para a sede, mas um dos profissionais perguntou se queria ficar por ali até o fim do dia, ele notou meu interesse e disse que me explicaria mais sobre o mundo da computação. Fiz muitas perguntas e os profissionais muito atenciosos

explicavam tudo àquele garoto que chegara apenas para consertar o KS. Me mostraram os computadores, terminais, controladoras, unidades de fita (Fita de Rolo), unidades de armazenamento magnético. Me deram uma aula sobre computação. Descobri que a empresa possuía um mainframe IBM. Ele explicou a função de cada um dos equipamentos. Fiquei encantado com aquilo tudo, era muita coisa nova, diferente de tudo que havia aprendido até aqui. Ao fim do dia voltei para a sede com uma coisa na cabeça: Iria aprender computação.

Comecei a lutar por uma promoção pois havia me formado técnico, desempenhava uma função de técnico, mas era eletricista no cargo. Muitos foram os debates com meu encarregado, meu gerente me passou a me liderar diretamente, sem o intermédio de um encarregado, mas não era isto que eu buscava. Negociava apenas uma mudança de cargo, saindo de eletricista III para Assistente Técnico, queria o nome técnico em minha carteira de trabalho. Dispensei aumento salarial, mas claro se viesse junto seria bom. Negociamos por meses, até o dia que o diretor da Fábrica de cabos de Telecom me chamou para falar sobre uma mudança de lay-out que ele queria fazer. Conversamos sobre o projeto e como realizar sem atrapalhar a atividade da equipe, quando ele olhou meu crachá e me perguntou: - Porque ainda é eletricista? Você não se formou eletrotécnico. Eu respondi: - Dependo de minha gerência solicitar a mudança de cargo. Na semana seguinte meu gerente me chamou para comunicar que eu seria promovido a Assistente Técnico III, com aumento salarial, não sei se o diretor interferiu nesta decisão.

Eu devorava manuais, revistas, importunava os engenheiros para me ensinar coisas sobre Telecomunicações, Computação e duas coisas novas que surgiam: a Rede de Computadores e a Internet. Encontrei um velho amigo da escola técnica no centro da cidade,

conversamos um pouco e ele disse que iria fazer inscrição para o vestibular do CEFET para o curso de Telecomunicações. Eu disse que nem sabia que havia este curso, perguntei onde me inscrever para o vestibular, era a oportunidade que eu queria para me profissionalizar em Telecomunicações.

De volta à Escola.

Fiz a inscrição para o vestibular do CEFET, as provas eram de matérias que não via a muito tempo, matemática, física, química, português, história. Tive que estudar estas matérias. Estudei muito, durante o horário de expediente enquanto não havia atividade para realizar, em casa eu estudava, dei um tempo no namoro e quase o terminei para me dedicar apenas ao estudo. No dia da prova dormi na casa de um amigo que morava mais próximo ao local. A dedicação deu certo, passei no vestibular.

Na aula inaugural, 50 alunos estavam no auditório, o reitor veio nos cumprimentar e dar as boas-vindas e as más notícias: - Alunos sejam bem-vindos. Vocês foram competentes em passar em nosso vestibular, estudaram, se dedicaram. Aqui aprenderão tudo sobre Telecomunicações, sairão daqui especialistas em um dos 4 principais ramos da Telecomunicação: Rede, Comutação, Transmissão e Telemática. Hoje vocês são 50, em dois anos e meio, serão no máximo 10. Alunos, a taxa de reprovação e de desistência é alta. Ela é alta pois prezamos pela excelência profissional e aqueles que não se dedicam, ficam pelo caminho. Eu espero que esta turma bata este recorde. Muito obrigado e sucesso para todos vocês.

Sáímos do auditório assustados, o que esperar diante do que o reitor dissera? Fomos direcionados para uma sala de aulas. O professor entrou na sala, deu boa noite, subiu no tablado, os alunos em burburinho observavam ele escrever algo no quadro, no canto superior esquerdo escreveu seu nome e em seguida, uma série de números e fórmulas. Ele se virou e se apresentou, na sequência falou: - Sou professor de Análise de Sistemas, não gosto de conversas paralelas em minhas aulas. Eu escrevo a matéria que discutiremos no quadro e em seguida as apresento para vocês, caso tenham alguma dúvida, levantem e

relatem sua dúvida. Caso comece os burburinhos eu falarei mais baixo.

Nesta aula tivemos a noção do que seria o curso, o volume de informação foi enorme, tudo novo e aparentemente complicado.

Eu saía para trabalhar às 6 horas saía trabalho as dezessete e ia direto para a CEFET. As aulas terminavam sempre depois das vinte e duas horas, eu voltava de trem para casa e chegava sempre perto da meia noite. Era cansativo demais, mas as viagens de trem sempre era uma aventura. Os ambulantes vendiam de tudo, tinha um senhor que passava vendendo vitamina de abacate, caipirinha e batida de diversos sabores. Eles vinham num pequeno saco plástico, parecidos como sacolé. Passageiros levavam cachorro, gato. Pastores usavam o trem para pregar a palavra de Deus, uns respeitavam enquanto outros os xingavam e reclamavam que queriam dormir.

Na CEFET as matérias eram difíceis demais, muita informação. Estudava no sábado, diminui minha participação nos ensaios da banda, passei a ver minha namorada apenas no domingo, cortei os excessos para me dedicar ao curso. Mesmo assim tive uma derrota e ela se deu na matéria em que eu era especialista. Fui reprovado no primeiro semestre e na matéria de Eletricidade. Fiquei inconformado com isto. Me perguntava o tempo todo, como pode? Sou Eletrotécnico, trabalhei anos como eletricista, fiz cursos no SENAI de eletricidade e ficar reprovado em ELETRICIDADE, não aceitava esta derrota. Depois de aceitar que não tinha como reverter, passei a analisar o que fiz de errado, o que precisava corrigir para que não ter outra reprovação. Descobri que meu erro foi a confiança, me acomodei, pois achava que era o bom, pois trabalhava com eletricidade. Imaginei que esta matéria estaria no papo, ledô engano. Errei princípios básicos de

cálculos de eletricidade e de conceitos. O discurso do reitor era real, a taxa de reprovação e desistência era alta demais. Dos 50 alunos da aula inaugural, apenas 30 passaram para o segundo semestre, 5 desistiram.

No CEFET conheci gente nova, séria e doidos de todos os tipos. Entre as aulas, jogávamos baralho, conversávamos sobre tecnologia, carro, motos, futuro, trabalho e claro, mulher. Havia uma diversidade muito grande de conhecimento e idade. Havia alunos de 19 até os 50 anos. Esta diversidade colaborava para a troca de conhecimento e experiências. Foi o período que mais aprendi, dentro e fora da sala de aula. Meu namoro foi para o brejo, ela não suportou minha ausência e dedicação ao trabalho e estudo.

A REDE.

Uma obra começou a ser realizada na fábrica, um lado inteiro do prédio administrativo foi desocupado, as divisórias removidas e um grande salão se formou. Descobri que o CPD seria remanejado do antigo prédio para aquele local. Fiquei muito feliz pois estaria perto de um mundo de tecnologia e conhecimento. Meu gerente me chamou naquela semana e disse que o gerente do CPD queria conversar comigo, me desloquei até o prédio e me encontrei com ele. A conversa foi direta, ele disse que eu precisava aprender sobre REDE de Computadores pois eu seria responsável por montar a nova rede do CPD no novo prédio. Tudo que sabia era apenas o básico e só teoria, tive que correr atrás de conhecimento. Minha sorte era o Sardinha, amigo de longa data que trabalhava numa companhia aérea e era responsável pela rede de computadores desta empresa. Passei uma semana morando com ele e aprendendo na prática sobre REDE de computadores.

Depois de aprender com meu amigo, achei que estaria pronto para montar a primeira rede de computadores da empresa, que nada, a parte de passar cabeamento, distribuir e organizar os cabos no painel e nos racks foi fácil para mim, mas na hora de crimpar os conectores, que desastre. Precisei aprender a programar o HUB, os conversores ópticos, as controladoras. Tive que passar os cabos coaxiais para os terminais, montar o MUX, foi muito trabalho e muito aprendizado. Fiz muita coisa errada e toda hora eu me desculpava ao gerente do CPD pelas burradas, eu odiava errar, não admitia eu estudando telecomunicações errar tanto assim. Depois de algumas semanas o CPD estava pronto, as divisórias de vidro, os equipamentos novos, os painéis e racks de cabos, tudo novo e organizado. O gerente do CPD me chamou em sua nova sala e falou: - Você fez um ótimo trabalho, continue assim

que seu futuro será promissor. Ele me convidou para a festa de inauguração, não acreditei, pois normalmente operários de fábrica nunca são convidados às festas da empresa. Ele disse que deveria rever minha condição profissional, apesar de trabalhar dentro da fábrica, não era mais um operário de fábrica, eu era um profissional altamente especializado.

Depois da inauguração, meu trabalho aumentou muito, pois era responsável pela central telefônica e seus serviços e a manutenção da rede de computadores do CPD, dos terminais, das controladoras, MUX, conversores, modems. Conversei com meu gerente sobre a necessidade de um novo profissional para me ajudar. Ele me disse que poderia arrumar um estagiário, aceitei de imediato. Algumas semanas depois ele me apresentou o Wellington, que seria o meu estagiário. Rapaz inteligente e esforçado, ensinei o que sabia sobre telefonia e das atividades, dividimos os serviços, ele ficou responsável pela manutenção de campo, dos telefones e das programações básicas do PABX, eu fiquei com toda a parte do CPD e as programações mais complexas do PABX.

Certa vez, ele me falou que alarmes estavam sinalizando que o banco de baterias estava em níveis abaixo do aceitável. Acionei a empresa responsável pela manutenção das baterias. Após a revisão do técnico a notícia não foi nada boa, precisávamos trocar o banco de baterias o mais rápido possível. Comunicamos o problema ao gerente e ele ficou de providenciar a substituição. Os meses se passaram e nada. Fazíamos backup do PABX a cada 15 dias, remanejando duas fitas, deixando assim uma no gravador e outra guardada. Uma destas fitas arreventou e solicitamos a gerencia providenciar uma nova, que não foi realizada. Passamos meses sem o banco de baterias e sem uma fita de backup. Um dia saí para conversar com um colega do setor de projetos sobre umas alterações que o

gerente do CPD queria fazer, outro colega estava ao telefone e de repente eu ouvi ele falando: - Alô, alô, alô, acho que a ligação caiu. Ele pôs o dedo no gancho e tentou ligar de novo, sem respostas, ele me olhou e falou: - Cara o telefone está mudo. Eu peguei o telefone e confirmei, fui ao outro telefone da sala e estava mudo também, fiz esta verificação em mais uns três telefones e me dei conta que algo estava errado.

Saí correndo para a sala do PABX e encontrei Wellington desolado, sentado na porta da sala. Perguntei o que tinha acontecido e ele falou: - Chegou a equipe para fazer a manutenção no ar condicionado e desligaram o disjuntor o PABX por engano, o banco de baterias não segurou e acabei de saber que a última fita com a programação do PABX também está arreventada. Pensei, agora fudeu. Fui direto na sala do gerente comunicar o ocorrido, ele apenas disse: - Sei que dará um jeito de resolver isto. Voltei para a sala e começamos a pensar o que dava para fazer. Primeira coisa foi chamar a empresa de suporte do equipamento, para isto, pluguei o badisco no painel e fiz a chamada para a empresa. Os técnicos chegaram com uma fita com a programação básica do PABX, mas tudo o que programamos de ramais, troncos, facilidades se perdeu, teríamos que fazer tudo do zero. Foi aí que Wellington me falou: - Olhe, eu teria que pedir desculpas antes, mas agora você vai me agradecer. Não entendi o que ele falou até que me mostrou uma caixa de formulário contínuo com toda a programação do PABX. Ele me disse que ficava testando os comandos e que só percebeu que tudo que fazia era impresso no dia seguinte. Ele ficou com medo que eu brigasse pois acabou com uma caixa de papel contínuo sem querer. Só não dei um beijo nele porque, porque não dei mesmo, mas agradei muito. Este ato dele foi o que nos salvou. Três dias depois o PABX estava totalmente reprogramado.

Necessidade de Mudança.

Estava no topo de minha linha profissional, não havia mais espaço de crescimento ou me tornaria encarregado em alguma área ou estagnaria no cargo de Assistente Técnico III. Vi uma oportunidade de crescer, mas eu precisaria propor uma mudança a duas diretorias, a central telefônica assim como as demais atividades deveria sair da área de Manutenção Industrial para a área de Computação e Tecnologia. Conversei com gerentes e diretores sobre a proposta, o gerente de Computação e Tecnologia foi o único a aceitar os demais se recusaram. Aquela decisão foi frustrante, percebi que meu crescimento profissional seria nulo naquela situação.

Coincidência ou não, na mesma semana da resposta negativa à minha proposta, meu amigo Sardinha me disse que havia uma vaga de Técnico em Telefonia na empresa aérea em que ele trabalhava, o salário era menor, mas havia um plano de carreira na área de Telecomunicações que poderia chegar ao cargo de diretor. Pedi mais informações sobre o que precisava fazer. Ele falou: Não precisa nada, vou indicar seu nome ao gerente. Aguarde e ele deverá lhe chamar para uma conversa. Alguns dias depois recebi uma ligação do gerente de Telecom da empresa aérea me convidando para uma entrevista. No dia agendado compareci na sede da empresa, ele me recepcionou começamos a conversar. Como praxe, me perguntou sobre minha experiência profissional, porque queria trabalhar na empresa, quais meus objetivos. Depois ele me uma proposta e eu uma contraproposta. Chegamos a um acordo e aceitei ir trabalhar lá.

Comuniquei meu gerente que estava de saída e pedi que me demitisse, assim receberia um dinheiro de indenização, mas ele se negou. Disse não haver motivos para me demitir. Então redigi uma carta de demissão. Me

despedi de todos os colegas, agradei os ensinamentos, as broncas as críticas.

Na semana seguinte me apresentei na nova empresa, era estranho pois era mais novo de idade e da casa, o mais novo de tempo de casa tinha nove anos na empresa. O gerente me apresentou à equipe, eram oito técnicos e um coordenador, a equipe se dividia em técnicos de REDE, PABX, telefonia de campo e rádio. O coordenador me explicou que eu passaria um tempo em cada subárea, mas meu foco era telefonia de campo. Me mostrou um escaninho e nele haviam muitas ordens de serviço em aberto, disse que aquele seria meu trabalho, selecionar as ordens de reparo de telefonia, ir ao setor reclamado e efetuar a manutenção. Observei que haviam ordens a mais de um ano pendentes, questionei porquê ordens tão antigas estavam ali, ele falou: - Ficaram aí, não são importantes. Eu pensei: - Se é um defeito, como pode não ser importante?

Ele indicou um técnico que ficou responsável por me mostrar as atividades, durante uma semana o acompanhei e percebi que a rotina era de pura procrastinação. Chegávamos às sete e meia, eles se sentavam num sofá que havia na sala e ficavam lendo jornal, revista ou apenas conversando. Por volta das nove horas se levantavam para tomar café, às dez selecionavam uma ou duas ordens de serviço e simplesmente sumiam. Retornavam no fim do expediente com as ordens assinadas, pegavam suas coisas e iam embora. Para mim aquela atitude era inconcebível, uma lista de problemas pendentes e os caras simplesmente atendiam duas ordens por dia.

Quando tive autonomia, saía da sala com dez, vinte ordens, se desse tempo, pegava mais ordens até o fim do expediente. Um mês após minha chegada, o gerente passou na seção para ver como andavam as coisas e meu trabalho,

ele percebeu que a caixa de ordens tinha apenas cinco pendências e todas do dia anterior. Ele parabenizou a equipe pelo mutirão, o coordenador agradeceu. O gerente então perguntou quem havia tratado todas as ordens pendentes. O gerente viu as ordens que estavam na mesa para fechamento e percebeu que praticamente todas tinham minha assinatura e matrícula. Ele chamou todos os técnicos, e pediu que eu me retirasse. Achei que eu tinha feito algo errado, mas não foi o que aconteceu. Ele chamou a atenção da equipe por que eu tinha realizado o trabalho que seria obrigação deles, que não admitiria mais aquele tipo de situação, o trabalho deveria ser dividido.

Depois desta reunião, o ambiente profissional piorou substancialmente, passei a ser hostilizado, soltavam piadinhas, diziam que eu era um otário, deveria me encaixar ao modo de trabalho deles, etc. Conversei com o coordenador sobre esta situação e ele falou: - Não se preocupe, eu e nosso gerente percebemos que você é bom profissional, esforçado e não fez exatamente o que deveria ser feito. Um tempo depois as coisas acalmaram e uma rotina de trabalho foi colocada pelo coordenador. Já o clima na empresa não era muito bom, sentia uma tensão diferente, algo estava para acontecer, mas ninguém falava nada. Pessoas estranhas visitavam nossas salas técnicas, faziam perguntas sobre os equipamentos, sistemas e sobre nós. Um dia o gerente esteve em nossa sala e nos chamou para uma reunião. Ele falou: - A empresa decidiu terceirizar toda a área de telecomunicações. Ainda não sabemos as datas nem as áreas que serão terceirizadas primeiro. As empresas contratadas se comprometeram a contratar os profissionais. Os técnicos entraram em pânico, não sabiam se todos seriam absorvidos pelas empresas, seus salários e benefícios seriam mantidos. Eu fiquei tranquilo, mas pensei que tipo de empresa poderia assumir as áreas, se haveria oportunidade de crescimento, eu pensei no futuro.

O faz tudo.

Continuava minhas atividades normalmente, mas agora atuava em outras funções, antes eu só cuidava de problemas de telefonia, mas com o pânico dos outros técnicos sobre a terceirização passei a atuar em praticamente todas as funções. Fazia reparo em terminais, rede de dados, programação no sistema PABX e até no sistema de rádio RF de comunicações com aeronaves eu atuei. Houve uma situação inusitada, o técnico responsável pelo sistema de rádio havia viajado para o nordeste e outro problema aconteceu em Belém do Pará. O gerente me disse para ir resolver, liguei para o técnico que estava no Nordeste e perguntei o que eu precisava, ele disse para levar apenas uma unidade de RF e substituir, pois, pela descrição do problema, algo tinha queimado neste equipamento. Separei uma unidade, embalei, pedi as passagens e fui para Belém do Pará. Vôo chegou no fim do dia e só pude ir na central de rádio no dia seguinte.

O lugar ficava numa clareira no meio da floresta Amazônica, chegando ao local me identifiquei e o coordenador me mostrou a unidade com problema. Substituí o equipamento e re programei para a frequência da unidade defeituosa, liguei tudo e pedi ao operador testar uma comunicação. Nada, nenhum sinal. Fui ver se havia algo de errado nas conexões e percebi um buraco na guia de ondas. Perguntei se havia alguma reserva e me disseram que não havia nada. Liguei para meu gerente no Rio de Janeiro e informei o que estava acontecendo, ele disse que enviaria uma nova guia de ondas, porém só chegaria dois dias depois. Estava programado ir em um dia e voltar em outro, pela nova programação seriam cinco dias e eu não tinha levado roupas suficientes.

A guia de ondas chegou no fim de dois dias, iniciei os trabalhos no dia seguinte. Lancei a guia, fiz as conexões no

equipamento e na torre, testei a continuidade de sinal e pedi ao operador fazer um teste. Funcionou, mas havia muito ruído, muitas interferências. Fiz um novo checkup no sistema, subi na torre de trinta e cinco metros de altura, a paisagem era belíssima, via-se ao longe um tapete verde, era a floresta Amazônica. Analisando as antenas, percebi que os conectores estavam extremamente oxidados. Desci da torre e liguei novamente para o gerente, comunicando o fato. Desta vez ele me mandou um kit completo de conectores e a antena, seriam mais dois dias de espera.

O equipamento chegou numa sexta-feira no fim do dia e nos fins de semana era proibido reparos nos sistemas, então aproveitei o fim de semana na cidade. Os técnicos da estação de rádio me levaram para conhecer a cidade. No sábado saímos para comprar roupas, pois não tinha mais o que vestir, fomos ao famoso Mercado do Vero Peso. À noite me levaram numa boate de strip tease. No domingo me levaram a uma praia muito linda. Resolvi dar um mergulho e percebi que a água era doce. Se era um rio ou um lago, não se via a outra margem.

Na segunda-feira reiniciei o trabalho de troca da antena e os conectores, foram 5 dias de este trabalho, ao todo foram 16 dias em Belém do Pará, mas o sistema estava perfeito, vários foram os elogios pois muitos reparos foram feitos, mas nenhum solucionava por completo o problema.

Me despedi de todos, remarquei minha passagem e fui para o hotel, eu embarcaria no dia seguinte após o almoço. Chegando ao aeroporto quem estaria no mesmo voo que eu? O técnico de rádio que eu substituí nesta atividade. Perguntei o que estava fazendo em Belém e ele falou: - Sai do Nordeste e resolvi tirar dois dias de folga e vim para cá.

Observei que o avião estava com uma de suas turbinas abertas se estivesse trocando o óleo. Os mecânicos terminaram o serviço, fecharam a turbina e nos chamaram para o embarque. Seriam 4 horas e meia de voo. Estava tranquilo até a metade do caminho quando percebi uma guinada do avião para o lado direito, o sol que entrava na janela ao meu lado, passou para o lado oposto. Cutuquei o meu colega de trabalho e o avisei que o avião tinha feito meia volta, ele disse que não me incomodasse, até que o comandante anunciou: - Prezados passageiros, boa tarde, devem ter percebido que fizemos meia volta. Estamos com um pequeno problema técnico em uma de nossas turbinas e por segurança estamos retornando a Belém. Mantenha a calma e a tranquilidade pois este avião tem autonomia de voar apenas com uma turbina. Alguém ouviu calma e tranquilidade??? Os passageiros entraram em pânico e eu também. O retorno a Belém ocorreu sem transtornos, apesar da preocupação de todos. Chegando lá, fomos levados ao hotel, pois nosso voo sairia apenas no dia seguinte.

Você está maluco?

Seguia minha rotina normalmente, trabalhando durante o dia e estudando na CEFET à noite, enquanto os outros técnicos estavam em pânico, a tensão pela terceirização não me abalava. Um dia o gerente chegou na seção com dois homens engravatados, ele nos chamou para uma reunião e apresentou os dois, disse que eram diretores de uma empresa que seria a terceirizada a assumir nossa área. Eles falaram de sua empresa, o que fariam tecnicamente, o campo de atuação e por fim o que fariam conosco. A proposta não era boa, dos nove técnicos apenas dois seriam contratados diretamente, os demais seriam subcontratados, ou seja, sete profissionais seriam quarteirizados. A probabilidade de perdas monetárias e de benefícios era grande.

Eles disseram que estavam avaliando o perfil dos profissionais para saber como fariam as mudanças e que em breve ele viria nos comunicar. Se despediram e foram embora. Percebi o pânico se formar nos outros profissionais, gente que estava prestes a se aposentar, outros com vinte, trinta anos de casa e poderiam perder tudo e eu neste fogo cruzado, me mantive calmo, sempre vendo tudo como uma oportunidade. Eu tinha uma responsabilidade a mais, minha namorada estava grávida e resolvemos que moraríamos juntos.

Na mesma semana do anúncio da terceirização, um outro comunicado ocorreu na CEFET, o reitor junto com o coordenador do curso chamou alguns alunos para uma reunião, eu era um deles. Ele anunciou que a CEFET firmara uma parceria com a TELERJ CELULAR para contratar alunos de diversos semestres para desempenhar atividades técnicas e profissionais dentro da empresa. Receberíamos treinamento específico e salário compatível com a função desempenhada, benefícios como plano de

saúde, vale refeição, etc. Ele explicou que, alunos que já possuíam formação técnica, seriam nomeados coordenadores técnicos, os alunos do último semestre que não tinham curso técnico, seriam nomeados técnicos e os do penúltimo semestre seriam auxiliar técnico. Pediu que aos interessados preencher uma ficha e aguardar para uma entrevista. No dia seguinte estava assistindo uma aula quando o coordenador do curso me chamou para conversar, perguntou porque eu aceitei a proposta visto estar empregado como profissional em uma grande empresa, informei os motivos e ele falou: - Ok, você pode começar na semana que vem? A minha resposta foi: - Sim.

No dia seguinte não fui para a seção, segui direto para o escritório do gerente, anunciei minha saída, expliquei os motivos e ele me informou que estaria tudo certo e que me incluiria no Plano de Demissão Voluntária, que eu receberia alguns benefícios além das multas rescisórias. Ele pegou um formulário, pediu para que eu preenchesse, segui comigo até a seção e anunciou minha saída, peguei meus pertences e me despedi, agradei a todos a oportunidade e fui embora. Dois dias depois retornei à empresa pois esqueci um pertence numa gaveta, lá estava um dos diretores da terceirizada e quando me viu me chamou para conversar: - Você pediu demissão? Você seria um dos nossos contratados diretos, iríamos lhe pedir para coordenar a equipe. Eu agradei e disse que já estava em outra empresa.

Você está maluco?? Esta foi a resposta de muitos de meus colegas quando falei que havia me demitido de uma empresa aérea, para investir numa nova empresa e trabalhar com uma nova tecnologia. A resposta eram as mais diversas para a expressão de estar maluco: "Só rico tem telefone celular, esta coisa não vai crescer no Brasil", "Não sabe se esta tecnologia vai vingar, para mim, não dura dois anos", "Deixaste uma empresa de setenta anos para

entrar numa empresa que tem menos de três anos". Eu desconsidere o pessimismo e segui na minha convicção que esta seria a oportunidade, eu sou um agitado por natureza, não gosto de ficar parado, sou ávido por conhecimento e mesmo que caia no esquecimento ou que a tecnologia de telefone celular não cresça, eu aprendi uma coisa nova.

Tecnologia do futuro?

Foram 3 semanas de treinamento, aprendi muito sobre o que chamavam de tecnologia do futuro, a promessa que transformaria a forma de nos comunicarmos. O discurso era bonito, a tecnologia diferente de tudo que eu havia visto, mas achava que aquilo estava mais para um produto voltado às pessoas de maior poder aquisitivo. Obter uma linha e aparelho eram mais caros que um carro de médio porte, no subúrbio era possível comprar uma casa achava um absurdo. Mesmo assim não tirou minha animação, segui as três semanas do curso e eu por ser técnico formado, seria coordenador, então tive ainda uma semana a mais de treinamento sobre liderança e gerenciamento.

Fomos divididos em equipes. Sob minha responsabilidade ficaram duas meninas, ambas de nome Patrícia e o Marcus. Fizemos uma dinâmica em que nos apresentamos e contamos nossas experiências, depois o gerente chamou equipe por equipe e apresentou o responsável por nos direcionar as atividades. Ele nos deu um aparelho celular, baterias sobressalentes, carregadores extras, um equipamento de medição e geolocalização, este último recém importado, usaríamos um carro recém adquirido para este projeto, aquilo me impressionou. Nunca havia dirigido um carro zero quilômetro.

Nos passaram as atividades e saímos em campo. Minha equipe ficou responsável por fazer o que chamavam de rota. Percorreríamos trajetos predeterminados medindo o sinal de rádio celular a cada km, o trabalho parecia fácil, mas não era, podíamos andar na velocidade máxima de 60km/H, precisávamos controlar o geolocalizador, o equipamento de medição e a chamada que era feita para a central e marcar num mapa nossa posição, era complicado. Durante um mês percorremos a cidade do Rio de Janeiro, de dia e à noite, passamos sustos, rimos muito,

conhecemos os antros da cidade e locais belíssimos que não fazia ideia que existiam. Passávamos pela orla da zona sul na madrugada para ver o movimento, prostitutas, travestis se misturavam a turistas e jovens na boemia, a polícia passava e fazia vista grossa. As vezes parávamos para beber água de coco e descansar alguns minutos.

Um dia fazíamos a rota da zona oeste, à noite, iniciamos na Taquara, em Jacarepaguá e terminaríamos em Barra de Guaratiba. Percorriamos a avenida dos Bandeirantes, estava uma noite agradável e não ligamos o ar condicionado do carro. Eu abri a janela e fui de cara no vento ouvindo a Patrícia, que estava na central, falando dos dados que já tínhamos registrado, Marcus dirigia e a outra Patrícia fazia os controles no carro. Eu cochilei e o telefone caiu na avenida, me assustei e falei: - Marcus, pare o carro agora. Abri a porta e desci correndo, vi o telefone espatifado no asfalto, remontei e liguei para ver se funcionava. Cruzei os dedos e ele funcionou. Liguei para a central a Patrícia atendeu aos berros: - Que aconteceu? Bateram o carro? Foi tiros? Ouvi um estrondo e a chamada caiu. Já estava ligando para a polícia. Falei para ela: - Está tudo bem, foi só o telefone que caiu na avenida pois eu cochilei. Quando terminei de contar, caímos na gargalhada.

Nosso trabalho era elogiado pois descobrimos buracos nas programações de handover, no controle de tráfego. Apresentamos um plano de ajuste em vários pontos de nossas rotas. Nosso trabalho gerou uma reformulação na estrutura de todas as equipes, as rotas foram suprimidas e as equipes divididas em regiões da cidade e do estado. Ficamos responsáveis pela zona nobre da cidade, São Conrado, Barra da Tijuca, Recreio e Jacarepaguá. Teríamos que fazer o mesmo trabalho que fizemos nas rotas com a região. Foram meses de trabalho árduo.

Missões.

Nossa primeira missão foi iniciar uma chamada no túnel do Joá e chegar na Serra da Vargem Grande com a mesma chamada. Na primeira tentativa não andamos cem metros e a chamada caiu, olhamos uns para os outros e falamos juntos: - Vai ser foda. Naquele período, a telefonia celular no Brasil engatinhava, a tecnologia era analógica. Fizemos uma nova chamada e cem metros depois caiu. Resolvemos para o carro e conversar. Decidimos voltar para a central e rever todo o plano de programação das estações, tráfego, handover, posição das antenas, rever tudo. Descobrimos que estava tudo errado, de ponta a ponta na avenida, seria impossível realizar uma chamada e percorrer mais de um quilometro sem que a chamada caísse. Reformulamos o plano de ajuste e encaminhamos para a engenharia, dois dias depois nos entregaram o plano pronto.

Fomos para uma nova bateria de testes e desta vez saímos do Joá e fomos até Vargem Grande, apenas cinco quedas, era um sucesso. Identificamos os pontos de falha e pedimos os ajustes, realizamos um novo teste e sucesso. Em duas semanas a avenida das Américas era nossa. A segunda missão era mais complicada, fazer o mesmo na avenida Sernambetiba, encontramos o mesmo cenário. Diante do fato não adiantaria ir para a rua fazer testes, vamos rever todas as configurações primeiro e depois apenas conferir se funcionou. Depois de três meses de várias ações de nossa equipe, era possível falar e andar ao mesmo tempo sem que as chamadas caíssem ou tinham ruídos e interferências. Durante este processo, sentávamos com as outras equipes para passar nossas atividades e os resultados alcançados, assim todos conseguimos êxito em nossos trabalhos.

Certo dia o gerente geral me chamou, disse que eu teria duas missões importantes e que para cumprir teria que aprender a nova tecnologia que viria substituir o obsoleto sistema analógico, o celular digital chegara ao Brasil. Fiz um treinamento de uma semana com mais dois coordenadores e na semana seguinte fomos saber quais eram as missões. Ele nos dividiu em grupos, um coordenador técnico, um analista de marketing e um consultor de vendas, depois passou as missões: - Vocês irão acompanhar a corrida de Fórmula Indy no autódromo de Jacarepaguá. Irão apresentar a nova tecnologia da empresa para as pessoas. Elas poderão realizar chamadas à vontade para qualquer lugar do Brasil e do mundo. Na semana seguinte vocês irão ao congresso mundial de cardiologia no Rio Centro fazer a mesma coisa.

O sucesso de nossa ação foi grande e na semana subsequente ao congresso nos deram outra missão, levaríamos a formadores de opinião aparelhos para degustação, explicariamos a tecnologia e o funcionamento do aparelho. Visitamos pessoas importantes, influentes e de muito dinheiro, conheci artistas de renome, um diretor de TV, um dono de TV, Empresários da música, músicos, diretores de grandes empresas, foi uma experiência contrastante, pessoas de uma receptividade ímpar e outras de uma arrogância de dar nojo, enfim, cumprimos nossa missão.

Virei professor.

Voltei aos trabalhos de análise de qualidade, mas não tinha mais minha equipe, passei a ser um apoio geral, rodava cada dia em uma equipe avaliando o panorama da região que atuavam e se precisavam de apoio técnico gerencial. Ficou bom por um lado, chato por outro, nossa equipe era muito unida, trabalhávamos e nos divertíamos ao mesmo tempo e não vi isto nas outras equipes, havia discórdia, confusão e até brigas. Um dia presenciei uma briga de egos em uma equipe e por mais que tentasse fazer o entendimento das partes não consegui, fui para casa extremamente irritado. Neste mesmo dia recebi uma ligação em meu celular, no meio da Linha Vermelha, uma via expressa do Rio de Janeiro, a pessoa falou algumas coisas que não entendi, então apenas respondi: - Camarada, estou dirigindo, não entendi bulhufas do que disse, se puder me ligue em uma hora. Desliguei o telefone. Uma hora depois recebo a chamada, um homem disse que havia trabalhado com um amigo em comum e ele deu o meu telefone dizendo que eu era especialista em tecnologia celular, que ele tinha uma empresa de consultoria e treinamento e que precisava de um profissional com o meu perfil. Disse que queria conversar pessoalmente comigo sobre uma proposta de trabalho. Marquei com ele no dia seguinte pois estaria pela região de sua empresa.

No dia seguinte me apresentei e ele me contou como chegou ao meu contato. Disse que o amigo comum seria o Sardinha, o mesmo que me levou para a companhia aérea. Ele disse que eles tinham um contrato com uma grande empresa de tecnologia, que instalava um sistema nas companhias de telefonia celular e que sua realizavam treinamento e consultoria deste sistema. Completou dizendo que seus profissionais possuíam grande experiência em Tecnologia da Informação e percebeu que as principais dúvidas dos treinados e nas consultorias

estavam ligadas a telecomunicações, mais precisamente à telefonia celular, que eu me encaixava no perfil e queria me contratar. Ele perguntou meu salário e benefícios. Eu respondi. Ele me olhou e falou: - Cubro os benefícios e pago o dobro de seu salário. Se eu aceitei?? Pare e pense: "Trabalharei com uma nova tecnologia, farei uma atividade nova, conhecerei novas pessoas, ganharei mais e minha filha era recém-nascida, precisarei de dinheiro para sustentar mais uma cabeça". Minha resposta foi imediata: - Quando posso começar.

Me despedi da equipe, e na semana seguinte me apresentei ao novo trabalho. O dono da empresa me mostrou a minha sala (eu teria uma sala só minha), mesa, computador, estante com livros, uma janela que dava para ver o outro prédio, me apresentou todas as pessoas que trabalhavam por lá e me disse que alguns estavam viajando e que me preparasse, pois eu viajaria muito.

Ele me inseriu em uma série de treinamentos necessários para conhecer o sistema. Aprendi UNIX, princípios de Banco de Dados, Windows, didática de aula e o próprio sistema. Trabalhar nesta nova empresa era engraçado, era tudo diferente, o pessoal era mais calado, mais focado nas coisas enquanto eu era expansivo, falava o tempo todo, brincava muito com as coisas. Um dia me mostraram um sistema que você conseguia controlar outro computador, fiz uns testes e enquanto fazia os testes, o senhor que fazia a limpeza parou para observar o computador na sala ao lado se mexendo sozinho. A sala estava escura só aquele computador ligado e as coisas na tela mexendo sozinho. Ele ficou assustado e veio na minha sala falando: - Sr. o computador da sala do lado está possuído, ele está fazendo as coisas sozinho. Eu falei: - Deve ser o espírito do zelador fantasma. Ele arregalou os olhos e falou: - O senhor conhece a história? Eu respondi: - Sim, conheço. Me disseram que ele se apodera de uns

computadores aqui do prédio para assustar as pessoas. Ele saiu correndo da sala. Eu fui atrás dele falando que era brincadeira, que eu estava testando um aplicativo de controle remoto. Ele parou me olhou e demos rizada juntos.

Depois de umas seis semanas de treinamento o dono da empresa me chamou e me mostrou uma sala com quinze pessoas e falou: - Hoje você dará aula para eles. Apresentará o capítulo dois do sistema. Ele entrou e se sentou no fundo da sala. Eu tremia, as pernas bambearam, engoli seco, entrei na sala, me apresentei, pedi que cada um se apresentasse e comecei. Apresentei o módulo para a turma, respondi a muitas perguntas sobre telecomunicações e sobre o sistema. Foi muito bom para uma primeira vez. Depois da aula o dono me falou: - Parabéns, está pronto. Semana que vem vamos para São Paulo para sua primeira turma.

No dia seguinte ele me perguntou se eu tinha paletó, gravata, roupa social. Eu disse que não, ele então me chamou para almoçar. Durante o almoço, conversamos sobre o treinamento em São Paulo, disse que era uma nova empresa de telefonia celular e que seria tranquilo, apenas sete pessoas, mas deveria tomar cuidado com um gerente, pois ele era muito questionador. Depois do almoço ele me levou a uma alfaiataria, conversou com umas pessoas e ouvi dele o seguinte comentário: - Um traje completo para o garoto. Recebi um terno, duas camisas sociais, sapato, meias, e três gravatas. Fiquei pensando em como iria pagar aquilo tudo quando ele disse: - Esta é um presente meu pelo que você apresentou ontem. Você me surpreendeu, muitos nem conseguiriam falar, você falou, apresentou, respondeu perguntas com uma segurança de profissional, por isto este presente.

A primeira aula.

Estava revisando os manuais de treinamento, os simuladores, alterando algumas coisas quando o dono da empresa me chamou em sua sala. Ele pediu para me sentar, me deu um envelope e falou: - Estas são as passagens e as reservas do hotel para sua ida para São Paulo, iremos na segunda-feira pela manhã, serão quatro dias de treinamento. Eu me levantei e retornei para as minhas atividades.

No dia anterior a viagem, estava nervoso, ansioso, arrumei a mala, preparei o material, no dia seguinte, me levantei cedo, chamei o taxi, me arrumei e parti para o aeroporto. Lá, me encontrei com o meu chefe e seguimos para São Paulo. Durante o voo conversamos sobre o trabalho e que eu deveria me preparar para muitas viagens pois eles fecharam treinamento e consultoria em outras operadoras.

Chegando na empresa fui apresentado ao diretor de operações e segurança e ele nos conduziu até a sala de treinamento, a turma já nos aguardava. Eu iniciei me apresentando, falei o meu nome e o que fazia antes de ser consultor, em seguida pedi que cada um se apresentasse e falasse o que fazia na empresa, neste momento o dono da empresa arregalou os olhos, não sei se reprovou ou aprovou o que fiz.

Depois das apresentações, entreguei a primeira apostila do treinamento e iniciei o curso. Falei de telefonia celular, os princípios, seu funcionamento, isto não estava na apostila e não fazia parte do treinamento, mas achei importante eles conhecerem o seu funcionamento para entender algumas possíveis fraudes no serviço. Mais uma vez o dono arregalava seus olhos e eu ainda na dúvida se aquilo era reprovação ou aprovação. Quando comecei a

falar do sistema fui interrompido por um homem de cabelos grisalhos e paletó, ele falou: - Não entendo a necessidade da empresa investir neste sistema, a empresa implantou um sistema de telefonia celular digital de última geração e não suscetível a fraudes. Eu falei: - O sistema vai além de identificar possíveis fraudes, mas também pode ser usado para avaliar perfil de consumo dos clientes.

Decorrido a primeira parte saímos para almoçar. Perguntei ao dono da empresa o que estava achando da apresentação, ele se disse surpreso pois havia introduzido pontos importantes e que não imaginava o meu conhecimento sobre o tema e principalmente como desvencilhar de situações adversas.

A segunda parte do treinamento foi mais tranquila, apresentei o simulador e fui explicando as fraudes mais comuns, como identificar, como tratar e como cobrar. A turma tinha muitas dúvidas e como era esperado elas eram sobre telefonia celular. Eu expliquei de maneira mais fácil e menos técnica possível.

Terminamos o primeiro dia de curso e fomos jantar, recebi alguns elogios e algumas críticas. O dono da empresa disse que eu falava muitas gírias, que gesticulava muito, que ficava parado no mesmo lugar e não olhava nos olhos dos alunos. Disse que isto iria melhorar com o tempo. Cheguei ao hotel quebrado, tenso, mas feliz de ter passado na primeira aula, mas ainda faltariam mais dois dias de treinamento pela frente.

Aluno chato.

Acordei cedo e revisei o que seria dado neste dia de treinamento, desci para o café não encontrei o dono da empresa, de certa forma foi até bom, pela manhã gosto de silêncio, voltei ao quarto para me arrumar e parti para a empresa. A turma estava na sala do café e ficamos conversando, uma das meninas comentou sua curiosidade sobre o funcionamento das máquinas de café, eu brinquei e disse que havia um japonês dentro que preparava tudo, eis que entra um oriental baixinho e eu disse: - Está na hora se trocar o turno. As meninas caíram na gargalhada.

Fomos para a sala e iniciei o segundo dia de treinamento, o senhor de cabelos grisalhos me interrompeu diversas vezes com alegações que era infundada a necessidade de a empresa adquirir aquele sistema, pois a tecnologia instalada era imune a fraudes. Aquilo começou a me incomodar, mas eu respondia sempre de forma calma: - Nenhum sistema é cem por cento imune, sempre haverá meios de burlar ou fraudar os sistemas.

Segui o cronograma e fomos ao almoço com os alunos, uma das meninas me chamou e falou: - Este cara é muito chato né? Eu apenas disse: - Ele não é chato, ele tem suas razões para indagar, mas como eu disse nenhum sistema é imune a fraudes. Retornamos ao treinamento, debatemos alguns pontos relativos as tecnologias e mostrei que as maiores tecnologias já criadas foram fraudadas, mas mesmo assim o senhor grisalho falou, mas desta vez mais raivoso: - Este curso é um gasto desnecessário, este sistema é desnecessário, nossa tecnologia nunca será fraudada. Naquele momento ele me desafiou. Fui ao quadro negro (que era branco), peguei a caneta, tracei um risco na vertical separando uma parte e escrevi o nome de quatro equipamentos, me virei e falei: - Amanhã o senhor me traga estes equipamentos descritos e dois aparelhos celulares que

eu os fraudarei. Ele perguntou: _ O que vai fazer? Eu respondi: - Vou clona-los. Os equipamentos não vieram e a aula a partir daquele momento foi muito mais tranquila.

No último dia de curso, simulamos diversas fraudes no sistema e os meios de barrar e bloquear os terminais. Mostrei que alguns alertas necessitavam de uma análise mais criteriosa, pois necessariamente não seria uma fraude, mas uma mudança comportamental do cliente e bloquear o acesso ou ainda o incluir em lista de fraude poderia virar a perda deste cliente. Fomos convidados a uma festa pois a empresa comemorava cem mil terminais celulares vendidos, ela foi realizada num local muito lindo, pessoas chiques e divertidas. Conheci o presidente da empresa, alguns diretores, conversamos bastante e eles estranhavam um rapaz tão novo discutindo tecnologia e negócios como eles que estavam anos no mercado, o dono da empresa só observava. No dia seguinte voltamos para o Rio de Janeiro, passamos na empresa para fechar o relatório quando o dono me disse: - Você não ficará muito tempo conosco. Eu olhei surpreso com a afirmação e falei: - Nossa, o treinamento foi tão ruim assim que vai me demitir? Ele respondeu: - Não Vamos perder você para alguma empresa que der o treinamento, você é bom demais, a cada dia me surpreende. Aquilo que fez com o diretor comercial foi demais. Eu, assustado perguntei: - Diretor comercial? Eu desafiei o diretor comercial da empresa? Ele disse: - Sim, dois consultores desistiram na segunda aula, você foi o terceiro que enviamos e você o dobrou, o pôs quietinho. Achei demais, mas tenho uma pergunta, o que faria se ele levasse os equipamentos? Eu respondi: - Iria cloná-los, não é difícil, só ter os equipamentos certos e conhecer a tecnologia. Tomei aquilo como um grande elogio. Naquele dia, mesmo completamente esgotado de cansaço, estava muito feliz e com a sensação de dever cumprido.

Uma viagem diferente.

Me apresentei na segunda feira para o trabalho e já fui direcionado a um novo treinamento, este era algo específico, um overview do sistema para uma turma da Telerj Celular. Retornei à velha casa e revi antigos colegas de trabalho, pessoas que não via a uns meses. Combinamos o almoço e fui para a sala de treinamento. A turma como sempre já me aguardava, como seria só um overview, propus montarmos as cadeiras em ferradura e me posicione na frente, peguei a apostila fiz uma pose de quem iria ler, olhei para eles e joguei no chão, os alunos me olharam espantados, então falei: - Vim aqui para conversar com vocês, não vou abrir apostila, ela não será necessária. Comecei perguntando o que achavam do sistema, as dificuldades, o que era legal e o que não era. Cada um expôs suas dificuldades, as dúvidas e as coisas boas, como previ, a maioria das reclamações estavam relacionadas a falta de conhecimento no sistema de telefonia celular.

Fui almoçar com a meus antigos colegas de trabalho e relembramos as aventuras que vivemos. Relembramos o dia que subimos numa torre de quarenta metros de altura e o Marcus entrou em pânico e não queria descer, neste dia ficamos quatro horas para convencer ele a descer. Do dia que dormi e o celular caiu na estrada e Patrícia iria chamar a polícia, lembramos o dia que os traficantes da Rocinha prenderam uma equipe para usar o carro para alguma ilicitude, lembrei que este dia foi tenso, tentamos contato com a equipe e nenhum dos telefones atendia, mandamos uma equipe para localizá-los e ninguém os encontrou, do dia que caiu uma chuva torrencial e ficamos presos no prédio da TELERJ até as três da manhã e dormimos todos no chão da sala de reuniões. O papo estava bom, mas era hora de voltar. Na segunda parte do overview, resolvi rever com eles os principais tipos de fraudes, como tratar e como antever, o overview foi interessante, informalmente

debatermos como eles deveriam atuar nos casos de fraudes e houve maior compreensão de como melhorar o trabalho com a ferramenta.

A semana passei revisando o material, pois percebi muitos erros e introduzi um capítulo de introdução a telefonia celular, com informações básicas, mas fui interrompido. Fui chamado pelo dono da empresa para conversar, ele me falava de uma nova viagem, eu iria para Salvador. A empresa contratou um serviço diferenciado e eu seria o responsável por conduzir esta consultoria. Ele disse que seria treinamento em conjunto com consultoria on-line, ou seja, poríamos na prática o treinamento, seriam vinte dias de consultoria. Nesta época já estava casado e com uma filha de alguns meses. Ele me deu as passagens e reservas, avalei que sairia caro para a empresa idas e vindas nos fins de semana, a passagem aérea saía mais caro que a hospedagem, então fiz uma proposta, levaria minha família e ficaria os vinte dias direto, economizando para a empresa. Ele olhou e falou: - Garoto, és o primeiro a trabalhar comigo que pensa na empresa ao invés de você. Eu falei: - Eu penso em mim também, há desgaste de viajar dois finais de semana e ficar longe da família, nesta opção todos saem ganhando. Ele topou na hora, pediu trocar as passagens e emitir para a família toda.

Chegando em casa informei a minha esposa Helena que iríamos passar vinte dias em Salvador, faria uma consultoria e consegui negociar ida de todos, eu, ela e nossa bebê Iasmin. Descobri que viajar de avião com um bebê é complicado, muito difícil, ou no caso nossa filhinha é que seria agitada demais, enfim, chegamos na cidade e fomos ao flat reservado pela empresa. Depois de todos acomodados, fomos descansar. No dia seguinte, peguei um táxi e fui para o endereço indicado, achei estranho pois o local era um banco, procurava uma empresa de telecomunicações. Na recepção o segurança me indicou o

segundo andar, subi o elevador e uma nova recepção, nada indicava que ali seria uma empresa de telecomunicações. Não havia segurança, apenas uma porta, bati e ninguém respondeu, eu a abri e fui entrando. Havia uma grande mesa oval com várias pessoas sentadas em volta, estantes com computadores, monitores, modems e equipamentos, me apresentei e alguém me indicou outra sala no fim do corredor. Quando abri a sala e para entrar, alguém gritou: - Ei, quem é você? Que está fazendo aí? Saia já. Eu me assustei com aquilo, me virei me apresentei, ele pediu meu crachá, mostrei e disse o que procurava, ele então me disse que eu estava no prédio errado, ali era o Data Center da empresa e que eu deveria me dirigir ao escritório, que ficava em outro bairro. Agradei e me desculpei pela invasão, ele disse que estava tudo bem e me desejou sorte (não entendi esta parte) e fui embora.

Peguei outro táxi e fui ao endereço indicado, novamente nada indicava que ali seria uma empresa de telecomunicações. Muito diferente das outras que eu visitara antes que eram construções suntuosas, com logo da empresa, grandes aparatos de segurança, nesta não havia recepção, placas indicativas, nada. O homem do Data Center me indicou procurar o quinto andar, peguei o elevador, desci no andar indicado e novamente nenhuma recepção, apenas um grande salão com divisórias de meia altura e pessoas trabalhando. Parei numa das primeiras baias, me apresentei e a pessoa falou: - Procure o gerente da área. E apontou um senhor de grandes óculos e cabelos grisalhos. Me aproximei deste senhor e me apresentei. Ele era um italiano muito simpático, me cumprimentou e disse que todos estavam ansiosos pela minha chegada. Ele me levou a uma sala onde haviam duas mulheres e um homem, esta seria a turma de alunos e da consultoria, diferente das outras em que haviam dez ou mais participantes.

Me apresentei e começamos um bate papo informal, já que tudo seria diferente neste trabalho, resolvi começar de outra forma. Eles me disseram que já tinham feito o treinamento em outra empresa e que seria necessário apenas um overview do sistema, mas o interesse deles seria a aplicação prática na análise de fraude. Concordei então de passar pelos módulos do treinamento e falarmos apenas nos tópicos em que haviam dúvidas. O primeiro dia apenas alinhamos como conduziríamos nosso trabalho.

Voltei para o flat e saí com minha família para jantar na região, um simpático taxista nos levou a um bom restaurante de comida baiana, nos sentimos turistas e pela primeira vez em minha vida eu me sentia diferente, que havia mudado profissionalmente, que era reconhecido pelo trabalho e isto estava retornando em qualidade de vida para mim.

Turistando e trabalhando.

No segundo dia, o taxista que nos levou ao restaurante estava na porta do flat, parecia me aguardar. Entrei em seu carro e brinquei: - Dormiu aqui na porta? Ele respondeu que começa cedo o dia e sabia que eu sairia cedo para a empresa. Ele perguntou os meus horários de saída e chegada e se poderia fazer o meu transporte todos os dias, respondi que sim. Fomos conversando no caminho sobre a cidade, as coisas que haviam para conhecer. Ele disse que a cidade tinha muita coisa para se ver: praias, lagoas, cachoeiras, museus, shows, era só escolher e ele nos levaria. Pedi que nos levasse num lugar diferente à noite. Ele disse que nos levaria ao Pelourinho. Chegando na empresa eu agradei e ele me disse que estaria me esperando no horário combinado.

A turma me aguardava na sala do café, me aproximei e conversamos sobre diversos assuntos até entrarmos nos assuntos do treinamento e consultoria. Falamos então sobre os tipos de fraudadores, que existem os cínicos, os pilantras, os dissimulados e os que fraudam sem saber. Eles perguntaram como fraudam sem saber. Eu falei: Estas são as fraudes de consumo. O cliente sem perceber, excede a média de consumo. Ocorre normalmente numa adversidade como por exemplo: Uma viagem, uma doença, ou mesmo falta de controle. Mas os piores fraudadores são os profissionais, aqueles que vivem da fraude, pois arrumam sempre uma forma de burlar o sistema e merecem mais atenção e dedicação das equipes de Anti-Fraude. Eles então resolveram que abordáramos este tema na aula.

Fomos para a sala de treinamento e apresentei alguns exemplos de fraude profissional para explorarmos os casos. Falei que a identificação destes casos é demorada e normalmente afeta mais de uma linha de cliente.

Apresentei casos reais identificados pelo sistema instalado na empresa. Escolhemos um caso que estava causando um grande prejuízo, nele cem linhas estavam fraudadas. Durante três dias nos debruçamos sobre o caso, avaliamos como o fraudador operava, como ele burlava o sistema, os prejuízos, as formas de interromper a fraude e se este caso deveria ser levado à polícia. Montamos um relatório e apresentamos à gerência. A decisão gerencial foi realizar as ações propostas e levar o caso para equipe jurídica da empresa e eles saberiam o que fazer em relação a situação criminal do caso.

À noite saíamos em passeios pela cidade com o nosso novo amigo taxista. Ele nos levou na primeira noite ao Pelourinho e lá nos levou a uma praça para comermos algo. O garçom nos mostrou o cardápio e pedi um prato chamado abará, custava cinquenta centavos, preço absurdamente barato em relação as coisas no Rio de Janeiro. Achei se tratar de um bolinho pequeno, então pedi dez ao garçom. Ele começou a rir e o garçom falou: - Senhor, nossa porção de abará é bem servida para uma pessoa, acredito que três unidades satisfaçam vocês. Concordei com o garçom.

Realmente a porção de abará era bem servida, vinha uma massa de feijão fradinho cozida no vapor, camarão seco, salada de tomate verde e um potinho com um molho escuro. O taxero pegou o molho e pingou algumas gotas sobre a massa e começou a comer. Resolvi fazer o mesmo e quando iria pingar a primeira gota ele falou: - Meu rei, vá com calma, esta pimenta é forte. Eu recomendo uma gotinha e provar. Se você aguentar, pingue outra. Resolvi seguir a recomendação, ainda bem, pois a pimenta era forte, muito forte. Resolvi comer sem o molhinho mesmo. Um grupo de franceses sentava em uma mesa ao nosso lado, pediu o mesmo prato, porém, não perceberam a recomendação sobre o molho de pimenta, resultado, um

dos homens derramou o pote sobre o abará e comeu. Ele começou a gritar de desespero, pegou a tulipa com caipirinha e virou de uma única vez, ele ficou vermelho, seus olhos lacrimejavam e seus companheiros rachavam de rir.

Cada dia ele nos levou em um local diferente para conhecermos. Fomos ao Farol da Barra para contemplar sua beleza, ao Porto da Barra, passeamos pela orla, fomos ao Museu de Arte Sacra, mas o Pelourinho era o nosso point. Havia muitas atrações por lá: shows de música, teatros, comércio, igrejas, muita coisa reunida num só lugar.

Ele propôs nos levar a Praia do Forte no fim de semana, um vilarejo na beira da praia que ficava a setenta quilômetros de Salvador, dividiríamos o combustível e ele levaria sua família para um passeio. Topamos a proposta e seguimos para lá no dia combinado. O caminho até lá foi simplesmente maravilhoso, paisagens lindas, praias, dunas, rios, vilarejos, tudo muito simples e belo. Chegando à Praia do Forte, percebemos um vilarejo de ruas de areia de praia em que não entravam carros, uma vila simples, mas com muitos turistas e opções de restaurantes, pousadas e pequenas lojas. Passamos um dia muito agradável, com uma praia simplesmente maravilhosa, bons restaurantes com preços justos, uma pena que passou rápido este dia. No retorno à Salvador, avisamos que o dia seguinte iríamos descansar no flat, pois tivemos uma semana muito agitada.

Procuramos um profissional.

Um dia eu saí atrasado e esqueci de passar desodorante. Como usava terno e gravata nos treinamentos, fiquei preocupado com o calor, suor e odores indesejados. Segui o treinamento normalmente sem identificar nada anormal. No meio da manhã, fui ao banheiro e senti um odor de suor muito forte e fiquei preocupado, pensei: - Droga, o suor começou a fazer seu efeito e eu não usei o desodorante. Como vou fazer? Entrei na sala e segui o treinamento, porém passei a gesticular menos, procurei deixar os braços para baixo. Próximo ao almoço fui ao banheiro novamente, minha intenção era passar um papel húmido e diminuir o odor. No caminho cruzei com um rapaz, por acaso cruzei com ele antes e senti o mesmo odor. Percebi que não era eu a exalar o odor, mas ele o exalava. Eu respirei aliviado, literalmente. Mesmo assim, após o almoço fui a uma farmácia e providenciei um desodorante.

Os demais dias de treinamento seguiram o planejado, debatemos as dúvidas, fraudes, identificamos outras condições. Uma das meninas recebeu uma ligação e ela começou a falar e anotar ao mesmo tempo: - Sei, precisa conhecer PABX, Callcenter, Rede de computadores, sistemas operacionais, pacote office. Olhe não sei, conheço alguém, mas não com todos estes conhecimentos, mas vou ver aqui. Ao ouvir aquilo, perguntei se estavam procurando um profissional com aquele perfil, ela confirmou e disse que não conhecia um com todos os conhecimentos, eu disse que ela conhecia sim, eu. Ela me olhou e falou: - Ué, não és especialista em sistema antifraude celular? Eu disse que sim, mas que já havia atuado em todas as áreas que ela citou, ela perguntou se eu aceitaria mudar para Salvador, disse que sim, então ela pediu que eu deixasse o currículo. Eu não tinha nada, me sentei no computador e redigi um

currículo simples, entreguei a ela e continuamos o treinamento.

Terminado o treinamento e a consultoria, me despedi de todos, agradei a atenção e eles agradeceram aos ensinamentos e aos problemas resolvidos, fui falar com o gerente e ele me apresentou ao diretor, outro italiano muito simpático, conversamos um pouco, pois estava atrasado para realizar o checkout no flat. Desci, peguei o táxi com o motorista de sempre, chegamos e ele disse que esperaria para nos levar ao aeroporto. Desci com Helena e Iasmin, entramos no táxi e partimos. No aeroporto ele nos ajudou com as malas e ao me despedir ele segurou minhas mãos e falou: - Oh meu rei não darei três meses para vocês estarem de volta, e quando vierem, me procurem, viu. Fiquei com aquilo na cabeça, mas enfim, temos que partir. Na volta, mesmos problemas de sempre, bebê chorando, agitada, nervosa até nosso destino.

Chegamos em casa e recebi uma mensagem no meu Pager do dono da empresa: "Tire o resto da semana de folga, seu serviço foi muito elogiado, parabéns". Esta folga caiu como uma luva, seriam três dias de descanso, só que não, havia muita coisa para resolver, aproveitamos para organizar o apartamento que estava uma bagunça, visitei uns amigos que não via desde que comecei a viajar e fui resolver outras questões relacionadas aos meus estudos, pois me formei pouco antes de entrar na empresa e não havia dado entrada nos papéis do estágio. No último dia de folga uma mensagem: "Anote número do PTA, endereço do hotel e empresa que fará a consultoria. Vão às 7 da manhã, Galeão". Uma nova consultoria e nem sabia onde seria, a rotina de sempre, arrumar as malas, separar documentação, no dia da viagem, chamar o táxi, seguir para o aeroporto, procurar a companhia aérea e descobrir o destino: São Paulo.

Segui direto para a empresa que havia realizado o treinamento alguns meses antes, pensei que haveria uma nova turma, mas não. Seria uma consultoria semelhante à realizada em Salvador, aplicação do treinamento na prática. Eles descobriram uma fraude grave e não sabiam como atacar. Me reuni com os analistas que havia treinado e fomos avaliar o cenário. Era exatamente o mesmo que tratamos em Salvador, mas não disse a eles, segui como se fosse algo novo, pois eles precisariam aprender. Depois de identificado, fizeram o relatório, bem parecido com o da outra empresa, porém com uma solução mais branda, mas tão eficaz quanto a outra. Esta consultoria levou três dias.

No segundo dia, recebi uma mensagem no Pager: "Ligar urgente para a empresa, anotar telefone". Era a empresa de Salvador, pensei: - Será que houve algum problema na consultoria? Pedi um tempo para a equipe e fui telefonar. Uma mulher me atendeu e disse ser do RH da empresa e que o diretor de Tecnologia queria conversar comigo e se eu teria disponibilidade para ir a Salvador no dia seguinte. Eu disse que não poderia, pois estava em outra consultoria e que somente na sexta-feira poderia me deslocar para lá. Ela então me disse que conversaria com o diretor e me retornaria o contato. Algumas horas depois a mesma mensagem: "Entrar em contato telefone". Liguei novamente e a mulher me perguntou que horas terminaria a consultoria naquele dia. Informei que por volta das dezoito horas, ela então pediu para retornar assim que chegasse ao hotel e me passou um número de telefone.

Assim que cheguei ao hotel, liguei para o número fornecido, um italiano atendeu, era o diretor que me recebera em Salvador quando realizei a consultoria. Ele falou que gostou do currículo e que queria bater um papo sobre o perfil profissional. Começamos a conversar, porém não entendia nada do que ele falava, seu forte sotaque italiano impedia a comunicação, pedi desculpas

por não estar entendendo e perguntei se ele não queria conversar em inglês, foi pior ainda, ele então se desculpou e pediu uns minutos. Um outro homem se apresentou e disse que serviria de interprete. Recomeçamos a conversa, ele perguntou sobre minha experiência nos sistemas que eles precisavam, falou qual seria a atividade, onde trabalharia e se eu toparia a mudança do Rio de Janeiro para Salvador. Eu disse que sim. Eles então agradeceram e ficaram de retornar.

Terminada a consultoria retornei para casa, não falei para Helena sobre a entrevista, nem na empresa. Segui normalmente meu trabalho. Na sexta-feira o dono da empresa me chamou em sua sala e falou: - Temos um novo desafio. Agora você será o analista de fraude. Uma empresa em Brasília está reformulando sua estrutura e contratou nosso serviço de análise de fraude. Eu então falei: - Não sou analista de fraude, sou consultor e instrutor do sistema antifraudes. Ele respondeu: - Você tem todas as características para conduzir este trabalho com excelência. Falei então: - Que seja então um novo desafio. Quando será o início? Ele respondeu: Segunda-feira.

Terra Seca e um novo trabalho.

Chegando em Brasília, fui direto para a empresa e me apresentei ao gerente de operações. Ele me recebeu e apresentou aos demais colaboradores do setor, me mostrou onde trabalharia e fomos conversar sobre as atividades. Descobri que a consultoria seria de três meses, que eu teria carta branca para as ações de bloqueio e atuação nas fraudes, que coordenaria uma equipe de seis analistas, mas que ainda estariam em fase de contratação. Ele disse ainda que eu ficaria em Brasília de segunda a sexta e se quisesse, retornaria nos fins de semana para casa. O primeiro dia foi de conhecimento das pessoas responsáveis por executar as ações de minhas análises. Algumas pessoas muito simpáticas outras nem tanto. Um fato diferente naquela empresa, não entendia porque a cada hora uma senhora passava em minha mesa e trocava o copo de água, ela perguntou porque não bebia a água e disse que se não bebesse iria ficar seco. Fui descobrir o que se tratava da pior forma possível.

O hotel ficava do outro lado da rua, assim não seria necessário perder tempo com transporte, isto foi muito bom. Quarto de hotel parece tudo igual, porém este tinha uma coisa diferente. Havia uma valeta na porta da varanda feita de azulejos, como se fosse um lava pés e tinha duas toalhas dobradas ao seu lado. Fazia muito calor, eu tomei meu banho, pedi o jantar no quarto, liguei o ar condicionado e fui me deitar, estava cansado da viagem mais o trabalho do dia. Na madrugada acordei sem voz, a garganta estava seca e parecia que tinha engolido um gato e ele tinha decido com as garras arranhando minha garganta. Não sabia o que tinha acontecido, não tinha dado aula no dia anterior, não falei mais que o normal (e eu falo muito), o que teria acontecido? Chegando na empresa, fui direto para minha mesa e a senhora da água passou, ela me cumprimentou, eu disse que estava sem voz, ela então

perguntou o que eu tinha feito, quando relatei o ar condicionado ela apenas falou: - Estamos no recorde de mínima de umidade do ar na região e o senhor liga o ar condicionado. Era para estar assim mesmo. Beba bastante água e ao chegar no hotel, molhe uma toalha e ponha ao seu lado antes de dormir, amanhã estará melhor. Descobri assim para que servia a valeta, era para colocar as toalhas molhadas e umidificar o ambiente.

Os dias seguintes foram normais, sem problemas e minha garganta voltou ao normal. Na quarta-feira uma mensagem no Pager: "Ligar para telefone", era de Salvador. Entrei em contato e um homem me atendeu, era o intérprete de minha entrevista com o diretor italiano. Ele se apresentou e disse ser o diretor de RH da empresa, que eu estava contratado e que deveria me apresentar na segunda-feira. Eu falei: - Agradeço a proposta, mas não posso me apresentar na segunda-feira, pois tenho um compromisso de consultoria com a empresa que estou trabalhando. Eu preciso comunicar a ela a minha saída, realizar um relatório de passagem de serviço e aí sim, poderei me apresentar em Salvador. Ele perguntou: - Quanto tempo precisa? Eu respondi: - Duas semanas. Ele falou: - Ok, lhe espero no dia dezenove de outubro. Nossa secretária entrará em contato para passar o PTA e hotel que ficará hospedado. Então falei: - Não falamos em remuneração, benefícios, como será a mudança, posso levar família. Ele riu e falou: - É mesmo, não lhe falamos a proposta. Quando ele passou a proposta, eu percebi que seria o dobro que eu ganhava da atual empresa, fora os benefícios, que não eram poucos. Eu seria contratado como Analista de TI Sênior e além dos benefícios básicos, teria apartamento por um ano, carro alugado por dois meses ou voucher de táxi, transporte de mudança e telefone celular de graça. Então eu falei: - OK, me aguarde no dia dezenove de outubro.

Imediatamente liguei para o dono da empresa que eu trabalhava e anunciei que estava de saída. Ele me parabenizou e disse que sabia que isto aconteceria mais dia menos dia, perguntou se se conhecia alguém para indicar para minha vaga. Eu disse que faria uns contatos e depois passaria. Liguei para Helena e falei: - Arrume caixas de papelão, vá arrumando as nossas coisas nas caixas, arrume as malas, deixe para fora apenas roupas para 15 dias, se despeça de seus parentes. Ela perguntou porque, eu respondi: - Vamos nos mudar para Salvador, pois aceitei uma proposta de trabalho lá. Ela então perguntou: - O que aconteceria se eu não aceitar? Eu respondi: - Não tem esta opção.

Mas nem tudo foi fácil nesta semana. Saindo da empresa eu e mais dois colegas de trabalho, fomos rendidos por dois garotos, saindo sabe-se de onde, com arma em punho um deles anunciou: - É um assalto, passa a carteira logo. Eu falei: - Não darei a carteira, tem documentos que preciso e eles não lhe interessa. Quer dinheiro, então tome. Retirei o que havia de dinheiro na carteira e dei aos ladrões. Os outros colegas fizeram o mesmo. Eu nunca ando com todo o dinheiro na carteira, sempre guardo os maiores valores em bolsos, por isto uma parte de meu dinheiro não foi levada. Meus colegas perderam uma boa quantia. Os garotos sumiram da mesma forma que apareceram. Iríamos jantar num restaurante perto dali, depois do incidente, desistimos e fomos para o hotel.

No hotel, iniciei a procura por meu substituto, pensei em vários amigos profissionais e lembrei do Grillo, ele estava desempregado, era inteligente e faria um trabalho tão bom quanto o meu. Entrei em contato e conversamos sobre a proposta, ele topou e o indiquei para minha vaga. O dono da empresa o chamou no mesmo dia e já iniciou o treinamento dele. Passei os dias seguintes trabalhando

normalmente até o fim da semana. Me despedi da equipe e fui conversar com o diretor da empresa. Antes que eu anunciasse que seria meu último dia na atividade, ele disse estar montado uma equipe de analistas de fraude e me fez uma proposta, queria que eu fosse o coordenador da equipe. Agora tinha duas excelentes oportunidades de trabalho em mãos, ambas muito atraentes. Fiquei instigado nesta proposta, mas já tinha me comprometido com a empresa de Salvador, então agradei e disse que naquele momento não poderia aceitar. Peguei minhas coisas, e parti de volta para o Rio de Janeiro.

Despedidas e vida de Marajá.

De volta ao Rio o apartamento estava uma bagunça, coisas espalhadas pelo chão, caixas de papelão por todo canto. Nossa bebê se misturava naquela bagunça como se fosse um parque de diversões enquanto Helena ia a loucura pois não se lembrava onde tinha guardado alguns utensílios para cozinhar. Eu apenas ria daquilo e disse, deixe para lá, vamos comer fora, ela olhou com cara de espanto, não era usual sairmos para comer fora, nosso dinheiro não nos dava a estes luxos, mas desta vez eu falei; - Vamos, deixa pra lá esta bagunça.

Na segunda-feira me apresentei na empresa e Grillo já me aguardava, ele agradeceu por ter me lembrado dele, sentamos para conversar sobre as atividades e o que ele faria em Brasília. Foi uma semana dedicada ao repasse de conhecimento. Na sexta-feira me despedi de todos, agradei ao dono da empresa a confiança e me pus a sua disposição para qualquer coisa que ele precisasse. Ele retribuiu o agradecimento e que tivesse sucesso na nova empreitada.

A semana seguinte foi dedicada a encaixotar as coisas, separar o que deveria ser jogado fora, minha mãe realizou uma festa de despedida, reuniu alguns amigos e primos.

Nossa mudança só iria quando estivéssemos em nossa moradia no destino. No dia da viagem um amigo nos levou até o aeroporto, nos despedimos do Rio de Janeiro, o vôo desta vez foi bem tranquilo, nossa nenê não deu trabalho, se comportando muito bem. Chegando em Salvador, pegamos um táxi e fomos para o hotel reservado pela empresa. O quarto em andar alto, muito alto, o hotel era na beira de um precipício de frente para o mar, um verdadeiro disbunde. Fomos muito bem recebidos, o quarto tinha um

pequeno fogão, que seria excelente para fazer a mamadeira dá nenê.

No dia seguinte acordamos cedo, me arrumei, descemos para o restaurante para tomar o café, me despedi, peguei o taxi e fui para a empresa. Me apresentei no RH, a recepcionista me disse que me aguardavam em outro andar para uma reunião. Lá estavam os diretores que conheci quando fui fazer a consultoria e outras pessoas ao qual fui apresentado, eram coordenadores e gerentes de operações, arquitetura, projetos. Eu era o único analista sentado na mesa, era novato em tudo, me sentia um completo estranho no ninho. Eles conversavam sobre a chegada de equipamentos na nova regional que ficava em Belo Horizonte, depois falaram sobre crescimento da empresa, expansão, clientes, contratações. Almoçamos na própria sala de reuniões, pois haviam muitos assuntos. Ao fim da reunião comentei que ainda não tinha feito minha admissão, eles falaram para não me preocupar.

No dia seguinte, parecia uma review do dia anterior, acordar cedo, me arrumar, descer para o restaurante, tomar o café, me despedir, pegar o taxi, ir para a empresa, me apresentar para a recepcionista do RH, ela me falar da reunião e ficar na reunião o dia todo, sair da reunião tarde ir para o hotel. No terceiro dia foi diferente, a recepcionista do RH me deu um endereço para realizar exames médico e uma prova. Na parte da tarde retornei a empresa e fui direto para a reunião, mas desta vez algo diferente foi discutido. Falavam sobre o acompanhar a chegada e montagem dos equipamentos em Belo Horizonte, não havia ninguém para fazer isto, então um dos coordenadores falou: - Podemos mandar ele para lá. O ele seria eu. Então o diretor me perguntou se estaria tudo bem. Neste momento eu pensei: - Estou numa nova empresa, uma nova atividade, ainda nem fui contratado oficialmente, que pode acontecer se eu recusar? Aceitei.

Chegamos e já vamos mudar de novo?

Me falaram que iria passar um período em Belo Horizonte, mais ou menos uns três meses, apenas para receber, montar e acompanhar o startup da companhia. Aceitei a proposta. Me perguntaram se iria só ou levaria a família, disse que iríamos todos pois não conhecíamos ninguém na cidade e não tínhamos aonde morar, disseram que não haveria problemas.

Ao chegar no hotel falei para Helena: Vamos arrumar as malas. Iremos para Belo Horizonte. Ela ficou surpresa e me encheu de perguntas: O que aconteceu? Onde vamos ficar? Moraremos num hotel por três meses? Como vai ser lá? Quando voltar teremos hotel de novo? Eu disse que não sabia todas as respostas, e que as levaria à minha gerência. Aproveitamos e demos um passeio na cidade, eram três dias trancados no hotel enquanto eu resolvia as coisas do trabalho.

Era quinta feira e a rotina era a mesma: acordar cedo, me arrumar, descer para o restaurante, tomar o café, me despedir, pegar o taxi, ir para a empresa, me apresentar para a recepcionista do RH e ela me falar da reunião. Depois de muitos assuntos técnicos, planejamentos, discussões, me falaram que mudaram a minha ida para Belo Horizonte. Eles iriam me contratar lá e ficaria em definitivo na cidade. Esta informação não me agradou, questionei sobre a mudança e eles me deram um aumento, sem nem ter sido contratado ainda. Disseram que os acordos e subsídios seriam mantidos. Mesmo não gostando, aceitei, a mudança.

Chegando ao hotel, contei a notícia para Helena, que novamente não foi bem recebida. Expliquei o aumento e

que não estava em condições de negar, ainda nem era contratado e eles poderiam simplesmente me dispensar e eu não poderia fazer nada, recebi uma resposta: - É, já que não tem opção, vamos né.

Sexta feira e a rotina: acordar cedo, me arrumar, descer para o restaurante, tomar o café, me despedir, pegar o taxi, ir para a empresa, me apresentar para a recepcionista do RH e ela me falar da reunião. Na sala de reuniões me disseram que eu seria dispensado na hora do almoço, achei que tinha sido demitido sem ter sido contratado, mas, me avisaram que precisaria me preparar, arrumar minhas coisas pois iria para Belo Horizonte no dia seguinte. Me despedi das pessoas da sala, passei na secretária, peguei as passagens, os vouchers de táxi, endereço do hotel e fui embora.

Chegando no hotel contei a notícia e minha esposa falou: - Cacete, em uma semana só emoção. Então, vamos amanhã? Eu disse que sim, então começamos a arrumar nossas malas.

No dia seguinte, fechamos a conta do hotel, pegamos o táxi e fomos para o aeroporto. Lá um acidente quase nos fez perder o voo. Minha nenê prendeu seu dedinho na roda do carrinho de bagagem, fazendo um pequeno corte que sangrava muito. Fomos levados para o posto de saúde do aeroporto para um médico ver o ferimento. Não era grave, apenas um pequeno corte, ele passou um medicamento, fez um curativo, nos liberou e recomendou procurar um hospital ao chegar no destino.

O avião já estava em procedimento de embarque, o segurança que nos acompanhava, falou algo no seu rádio e fomos pela pista mesmo para o avião.

Cadê o endereço?

Chegamos em Belo Horizonte, o voo foi tranquilo, apesar de nossa filha estar machucada, não houve contratempo. Seguimos a rotina dos viajantes: Desembarcar, pegar as malas, chamar o táxi, ir para o hotel, fazer check in, desarrumar as malas. Desta vez nos hospedaram num flat que nos ajudaria muito por causa da nenê. Procuramos um lugar para almoçar e nos indicaram um bom restaurante numa praça próxima ao flat. Almoçamos e demos um passeio no entorno do flat, o lugar era simplesmente lindo, muito arborizado, limpo, avenidas largas, prédios maravilhosos, pessoas educadas e bem arrumadas, destoava de onde viemos. A Baixada Fluminense no Rio de Janeiro imperava ruas sujas e mal calçadas, prédios degradados, pessoas simples, mas educadas e alegres.

Aproveitamos para passar num mercadinho e comprar algumas coisas para deixar na geladeira. A diversidade de opções era enorme, compramos o básico necessário e voltamos ao flat para descansar. Tiramos o fim do dia no quarto, descansando e brincando com nossa nenê. No domingo, resolvemos comprar o jornal para começar a procurar um local para morar, sentamos na pracinha e lemos vários jornais, separamos o que nos agradava e estava em nosso orçamento.

No fim da tarde, fomos a pracinha para tomar um café, quando me lembrei que não peguei o contato nem o endereço da empresa em Belo Horizonte. Fiquei nervoso pois deveria me apresentar às oito horas da manhã. Fiquei desolado, pensando o que faria, teria que ligar para a empresa em Salvador para conseguir os dados da empresa. Estava resignado com esta minha falta de atenção quando uma pessoa conhecida passou, era um dos coordenadores que viviam nas reuniões, eu o chamei e perguntei se ele

sabia o endereço. Ele falou: - Não se preocupe, há um transporte da empresa para nos levar ao escritório. Ele parte por volta das sete e meia da manhã, logo após o café. Esta notícia me tranquilizou.

No dia seguinte, me arrumei para o primeiro dia de trabalho. Terno, gravata, sapato engraxado, meias novas, camisa social passada. Descemos, tomamos o café e fui procurar o transporte. Achei estranho, pois apenas eu estava de terno. Peguei o transporte e fui levado a um prédio antigo, as ruas no entorno eram apertadas e sujas. Subimos ao andar onde seria a empresa e me surpreendi, uma pequena sala com uma mesa, seis cadeiras e onze pessoas.

Quando entrei na sala todos me olharam e um homem falou: - Chegou o chefão. Eu era o único de terno, eu ri da situação e me apresentei. O coordenador se levantou e falou: - Rapaz, tire o paletó e a gravata, arregace as mangas da camisa pois iremos para a obra. Respondi: - Tudo bem. Em minha cabeça imaginei como seria a obra: A empresa adquiriu alguns andares e salas de um prédio e estaria trocando as divisórias, carpetes, montando móveis, e preparando para montar os equipamentos, mas não foi bem assim que a coisa aconteceu.

Surpresa e poeira.

Partimos para a obra, no carro fomos nos conhecendo, havia profissionais de vários locais do Brasil, conversamos sobre nossas formações, experiências, trabalhos realizados e principalmente expectativa sobre a empresa. Quando chegamos lá, uma surpresa, havia um prédio inteiro em obra, era apenas o esqueleto de um prédio de 18 andares, pedreiros, carpinteiros, engenheiros, carrinhos de mão, cimento, tijolos, areia e pedra espalhados para todo lado. Pensei que estávamos em lugar errado, mas não, o coordenador abriu uma porta de compensado e entramos, equipamentos de informática sobre cavaletes, pessoas sentadas no chão com notebooks no colo, fios pelo chão, a cena me chocou. O coordenador me conduziu ao fim do salão, onde havia uma pilha de caixas, ele pegou uma e falou: - Este é seu notebook, seu instrumento de trabalho a partir de hoje, vamos que te levo onde vai ficar. Ele me conduziu a uma grande bobina de cabos deitada, me deu um caixote de feira e falou: - Esta é sua mesa e este caixote sua cadeira. Comecei a me arrepender de ter largado tudo no Rio de Janeiro. A coisa não podia piorar, mas piorou. Descobri que não havia banheiro, ar condicionado, água para beber. Pensei na minha sala de trabalho antiga, ar condicionado, café, água, banheiro limpo, janela para a Baía de Guanabara, carpete e conforto.

Perguntei ao coordenador o que eu faria, ele disse para eu preparar o notebook primeiro, instalar o sistema operacional, conectar na rede e depois o chamar. Quando terminei, era hora do almoço. Fomos todos a uma pensão ao lado da obra e descobri que se quiséssemos um banheiro teríamos que usar o da pensão. Depois do almoço, o coordenador passou minhas atividades, programar o PABX. Comecei a analisar a programação instalada, o plano de numeração, as conexões externas, facilidades, etc. Ele me interrompeu e pediu para ajudar a descarregar

alguns equipamentos que acabaram de chegar. Quando saímos do prédio, havia uma carreta estacionada na porta. Anoitecia quando terminamos. O coordenador agradeceu a todos e disse que poderíamos partir. O transporte chegou e nos levou ao flat. Quando entrei no apartamento, minha esposa me viu sujo de poeira, imundo dos pés à cabeça, ficou assustada com aquilo e perguntou: - O que houve? Virou peão de obra? Então contei como foi o meu dia. Ela então perguntou: - O que vai fazer? Respondi que esperaria pelo menos o prazo de experiência de noventa dias, se não mudasse nada, sairia. Era uma situação complicada, as opções menos ainda: voltar para o Rio e retornar ao antigo emprego, ganhando menos ou pagar para ver no que daria esta empresa. Havia muita coisa em jogo, qualquer decisão haveria sacrifícios, perdas e ganhos, pensei muito e decidi pagar para ver.

Poeira, barulho, falta de recursos, noites mal dormidas, cheguei a ficar 72 horas trabalhando dentro do prédio em obras, comendo pizza, hambúrguer, sem banho, tirando pequenos cochilos quando o sono apertava. Foi duro, mas foi gratificante no dia que fizemos a primeira chamada pelo PABX e quando realizamos os testes de atendimento e obtivemos sucesso.

Uma outra atividade importante seria interligar as duas unidades da empresa, Belo Horizonte e Salvador, os sistemas não alinhavam, não sincronizavam, refizemos inúmeras vezes as programações e nada, estávamos cansados de trabalhar e resolvemos sair. Me chamaram para ir num lugar legal próximo, eu não conhecia nada na região então topei, me levaram a uma boate. Mulheres, prostitutas, dançarinas, passeavam pelo salão se oferecendo, além de ser casado, estava tão cansado que sexo era a última coisa que passava pela minha cabeça, mas umas doses de Whisky valeram para relaxar a mente. Depois de algumas horas na boate, bebendo e comendo

alguns petiscos de aparência e gosto duvidoso, resolvemos voltar ao trabalho. Um dos analistas perguntou se tínhamos validado a numeração de uma placa de sinalização de interconexão do PABX, eu não me lembrava e fui verificar. Descobrimos que a placa que usamos, era incompatível com o tipo de sinalização que estávamos programando, trocamos a placa, refizemos as configurações e finalmente os dois sistemas se conectaram. Ficamos felizes e resolvemos encerrar por aquele dia, estávamos desde as dez da manhã e já passavam das quatro da manhã do dia seguinte. Cheguei no flat exausto, minha esposara acordou e me disse que deixaram uma chave e um bilhete. Olhei a chave e o bilhete que dizia: "Esta é a chave do apartamento que locamos para você e sua família, amanhã às nove e trinta, o Sr. José o aguardará na recepção do prédio".

Uma mansão.

O relógio despertou, me levantei e percebi que tinha dormido só três horas, tomamos um rápido café, pois estávamos atrasados para encontrar o corretor de imóveis, pedimos um táxi e seguimos ao endereço descrito no papel. Não era longe do Flat onde estávamos. Chegando ao local fiquei impressionado com a imponência do prédio, o corretor nos recepcionou e nos mostrou a área comum do condomínio: piscina, sauna, quadra de esportes, salão de ginástica, salão de festas, um belo jardim, eu não estava acostumado com aquilo tudo. Subimos ao apartamento, quando ele abriu a porta mais surpresas, a sala era enorme, um corredor levava a três quartos igualmente grandes, a suíte com banheira, o outro banheiro todo em granito, a cozinha gigante, banheiro de empregada e uma varanda, a área total do apartamento 180 metros quadrados, eu acabara de sair de um conjunto habitacional popular, de dois quartos de menos de 50 metros quadrados. Estava tão deslumbrado quanto preocupado, fazia contas, imaginava os custos, como limpar, como mobiliar. Eu olhava para minha esposa e ela assim como eu assustada, devia passar as mesmas coisas em sua cabeça. O corretor então disse que eu precisava apenas assinar para liberar a chave, então eu falei: - Amigo, calma, tenho algumas perguntas. Qual o valor do aluguel? Qual valor do condomínio? Quanto em média ficam as contas de luz, gás e água? Ele então respondeu os valores, nós simplesmente gelamos, eram caros, muito caros. Pedi um momento ao corretor e liguei para o telefone que estava no papel, o homem do outro lado atendeu e eu falei: - Tem certeza que este apartamento está destinado para mim? Não sou gerente ou diretor, sou apenas um Analista de Sistemas. Este apartamento é caro demais. Ele riu e disse: - Este apartamento está com a locação e condomínios pagos por 30 meses, ele foi reservado a um diretor que acabou comprando seu imóvel, por isto o estamos liberando para vocês.

Assinamos os papéis e agendamos a data da mudança, um caminhão iria buscar nossas coisas no Rio. Chegado o dia fomos recepcionar a mudança e se quiséssemos, poderíamos morar apenas na sala, pois nela coube tudo que trouxemos. Ficamos horas olhando aquela mansão vazia mesmo depois de arrumado os móveis sobrava muito espaço, optamos por deixar assim, não comprar nada pois não saberíamos o dia de amanhã.

As diferenças sociais eram gritantes, carros de luxo parados na garagem, famílias com dois três empregados, babás, roupas finas e nós simples suburbanos da Baixada Fluminense, nos sentíamos peixes fora d'água. Na manhã seguinte, fui na padaria para comprar algumas coisas, no Rio, eu costumava sair de bermuda e descalço. Assim que cheguei na padaria todos me olhavam, parecia um extraterrestre, as pessoas bem vestidas para ir comprar pão, cheguei ao balcão, fiz meu pedido e o rapaz ficou me olhando, com uma cara de que eu não teria como pagar o que havia pedido. Eu olhei para ele e disse: - Algum problema? O rapaz apenas balançou negativamente a cabeça e separou o meu pedido. Diferente dos demais clientes que pegavam seus produtos e pagavam depois, ele me pediu para pagar primeiro, fui ao caixa e paguei pelos produtos, voltei ao balcão e os peguei e falei ao rapaz: - Veja, não sou mendigo, moro naquele prédio ali (apontei ao imponente prédio que morava) porque me tratou diferente dos demais clientes? Porque estou apenas de bermuda, descalço e sem camisa? De onde venho é normal as pessoas andarem assim. Ele pediu desculpas olhando para o gerente da padaria. Saí puto do local e ao chegar no prédio outra surpresa, o porteiro não me deixou entrar, disse que não era morador e que estava em trajes inadequados, descobri que houve troca de turno, e este porteiro não me viu sair. Pedi para interfonar ao apartamento e ele se recusou, para piorar, havia descido sem o telefone celular, insisti para que ele interfonasse, ele negou e disse que não saísse do portão chamaria a polícia. Um outro morador

apareceu no portão para entrar, me olhou e me reconheceu do dia da minha mudança, então falou ao porteiro que poderia me liberar pois era morador, ele então pediu desculpas, mas que não poderia subir no elevador sem camisa, pedi para que interfonasse para que minha esposa me trouxesse uma camisa. Aquela situação foi constrangedora, mas não foi a única.

Passamos por várias situações constrangedoras, numa delas, precisávamos comprar uma roupa de festa para minha esposa, o taxista nos deixou em um shopping próximo de onde morávamos, percebemos que seguranças nos acompanhavam a certa distância, quando entrávamos em alguma loja éramos mal atendidos ou simplesmente não éramos atendidos. Eu já estava irritado com aquela situação, quando entrei numa loja e pedi para falar com a gerente, mostrei um amarrado de dinheiro e falei: - Está vendo este dinheiro? Ele seria usado na sua loja para comprar um belo vestido, mas não farei. Fomos discriminados por nossas roupas simples, pelo nosso jeito, então, acaba de perder uma bela comissão por isto. Demos sorte na loja seguinte, uma simpática vendedora nos atendeu e nos mostrou alguns vestidos, não sem antes perguntar a forma de pagamento, mas sem haver constrangimento, como nas outras lojas. Escolhemos um vestido, sapato, bolsa, pagamos e saímos. Aos poucos a situação foi mudando pois vimos que nossa situação havia melhorado e precisávamos nos adequar ao novo habitat.

Bom Brill.

A empresa tomava forma, o que antes era um salão de piso de concreto, poeira e equipamentos empilhados passou a se parecer um grande Data Center. O piso falso foi colocado, ar condicionado, equipamentos organizados, uma grande mesa e algumas cadeiras, mas ainda era um prédio em obras, o barulho de furadeiras, britadeiras, martelos e marretas nos interrompia a todo momento. Fui contratado como Analista de Sistemas para administrar e operar os sistemas de Atendimento ao Cliente e de comunicações corporativas, mas para que a empresa tomasse a forma, fazíamos de tudo. Quando chegavam cargas de equipamentos, formávamos uma fila da avenida até o salão do Data Center e descarregávamos as carretas. Um dia, o piso falso cedeu e tivemos que efetuar o reparo, instalava sistema operacional, banco de dados, lançava cabos de rede, montava rack, varriamos, tirávamos a poeira das mesas e equipamentos.

Numa ocasião, ouvia dois diretores e meu coordenador conversando de forma ríspida sobre a inauguração da primeira loja da empresa e algum problema relacionado ao alarme de incêndio, eu me aproximei e perguntei o que acontecia. O coordenador me explicou que haveria uma inspeção do corpo de bombeiros no dia seguinte, para avaliar o funcionamento do sistema de alarme de incêndios, porém não conseguiam falar com os responsáveis pela instalação do equipamento na loja para realizar uma prévia. Eu então perguntei se possuíam os diagramas do sistema, que se houvesse, eu poderia avaliar, realizar os testes e acompanhar a inspeção. Fomos para a loja e lá encontrei as informações que precisava, avalei o sistema, fiz testes básicos e disse que estava tudo certo, que poderiam chamar o corpo de bombeiros para a vistoria. O diretor e o coordenador perguntaram como conhecia o sistema, então respondi: - Sou Formado em Eletrotécnica e

Eletrônica, acompanhei a troca do sistema de alarmes de incêndio de um galpão industrial.

No dia seguinte, a equipe do corpo de bombeiros chegou, realizamos os testes com sucesso e assinaram o laudo necessário para a inauguração da loja. Na semana seguinte recebi um aumento em meu salário junto com uma carta de agradecimento, eu nem tinha completado o período de experiência e já recebia um aumento, aquilo me surpreendeu e foi o ponto em que percebi que havia feito a escolha certa, não desistir deste trabalho. Depois desta atitude, fiz a inspeção prévia de algumas as lojas da empresa, até contratarem um especialista no assunto.

Enquanto havia muito trabalho na empresa, no apartamento sobrava confusão, todos os dias acordávamos com um vizinho ouvindo rádio alto, além do cheiro de maconha que era sentido durante vários períodos do dia, reclamávamos ao porteiro e ao síndico, mas nada adiantava. Num dia, depois de mais de 26 horas de trabalho, cheguei às cinco horas da manhã, tirei os sapatos e me joguei na cama, pouco tempo depois acordo assustado com uma música tão alta que vibrava as janelas. Desci na portaria exigindo uma ação do síndico, ele se acovardou e disse que o vizinho era violento e que já havia causado vários problemas, subi ao apartamento, toquei a campainha, bati, esmurrei a porta e nada. Desci na portaria e chamei a polícia, o síndico disse que haveria problema, eu então falei: - Você ainda não viu problema nenhum e você é um covarde e péssimo administrador, deixando este cara fazer isto às seis da manhã e fumar maconha o dia todo. Quando a viatura chegou, um policial me questionou sobre a ocorrência, subimos ao apartamento e o som vibrava a porta de tão alto, ele fez o mesmo que tinha feito, tocou a campainha, bateu na porta e esmurrou, sem sucesso, eu disse ao policial que poderia cortar a força do apartamento, desligando o disjuntor no quadro de energia, ele então me

deu a autorização. Descemos no subsolo e desliguei o disjuntor.

No dia seguinte fui abordado por uma mulher e um rapaz no saguão do prédio, ela veio ríspida me falar o porquê havia desligado sua energia elétrica, eu serenamente me apresentei e perguntei se ela realmente não tinha noção do motivo. Ela disse que o som alto não era motivo, eu respondi que o som alto seria sim o motivo pois ninguém havia atendido a porta para que o volume fosse abaixado. Ela começou a ser grosseira e me xingar, eu controlando minha paciência disse que ela deveria abaixar seu tom de voz e me tratar com respeito pois não a estava desrespeitando, apesar de tudo que aconteceu. Ela continuava a xingar e questionou que toda aquela confusão seria apenas por um som alto. Quando eu disse que além do som alto eu também reclamava do cheiro de maconha, o rapaz que a acompanhava me deu um soco no ombro, naquele momento, um dos seguranças do condomínio se aproximava e conseguiu conter algo pior. Fui na delegacia registrar boletim de ocorrência por agressão. Descobrimos que o rapaz que estava com ela já tinha algumas passagens pela polícia por agressão, duas delas de moradores. Nos dias seguintes após a confusão soubemos que eles haviam se mudado e o rapaz detido por consumo e tráfico de entorpecentes. A cada dia que passava, começava a me cansar daquele prédio, daquelas pessoas soberbas e da discriminação que sofriamos.

Pressa, Curto e Água.

A pressa em pôr tudo no ar era enorme, a venda dos serviços para os consumidores seria no dia três de dezembro, tínhamos menos de dois meses para colocar tudo no ar. O segundo andar começava a tomar forma, mas ainda faltava muita coisa para torná-lo operacional, mesmo assim recebemos a ordem de instalar trinta posições de atendimento. Eu perguntei ao gerente de operações: - Como? Não há cabeamento, não há tomadas para ligar as máquinas, não há mesas ou cadeiras para as pessoas trabalhar. Ele apenas respondeu: - Façam sua parte.

Eu e meu colega Luciano, juntamos as caixas dos computadores ao lado das duas únicas mesas que estavam no andar, puxamos uma extensão e ligamos filtros de linha, montamos os computadores sobre as mesas e começamos a instalar os sistemas. Quando ainda desembalávamos os computadores, o gerente apareceu e disse que queria tudo pronto em duas horas. Eu olhei para ele e falei: - Ok, estará pronto às duas horas. Ele respondeu: - Não, em duas horas. Falei então: - Me arrume mais quatro analistas e mesas e tentaremos lhe entregar em duas horas. Ele olhou e falou: - Ok, então me entreguem pronto às duas horas. Teríamos quatro horas para preparar trinta máquinas, mas o gerente ligava a cada momento para saber se estava pronto e eu começava a ficar incomodado com estas interrupções. Depois de umas duas horas de trabalho, ele veio pessoalmente ver e me cobrou de forma áspera. Eu lhe falei de forma áspera também: - Você nos pediu duas horas, eu lhe pedi mais pessoas e apoio, você não nos deu e eu lhe disse que entregaríamos tudo às duas horas da tarde, já são duas horas? Não são, se continuar a nos interromper não vamos conseguir lhe entregar no horário acordado. Ele se virou e saiu. Luciano olhou e falou: - Cara, tu é doido? Falar assim com um gerente. Eu respondi: - Tem que por ele no seu lugar, nos pediu algo impossível, eu lhe dei o que seria

possível, ele aceitou, agora vem ficar cobrando agilidade, então nos dê recursos.

Terminamos o trabalho adiantados em 30 minutos, Luciano já se preparava para ligar para o gerente e eu o interrompi, ele me olhou e eu falei: - Calma, ele nos interrompeu várias vezes, ele pode achar que que nosso tempo foi superestimado, quando faltar quinze minutos o avisaremos, até lá, vamos revisar os computadores. Quando faltavam quinze minutos ele ligou e avisou ao gerente que as máquinas estavam prontas.

As coisas feitas com pressa nem sempre são bem realizadas, tivemos vários problemas de estrutura devido a pressa em entregar as coisas. Um dia estávamos trabalhando no Data Center quando ouvimos um estrondo seguido de um grito e a eletricidade foi interrompida. Olhamos para a direção do grito e vimos nosso coordenador no chão, o piso falso havia cedido, rompido um cabo de energia, fechado curto circuito, derrubado ele no chão e desligado todos os sistemas. Noutra ocasião, uma tempestade caía sobre a cidade, estávamos trabalhando em nossas mesas quando ouvimos um estrondo, muita água começou a cair pelo forro do teto, ela caía sobre os servidores e equipamentos. Corremos para tentar retirar os computadores que davam para mover e cobrir com sacos de lixo os que não davam.

Descobrimos que a tubulação de água pluvial do prédio passava sobre o forro do Data Center e ele não aguentou a força da água que descia. Passamos aquele dia secando os equipamentos, e a retirar a água que acumulou sobre o piso falso, tínhamos medo de choque e de queimar os equipamentos, se algo pior acontecesse não haveria tempo de recuperar os sistemas para a inauguração.

Chute na caixa.

Trabalhávamos em média de doze a dezesseis horas por dia, virávamos a noite, tudo para entregar os sistemas prontos para a inauguração. Não havia divisão de atividades, se aparecia uma demanda, o menos ocupado assumia até resolver.

Nas viradas de noite, descansávamos em papelões jogados no canto do salão e nos enrolávamos em sacos plásticos para nos aquecer. Quando batia a fome, alguém pedia uma pizza ou um lanche de Fast Food. Numa destas noites em claro, um dos analistas brincou comigo, me dando assim o apelido que tenho até hoje. Era uma noite fria e eu levava uma touca de lã de minha esposa, ela era cinza com detalhes prateados, na minha cabeça parecia uma panela. O analista tinha chegado a poucos dias de Salvador para nos ajudar na montagem dos servidores e ainda não sabia meu nome, ele estava do outro lado do salão e precisava de alguma coisa que estava comigo, ele então gritou: - Ei!, ô da touca. Eu não o escutei, então ele gritou novamente: - Ei!, ô cara da touca. Ô Menino Maluquinho. Foi o bastante para todos rirem, eu olhei para saber do que riam quando ele falou: - Haaaaa! Menino Maluquinho, você atende né. Pode vir aqui por favor. A partir daquele dia passaram a me chamar de Menino Maluquinho.

A pequena estrutura de atendimento estava operacional, as mesas de escritório velhas, cedidas por uma das empresas do grupo, as cadeiras usadas, os cabos de rede e energia largados no chão, sem carpetes, sem ar condicionado, mas tudo funcionava bem. As atendentes passavam o dia treinando, testando, repetindo os scripts para atender o cliente. Neste primeiro momento seriam apenas atendimentos informativos e ele deveria começar a operar um mês antes dos serviços serem comercializados.

Gerentes, diretores, analistas, atendentes, todos estavam ansiosos para o dia em que seria veiculado o comercial da empresa na TV, estava combinado que assim que terminasse o comercial, as lojas da empresa retirariam as proteções dos painéis, mostrando assim o nome da empresa.

Chegado o dia, os trabalhos de preparação estavam alucinantes, solicitavam testes a cada cinco minutos, eram dez horas da manhã e o comercial passaria durante o intervalo do jornal, por volta de oito horas da noite. Fazíamos chamadas aleatórias para avaliar se não haviam problemas. Montamos um plano B, caso alguma coisa desse errado. A cada hora que passava a tensão aumentava, mais pessoas chegavam na pequena estrutura montada para atender aos potenciais clientes. Faltavam duas horas para o comercial ser veiculado na TV quando de repente todas as operadoras gritam ao mesmo tempo: - Desligaram nossas máquinas!!! Uma pessoa acidentalmente tropeçou no cabo de energia que ligava todas as estações de trabalho. Foi uma correria, uma gritaria, desespero, parecia que o mundo iria acabar. Eu religuei o cabo, foram ligando cada uma das máquinas, subindo os sistemas, ligando os telefones e realizando testes. Uffa! Tudo operacional novamente, as pessoas suavam de nervoso, a tensão aumentou mais ainda após o acidente.

Uma TV foi posta na sala para acompanharmos, quando o jornal começou todos se calaram, um silêncio sepulcral tomou conta do ambiente, ouvia-se a respiração tensa das pessoas, alguns sussurros quebravam este silêncio. No primeiro intervalo, vimos o comercial apresentando a empresa, após o anúncio do número para contato com a empresa, esperávamos que as chamadas começassem a cair nas posições de atendimento, mas... passa um minuto, nada, nenhuma chamada, dois, três, cinco, sete minutos e nada, de repente o telefone de uma

consultora toca, ela tremendo atende o cliente, fala o script incansavelmente ensaiado, explica o que é a empresa, os serviços que ela prestaria, a data prevista para início das operações, então agradece e se despede do cliente. Ela olha para todos e sorri. O gerente de operações, dá um chute numa caixa de monitor, esquecida na sala, e grita: - Começou esta porra, vamos gente, agora é só sucesso!!!! A caixa voa e quase acerta uma das operadoras, ninguém liga, estamos felizes por estar dando certo, com improvisos, jeitinhos, mas está funcionando.

Enquanto comemorávamos nos cumprimentando, garçons entram na sala trazendo champanhe, vinhos, refrigerantes, salgados, doces, um banquete para comemorar o início das operações. Ficamos até tarde da noite comemorando, foram poucas chamadas, mas o suficiente para nos deixar orgulhosos. Eu participava do start up de uma empresa, era algo que nunca tinha imaginado, agora seria trabalhar, e muito e ver até onde chegaríamos.

A inauguração.

Corríamos contra o tempo, não havia espaço para erros, começamos a nos organizar atribuindo as responsabilidades daquilo que cada um sabia de fazer melhor. Eu fui me dedicar aos sistemas de comunicações.

De todas as atividades sob minha responsabilidade, integrar o sistema de BH ao sistema de Salvador era um dos mais importantes. Depois de programações e inúmeros testes nada dava certo, o sistema não funcionava. Já estávamos para desistido quando um colega brincou: - Falta fé, falta fé. Eu olhei para outro colega e pensamos no que ele havia falado. Lembrei das orientações do meu tutor na época de estagiário: "Quando um problema parece sem solução, desvie o foco". Resolvemos então trabalhar na montagem dos servidores de gerenciamento do ambiente, levamos dois dias nesta atividade. Quando retornamos as configurações da integração, achamos o que estava errado, refizemos a programação e então os dois sistemas passaram a funcionar como um.

A pressão aumentava conforme tempo diminuía, passávamos mais tempo dentro do prédio que com nossas famílias, muitas vezes ia em casa para uma refeição, um banho e um cochilo e voltava para a empresa.

O dia da inauguração chegou, revolução tecnológica, progresso, futuro, estas eram as mensagens da empresa. Estava ansioso e feliz, eu participei do começo de uma empresa de tecnologia, eu acreditava que daria certo, que cresceria. Pensei: - Valeu a pena a escolha de abandonar um escritório no centro do Rio de Janeiro por um prédio em obras em Belo Horizonte.

O prédio tomava forma, os andares eram fechados, pisos falsos colocados, carpetes, divisórias, mesas, copas, café... café.... café, banheiro, água e ar condicionado. Nós montávamos um andar por semana, as pessoas chegavam de todos os lugares para trabalhar na empresa, em menos de quatro meses o prédio estava todo habitado.

O fim de ano chegou e com ele as festas das empresas. Pelas empresas que trabalhei, fazíamos uma reunião de fim de ano da equipe num bar ou no máximo num restaurante. Nesta empresa, recebi um convite impresso que dizia: "Você e sua família estão convidados para a sua festa, você é tão dono dela quanto os demais. Você faz parte desta nova companhia e temos o prazer de celebrar juntos. Venha ao Clube Náutico na Lagoa da Pampulha. Use traje esporte fino".

Pobre é uma merda. A primeira pergunta que fiz foi: O que é traje esporte fino? Lá fui eu procurar no Cadê?! Achei seguinte resposta: "O traje esporte fino, chamado também de traje passeio, é usado geralmente em festas de quinze anos, casamentos e comemorações em geral. Algo meio termo entre o formal e o informal."

Sabendo o que se tratava, fui com minha esposa às compras. Entrei em uma loja e falei para a vendedora: - Preciso de um traje esporte fino. Ela me mostrou composições de calça, camisas, meias, gravatas e paletós. Escolhi a que mais me agradou, depois fomos a uma loja de roupas femininas para minha esposa escolheu a sua.

Naquela semana o assunto predominante era a festa, conversamos sobre as roupas, bebidas, mulheres, comentei que não sabia como ir, não tinha carro e de táxi seria caro. Meu gerente ouviu meu comentário e me emprestou um de seus carros. No dia da festa contratamos uma babá para cuidar de nossa filha, nos arrumamos e partimos.

Chegamos na festa e começaram as surpresas. O lugar era deslumbrante, seguranças de terno, recepcionistas conferindo nomes e documentos, um corredor com tapete vermelho, pessoas bem vestidas e na entrada nos serviram champanhe e canapés. Não estava acostumado com aquele tipo de festa, não sabia como me portar e descobri que não era o único.

No salão uma mesa chamava a atenção, ouvia-se cantoria e conversa alta, as pessoas gargalhavam, descobri que eram a minha equipe. Nos dirigimos até lá, abracei todos, cumprimentei suas companheiras e descobri que para todos eles aquele mundo era novo. Diretores passavam em nossa mesa e ficavam tamanha era a alegria que demonstrávamos, realmente estávamos felizes, sabíamos que o nosso esforço foi compensado, aquela festa realmente era nossa. O presidente veio nos cumprimentar, nós o abraçamos todos juntos, o pegamos no colo e começamos a joga-lo para o alto, como jogadores de futebol fazem aos seus técnicos quando se sagram campeões. Mas era o que sentíamos, éramos campeões. Quando demos conta, nossa mesa era o centro da festa, dançamos, cantamos a noite toda.

Após a virada do ano um novo gerente foi contratado, ele nos reuniu e passou as diretrizes e metas para o trimestre. Informou que deveríamos usar roupa social com gravata. Ele realocou nossas posições de acordo com a atividade e a equipe que pertencíamos. Comecei a sentir realmente que as coisas estavam se organizando. Dividia minha atividade em projetos e suporte aos sistemas de comunicações, apoio a infraestrutura e documentação.

Em casa as coisas iam bem, começávamos a nos acostumar ao novo estilo de vida, mas ainda assim me sentia um suburbano no meio dos riquinhos. A casa era movimentada, recebíamos visitas dos colegas da empresa, eram nossos únicos conhecidos na cidade. Combinávamos jantares, as esposas se reuniram na cozinha e os homens se reuniram na sala. Conversávamos sobre trabalho, futebol, diversão e comentaram sobre umas mudanças estruturais que deveriam acontecer em breve na empresa. Fiquei receoso com os comentários, mas a princípio era só conversa de corredor.

Os dias eram de rotina, programar novos sistemas de comunicação para novos colaboradores, instalar os sistemas e corrigir um ou outro problema no sistema, criar monitorias, documentar o ambiente. Mas um dia fui chamado na sala de reuniões da diretoria. Não me assustei, pois era normal estas reuniões. Pediram para eu entrar e me sentar. Meu gerente foi direto ao assunto: - Estamos com um problema e para solucionar temos uma proposta para lhe fazer. Eu apenas balancei a cabeça e ele continuou: - Tentamos contratar um profissional igual a você para a vaga de Salvador, a que você deveria estar ocupando. Porém nenhum dos entrevistados quer ir para lá. Pensamos em propor a sua transferência para lá e contratar um dos candidatos para cá. Eu falei: - Me dê cinco minutos. Sai da sala e liguei para minha esposa, expliquei a situação e ela falou: - Vamos. Eu voltei a sala e disse que topava. Ele então falou: - OK, vamos contratar o profissional e em seguida lhe transferir.

Eu indiquei um dos profissionais que trabalharam na montagem do sistema comigo, sabia que era um excelente profissional e poderia continuar meu trabalho ou até fazer melhor. Após contratá-lo, o gerente me chamou na sala e falou: - Semana que vem você será transferido.

Reunião adiada.

Eu viajava em minhas lembranças quando alguém entrou na sala e me chamou. Olhei para traz era a secretária de outro diretor. Ela falou: - O senhor estava pensando em quê? Estou lhe chamado faz um tempo. Pedi desculpas e falei: - Estava recordando o passado, relembrando o meu caminho até aqui. Ela riu e falou: - O diretor administrativo quer falar com o senhor. Respondi que já estava a caminho.

Caminhei até a sala dele ainda com as recordações na minha mente, cada passo que dava no caminho era um passo que eu lembrava da minha vida. Na sala ele disse que a reunião foi adiada para o dia seguinte, um dos diretores não poderia participar por problemas pessoais e ele era importante nesta reunião. Ele me chamou então para tomar um café no bistrô, pois queria discutir alguns assuntos. Nos sentamos e ele começou a falar: - Sabe, após esta reunião muitas coisas mudarão, principalmente para você. Eu respondi: - Sei, mas não quero criar expectativas, já tive problemas com isto, agora, deixo a coisa fluir. Ele riu, terminamos nosso café, subimos e cada um foi fazer suas atribuições.

Terminado as minhas atividades, resolvi sair mais cedo. Chamei meu gerente de operações e o avisei que se acontecasse alguma coisa, que ele cuidasse de tudo, não queria ser interrompido. Fui para casa pois estava exausto.

No dia seguinte, cheguei cedo na empresa e descobri que havia esquecido a gravata, de novo. Fui direto na secretária do diretor financeiro, ela me viu chegando e começou a rir já com a gravata na mão. Ela me deu e falou: - Eu sabia que você iria esquecer, aliás, sempre esquece. Eu agradei e fui para a minha sala aguardar a reunião. Me sentei e vi vários documentos para ler. Li com atenção e

separei aqueles que necessitava mais informações, outros assinei e separei na pilha de documentos tratados. Me levantei e fui observar o clima pela janela. Ele não estava tão bom quanto o dia anterior, estava nublado, garoando, um pouco sombrio. Fiquei com saudades de quando morava em Salvador e era sol quase o ano todo e me fez relembrar a minha transferência de Belo Horizonte para Salvador.

Transferência para Salvador.

Em casa começamos a encaixotar tudo, deixar pronto para nossa partida. Porém houve uma mudança em nossa diretoria e a transferência foi adiada várias vezes. Comíamos marmiteix ou em restaurantes, nossas roupas estavam em malas. Um dia Helena se aborreceu e falou: - Quando iremos? Já faz mais de vinte dias desde que anunciaram e nada. Dê um jeito, se até o fim de semana não haver uma data, vou desmontar tudo e não vamos mais.

No dia seguinte, chamei o gerente e conversei sobre a situação, disse que se em quinze dias não decidissem sobre a migração para Salvador eu desistiria da proposta. Na semana seguinte partimos para Salvador.

Estava um calor insuportável quando saímos do aeroporto, pedimos um táxi e fomos para o hotel. O mesmo que ficamos na primeira temporada. Subimos ao quarto desarrumamos as malas descansamos um pouco. Era fim de semana e no fim do dia fomos passear pela região. Aproveitamos para avaliar alguns imóveis para alugar, mas nada agradou.

Na segunda-feira me apresentei no mesmo prédio onde tínhamos as reuniões, o gerente então me disse que estava no endereço errado, deveria estar no CPD. Peguei um táxi e fui para lá. Encontrei alguns conhecidos, eles me apresentaram ao resto da equipe, me mostraram onde seria a minha mesa e comecei a trabalhar. As semanas seguintes foram de conhecimento do sistema instalado e ajustes de programações nos sistemas. Diferente do que aconteceu em Belo Horizonte, desta vez eu escolheria o imóvel para a empresa pagar. A procura por moradia não estava fácil, fora um desentendimento com a administração do hotel que me fez pedir a mudança de hotel. Perguntei aos colegas

indicações de bairros bom para se morar. Nos dias seguintes fomos visitar cada um dos bairros indicados, marcamos aqueles que gostamos e iniciamos a procura por moradia.

Encontramos um bom apartamento num dos bairros indicados, levei a documentação para a empresa e na semana seguinte estava pronto para nos mudar. Durante a arrumação da mudança um dos vizinhos bateu a porta perguntando se queríamos alguma ajuda, agradei e disse que naquele momento não precisávamos, ele disse então que caso necessitássemos, seria apenas bater à porta de frente. Não foi preciso, não tínhamos muitas coisas para arrumar. Naquela semana me dividi entre o trabalho e a arrumação do apartamento.

Minha vida profissional estava estável, a rotina era acordar, levar Iasmin para a escola, fazer uma caminhada na praia, voltar para casa, tomar café, me arrumar e ir trabalhar. Não havia mais a correria de um startup, mas os controles e pequenos projetos a serem realizados nos sistemas.

Meu coordenador era uma pessoa grossa e arrogante, vivíamos discutindo por qualquer problema. Durante um período ele me deixou responsável pelo controle de manutenção dos notebooks, além da administração dos sistemas de comunicação e callcenter. Eu recebia os equipamentos defeituosos, catalogava e enviava para reparo. Alguns equipamentos estavam tão danificados que eu recomendava a troca.

Um consultor de vendas trouxe seu notebook para reparo e falou: - Meu notebook está muito lento, quero um novo. Eu respondi: - A troca por equipamento novo ocorre somente quando há perda total, seu equipamento precisa de ajuste de performance e talvez upgrade de memória. Ele

então pegou o notebook de minha mão e saiu. No dia seguinte ele voltou e trouxe o notebook completamente destruído, ele jogou o notebook na mesa e falou: - Agora eu quero um novo. Eu olhei o equipamento e disse que aquele dano era mal-uso e que eu levaria a ocorrência ao meu coordenador. O consultor ficou transtornado e começou a me xingar. Eu apenas escutei as agressões verbais e liguei para meu coordenador. Eu contei o caso e ele falou: - Dê a porra do notebook para ele. Eu respondi: - Não darei. Acho isto um abuso, o notebook precisava apenas de troca do pente de memória e ele simplesmente destruiu o equipamento para ter um novo. Eu não vou trocar. Ele então falou: - Vai trocar pois estou mandando. Respondei: - Não vou. Se quiser, você levante de sua cadeira, pegue no depósito, faça a fixa de troca e entregue. Eu não farei. E desliguei o telefone. O consultor ouvindo aquilo me xingou mais ainda, me chamando de incompetente e que deveria aprender a obedecer aos superiores. Eu falei: - Pessoas iguais a você não são superiores nem a formigas, se depender de mim, não terá a troca de seu notebook e eu ainda levarei o caso ao meu gerente. Ele então saiu berrando e me xingando, o resto da equipe ficou me olhando e perguntando o que tinha acontecido. Quando comecei a contar sobre a forma que o coordenador havia me tratado, eu apaguei. Acordei numa ambulância a caminho do hospital. Lá identificaram que eu estava com arritmia cardíaca causada por stress. Passei três dias no hospital para me recuperar.

Esta não foi a primeira nem seria a última das discussões com meu coordenador, elas eram constantes. Eu não aceitava executar algumas atividades simplesmente por uma ordem dada. Se eu identificasse risco ou perdas para a empresa, eu debatia a ordem passada e acabávamos entrando em conflito pois o coordenador simplesmente fechava o debate com a seguinte frase: - Faça pois é uma ordem minha. Tudo mudou quando um outro fato esgotou de vez a minha paciência.

Um dos sistemas apresentava constantes erros e precisávamos recuperar os dados e reiniciá-lo para restabelecer a sua operação normal. O usuário do sistema me informou que ele estava com muitos erros e solicitou que eu realizasse a recuperação dos dados e o seu restart. Como a operação só podia ser executada na madrugada, eu retornei a empresa às duas da manhã, conectei no sistema, parei a operação, reprocesssei os dados e reiniciei os sistemas, fiz todas as validações e fui para casa.

Às nove da manhã meu telefone tocou, era meu coordenador, eu atendi e antes que eu dissesse alô ele falou: - Quero você em trinta minutos na empresa para explicar a merda que você fez. E desligou. Levantei, me arrumei e saí, sem tomar café. Chegando na empresa eu telefonei para ele, pois ele ficava em Belo Horizonte. Ele atendeu e antes que eu dissesse qualquer coisa ele falou: - Quero saber o que você fez e com ordem de quem? Eu perguntei: - Fiz o que? Pois você não me falou o que está acontecendo ou sequer explicou algo. Ele então falou: - Com ordem de quem você reprocessou os dados do sistema? Eu falei: - O usuário do sistema me ligou ontem no meio da tarde e pediu para realizar a operação, pois o sistema apresentava erros. Ele então desligou a chamada. Pouco tempo depois ele retornou falando: - O usuário que você mencionou me disse que não lhe pediu nada, apenas disse que o sistema estava com erro. Eu fiquei irado, como assim? Aquele filho da puta foi claro em seu pedido, restaure o sistema pois está dando erro. Tentei argumentar com meu coordenador e ele apenas falou: - Vou lhe demitir, o que fez é inaceitável. Ele desligou sem deixar eu dar explicações.

Sentei na minha mesa olhando meu notebook meio perdido depois de ouvir o que ele falou. Alguns minutos depois chegou um e-mail dele, abri e li: "Você é um

irresponsável, precisa aprender a trabalhar direito. Você realizou uma operação em um sistema sem autorização ou algum pedido formal. Alega que o usuário pediu, mas este alega que não falou nada com você. Minha vontade é lhe demitir por esta ação irresponsável". Eu imprimi o e-mail, fechei o notebook, coloquei na bolsa, desliguei meu celular e fui até a sala do gerente, ele não estava. Coloquei a bolsa com o notebook, meu celular e o e-mail impresso sobre sua mesa, me virei e saí. Me ausentei por alguns dias e durante estes dias refleti se estava valendo a pena continuar na empresa. Decidi que não valia, minha saúde física e mental estava sendo afetadas por este coordenador. Fiz uma carta de demissão, peguei minha carteira de trabalho e retornei à empresa. Minhas coisas estavam sobre a minha mesa e um papel escrito. Antes de qualquer atitude me procure.

Fui procurar o gerente geral, com minha carta de demissão e a carteira de trabalho. Ao chegar em sua sala, ele pediu que eu me sentasse, fechou a porta, me mostrou o e-mail enviado pelo meu coordenador e falou: - Você é um excelente profissional. Não se preocupe com este e-mail, o coordenador não tem poder de demitir ninguém sem que eu autorize. Percebo que vocês têm dificuldade de se entender e reconheço que ele é uma pessoa difícil, então eu troquei você de área. Ele pegou o e-mail e rasgou na minha frente. Eu lhe dei a carta de demissão, ele fez a mesma coisa, em seguida falou: - Não aceitarei sua demissão, não hoje, não nesta circunstância. Vá para casa, tire esta semana de folga, na próxima semana conversaremos com calma e cabeça fresca.

Rotinas do Trabalho.

A mudança de equipe foi tranquilizadora, o novo coordenador me deu novas diretrizes, novas metas e novos objetivos. Meu trabalho cresceu, eu cresci, mas principalmente passei a ter paz para exercer minhas atividades. Deixei de atender usuários diretamente, voltei a ser responsável apenas pelos sistemas de comunicação e Callcenter.

Durante bom tempo tudo foi tranquilo, mas um dia, boatos circulavam que haveria mudanças e toda estrutura da empresa seria transferida para Belo Horizonte. Aquela notícia me deixou apreensivo, não queria voltar para lá. Nosso gerente nos reuniu em sua sala para conversar. Ele falou: - Vocês têm ouvido boatos de que a estrutura de Data Center será migrada para Belo Horizonte. Queria esclarecer que em parte é verdade. A diretoria estuda deixar o Data Center de Belo Horizonte como principal e este de Salvador como secundário. Muitas coisas serão transferidas, assim como algumas pessoas. Mas tudo ainda é apenas estudo da diretoria. Não há nada certo e quando houver eu serei o primeiro a lhes dizer. Saí da reunião intrigado. Ele falou de Data Center, o sistema que eu gerenciava não tinha possibilidade de ser remoto. Em particular fui conversar com ele e ele falou: - Não se preocupe, o sistema de comunicações não serão modificados, desta forma, você não será transferido.

Ainda assim, as notícias se desencontravam, um dia ouvia que nada iria mudar, noutro que em noventa dias tudo seria transferido. Era complicado viver nesta instabilidade. Até que uma outra notícia mudou todo o cenário. Recebemos um convite para uma reunião, num hotel próximo a empresa. Achei estranho aquilo, pois reuniões eram realizadas na própria empresa.

Um ônibus nos esperava na porta da empresa, entramos como se estivéssemos indo a um velório, ninguém falava nada, somente alguns murmúrios, mas nada além disto. Descemos do ônibus como um gado que iria para o abate. Entramos no hotel mudos, sentamos nas cadeiras e a nossa frente um palco. O diretor entrou por uma porta lateral, subiu no palco e começou a falar: - Boa tarde a todos. Pelo silêncio que estão, vocês acham que venho trazer más notícias. Quero adiantar e deixar vocês tranquilos, não haverá transferência do Data Center para Belo Horizonte. Todos deram um bufo de alívio. Ele continuou: - Não significa que não haverá mudanças. Compramos um prédio industrial no alto do morro à frente de onde nos localizamos hoje e o Data Center será levado para lá. A previsão é desta mudança acontecer em seis meses. Eu conto com todos vocês para esta mudança. Agora, vamos ao salão ao lado pois vamos comer e beber.

Mudança de Sede.

Recebemos o cronograma da mudança do Data Center. Primeiro mudaria o CallCenter, ou seja, os sistemas que eu administrava. Foram trinta dias de trabalho duro, me lembrando o início da empresa. O prédio inacabado, lama, poeira, barulho, falta de infraestrutura.

Quando as estruturas para alocar os sistemas de comunicação estavam prontas, começamos a desmontagem dos equipamentos no antigo prédio. Problema: O desligamento, transporte e montagem no outro prédio não poderia ultrapassar doze horas, iniciando as vinte e duas horas de um sábado.

No dia do desligamento chovia e o caminhão com o equipamento não conseguia chegar próximo a sala de montagem. Teríamos que carregar o equipamento debaixo de chuva e com lama, pois não havia calçamento ainda. Com todos os problemas enfrentados, conseguimos cumprir o prazo desta primeira etapa.

Eu participava do planejamento e algumas ações da mudança, mas um grave problema me tirou da equipe.

O diretor geral me chamou no escritório, que ficava no centro da cidade. Chegando lá ele falou: - Estamos com um problema grave de fraudes. Você foi um excelente consultor do sistema e entende como ninguém a ferramenta, os sistemas de telecomunicações e as principais fraudes. Quero que venha para a sede trabalhar na análise junto com a equipe. Você os coordenará nesta atividade.

Fiquei reticente com a mudança de atividade, mas não podia rejeitar.

Nos primeiros dias, juntamos os dados ligados ao problema, sentamos e discutimos o que parecia aquela fraude. Em seguida, analisamos o como estavam burlando o sistema e cometendo as fraudes. Depois de duas semanas, descobrimos como estavam atacando a empresa. Montamos um relatório com a proposta de ação para conter aquele problema. Como a ação implicaria em alterar uma configuração que afetaria todos os clientes, o diretor me levou para conversar sobre a proposta na reunião de conselho da empresa. Li o relatório, apresentei os dados analisados, o prejuízo causado e a projeção caso a ação não fosse realizada. Em seguida apresentei a solução. O Presidente perguntou: - Há outra alternativa? Eu respondi: - Avaliamos todas as possibilidades, apenas esta se mostrou eficiente e segura. Ele então olhou para um dos diretores e ordenou: - Faça, o mais breve possível.

No dia seguinte o diretor me chamou em sua sala para conversar. Ele me propôs continuar na equipe, como coordenador de fraudes, agradeceu a proposta, o reconhecimento, mas disse que minha vida era a área técnica. Ele compreendeu, me agradeceu pelo empenho e falou: - És um bom profissional, nas duas áreas sabe ser competente. As portas desta vaga estão abertas para você, mas se quer voltar para sua antiga atividade, boa sorte.

Voltei para as minhas atividades, suporte aos sistemas de comunicação e planejamento da migração do Data Center. A mudança ocorreria no carnaval, assim aproveitamos a janela de feriado. Eu pensei: - Mudar o data Center no carnaval? Em Salvador? Isto tem tudo para dar errado.

Mudança no carnaval

Faltavam algumas semanas para a data da mudança e tínhamos um problema sem solução aparente. Passamos dias debatendo soluções e nada assegurava que daria certo.

Minha rotina diária era: Acordar cedo, ir para a praia caminhar, tomar um banho de mar, voltar para casa, tomar banho, tomar café da manhã, lavar a louca, me arrumar e partir para o trabalho. Enquanto lavava a louça, neste período do projeto, surgiu uma ideia para o grande problema que impedia seguirmos com a mudança. Parei o que estava fazendo, desenhei a arquitetura da solução e corri para o trabalho, chamei todos e apresentei a proposta. O gerente riu e falou: - A solução estava em nossa frente e não a víamos. Como pensou nisto? Quando eu falei: - Lavando louça. Todos riram. O gerente pediu para eu ligar para minha esposa, quando ela atendeu ele falou: - Dê mais louça para seu marido lavar.

Chegado o dia da mudança, sexta feira de carnaval, dez horas da noite, as pessoas saindo para os trios elétricos, para os blocos de carnaval e nós ali, trabalhando. Nos dividimos em duas equipes, uma trabalharia durante a noite e a outra de dia. Foram quatro dias de muito trabalho ao som de samba e axé music.

Alguns colegas vinham trabalhar direto da noitada, chegavam ainda fantasiados com seus Abadás, mas mesmo cansados da noite davam o melhor para mudarmos tudo dentro do cronograma.

Eu fiquei responsável pela infraestrutura elétrica, garantir o funcionamento das tomadas e alimentadores. Tudo estava tranquilo, mas um dia eu tinha me deitado para dormir quando o telefone tocou, um colega falou: - Meu rei, o eletricista sumiu e tem uma tomada que não está

ligando o rack. Preciso que venha ver isto. Eu me levantei, vesti minhas roupas e fui para lá.

Identifiquei o problema, haviam trocado a ordem do plugue. Peguei as ferramentas e comecei a desmontar a tomada. Um colega ficou falando: - Tu sabe mexer nisto? Vai fazer merda. Vai tomar choque. Eu comecei a ficar puto com aquela perturbação. Quando terminei pedi para pegar a o plugue do rack para ligar na tomada, quando conectei os dois, eu dei um grito e comecei a me debater, como se houvesse levado uma descarga elétrica. O colega que me perturbava deu um grito e caiu duro no chão. Ele se levantou e eu falei: - Toma mané, eu sei mexer nesta porra. Fui para casa e tentei dormir de novo.

Nova sede

O prédio era enorme, de três andares amplos, um enorme terreno ao lado de uma chácara e de fundos um enorme barranco. No subsolo foi abrigado o Data Center, o primeiro andar abrigaria toda a parte administrativa, comercial, operações técnicas de TI e Rede, RH e comercial, o segundo andar já abrigava o atendimento ao cliente.

Conseguimos migrar o Data Center em cinco dias sem interrupção dos serviços. Estávamos finalizando a limpeza do salão que ficou no antigo prédio quando fomos surpreendidos pelo presidente de empresa. Ele nos cumprimentou, parou, olhou o salão e pediu para pararmos o que estávamos fazendo e subir para a nova sede. Chegando lá nos levaram a uma área ainda não ocupada e havia uma recepção. O presidente agradeceu a cada um de nós o trabalho realizado, nosso esforço e empenho. Destacou que conseguimos migrar um Data Center sem parar as operações.

Ainda havia muito trabalho no antigo prédio, tinha equipamentos operando e que precisaríamos desligar. Durante um mês trabalhamos nos dois prédios, num desmontávamos e limpávamos a bagunça deixada, no outro era montar outros equipamentos e administrar a operação.

Ainda neste tempo, nosso gerente geral foi demitido por motim, ele havia conspirado com outros dois gerentes para destituir um diretor, porém a informação chegou antes ao presidente da empresa. Esta ação resultou em uma reorganização de gerências e coordenações. Nosso coordenador foi promovido a supervisor e este a gerente. A vaga de coordenador ficou vaga, eu achava que seria a oportunidade de meu crescimento, estava enganado. Uma colega de outra equipe foi alçada ao cargo de coordenadora.

Fui conversar com meu novo gerente e ele disse, precisa melhorar seus conceitos de liderança, ainda está muito crú para assumir uma equipe.

Aquela notícia me derrubou, mas optei por usar esta resposta para me aprimorar.

Passados dois meses das mudanças fui conversar com meu novo gerente sobre minha desmotivação diante dos fatos. Ele falou: - Você é um cara competente, dedicado, sua hora vai chegar, é só focar na sua meta e traçar o que precisa para chegar até ela.

Noutro dia, ao chegar ao trabalho fui chamado para uma reunião urgente. A empresa havia decidido substituir os sistemas do callcenter e eu seria o responsável por conduzir o projeto. Recebi a documentação e me deram dois dias para analisar e avaliar a viabilidade do cronograma, riscos e impactos. Dois dias para um projeto que estava com a diretoria a pelo menos dois meses. Pedi para me isolar numa sala e dar conta de ler todo o material e realizar a análise necessária. Tentei argumentar a necessidade de mais três dias, me deram apenas um.

Me isolei e debrucei sobre a documentação do projeto, especificações técnicas, capacidade, expansão, suporte, montagem, mudança da tecnologia. Era muita coisa para analisar. No terceiro dia fui ao gerente avisar que não conseguiria entregar no prazo, precisaria de mais um dia para finalizar a análise e o relatório. Ele muito descontente com minha informação falou: - Não lhe darei mais um dia, são vinte e quatro horas, eu lhe darei metade disto. Eu respondi: - Doze horas? Terei que virar a noite nesta análise. Ele então me surpreendeu falando: - Ainda foi para casa dormir? Por isto não conseguirá entregar. Terá doze horas. Eu ri e falei para ele: - Estará aqui às três da manhã para receber a documentação? Ele me olhou e falou: -

Truco! Trucado! Façamos o seguinte, terá dezenove horas. Então respondi: - Será entregue.

Liguei para casa avisando que viraria a noite no trabalho. A primeira coisa que ouço: - Aquela safada estará com você? Desconsidere o comentário e falei: - Liguei apenas para avisar que se precisar estarei na empresa.

Trabalhei a noite inteira na documentação, identifiquei alguns riscos, mas a especificação técnica do sistema me surpreendeu, sua capacidade operacional e de expansão excepcionais. Eu administraria aquele sistema depois de entregue. Às oito horas da manhã eu tinha terminado a documentação, saí da empresa até uma padaria próxima para tomar um café da manhã. O gerente me viu saindo e perguntou: - Mas está saindo? Cadê o relatório? Eu respondi: - Me deu dezenove horas ainda faltam duas para o término do prazo, não se preocupe, será entregue como o combinado.

Na padaria encontrei alguns colegas que me perguntaram: - Vêi, você está com uma cara, não dormiu? Eu respondi: - Estou na empresa desde ontem às sete da manhã. Mas logo irei para casa dormir.

Voltei para a empresa e revisei a documentação, me atentei aos riscos na montagem, na mudança da plataforma e principalmente no suporte pós-venda do fabricante. Não havia especificações disto no documento. Às nove e quarenta subi até a sala do gerente, entrei e ele falou: - Terminou seu prazo. Eu disse: - Não, tenho ainda dez minutos. Ele riu de meu comentário. Entreguei a documentação e conversamos sobre a minha impressão. Ele agradeceu e disse para me preparar teria muito trabalho a frente.

O especialista vira aprendiz

O novo sistema chegou, fui acionado num domingo informando a presença de uma carreta e duas pessoas na empresa e que deveria comparecer para acompanhar a descarga e início das montagens. Saí da praia direto para a empresa. Acompanhei a descarga dos materiais, as duas pessoas mencionadas pelo segurança eram os analistas que instalariam os equipamentos.

Passamos o resto do dia conferindo os equipamentos descarregados, validando se todo pedido estava entregue, ao fim da conferência fomos embora. No dia seguinte iniciou a montagem dos equipamentos, eu me dividia entre a manutenção e o projeto. Foram dias de muito trabalho, após o equipamento montado chegava a fase mais complicada, programar o sistema.

Durante o período de montagem rimos muito em várias situações. Um dos técnicos que montava os equipamentos queria fazer um teste com os aparelhos, por falta de espaço eu os guardei na sala de LAN, LAN é a sala onde ficam os racks de REDE de dados nos andares do prédio. Ele me pediu os aparelhos e eu falei: - Eles estão na sala de LAN. Depois de muito tempo ele volta e fala: - Cara, não achei os aparelhos. Eu respondi: - Como assim? Eu deixei as vinte caixas cada uma com trinta aparelhos. Ele então falou: - Não achei nem a sala. Ninguém sabe que é este tal de Alan. Depois de resolvido o desentendimento ele subiu a sala de LAN e achou os equipamentos. Um outro técnico testava o sistema de reconhecimento de voz da URA, ele era Pernambucano e possuía um forte sotaque. Ele gerava uma chamada e pronunciava os números correspondentes as opções: - Um, dois, cinco, três, seti, seti, seti, seti. Desligava, fazia ajustes e repetia tudo de novo. Fez várias vezes a mesma coisa até que se irritou: - Esta porcaria não está reconhecendo a opção seti. Eu me

aproximei e falei: - Posso tentar? Ele disse sim. Peguei o telefone e repeti seu teste: - Um, dois, cinco, três, sete. Funcionou. O técnico então falou: Como podi, comigo não passa. Eu então falei: - Vêi, tente falar sete ao invés de seti. Seu sotaque pode estar influenciando. Ele me olhou com uma cara de poucos amigos, se virou e saiu. Os outros técnicos riam da situação e um deles falou: - Cara, o baixinho é arretado, fica bravo à toa e você sacaneia ele assim.

Os dias passavam e o sistema foi tomando forma. A virada ocorreria num fim de semana. Foram dois dias de trabalho intenso, programar, testar, reconfigurar, testar, testar e testar. Trocar os aparelhos do sistema antigo pelos novos, mudar as conexões, testar, testar e testar. Chegado o dia o os consultores de atendimento começam a chegar e se conectar aos novos aparelhos, muitos funcionam sem problemas, mas um número significativo simplesmente não dá sinal de vida. Correria para restaurar o seu funcionamento. Depois de muitos ajustes, reprogramações o sistema opera sem falhas. Agora iniciaria a minha fase, a fase de aprender este novo sistema, seria estudar, e muito.

Aprender a pilotar o avião, com ele voando

O sistema estava operando 100%, cada solicitação ou problema apresentado era um desespero. A administração, a operação, programação tudo diferente do antigo sistema, passava horas lendo manuais, analisando diagramas, revendo o plano de programação, a sensação era a de aprender a pilotar um avião com ele voando. Não podia deixa-lo cair, a pressão era enorme. Todo começo de um novo sistema tem muitas reclamações, sejam por falhas do próprio sistema, seja por desconhecimento ou simplesmente por resistência ao uso de uma nova plataforma. Para mim que não conhecia o sistema era difícil identificar cada um dos casos, então eu os tratava todos como falhas. Até problemas simples que eu costumava levar alguns minutos para resolver eu levava algumas horas. Aos poucos fui entendendo o novo sistema, suas programações e aos poucos fui aprofundando a análise. Depois de um ano me enviaram para o realizar um curso em São Paulo. Seriam duas semanas de treinamento intensivo.

Aproveitei e estreitei contatos profissionais, ampliei meus conhecimentos em outros sistemas, agendei outros treinamentos. Percebi que conhecia mais que muitos dos que estavam em treinamento comigo. De volta a empresa, aplicar todo conhecimento adquirido na prática. Percebi que muitas coisas precisavam ser ajustadas, assim um longo plano de reconfiguração do sistema foi montado, levaria três meses para sua conclusão, porém os ganhos eram grandes. Otimizaríamos recursos do sistema, novas facilidades para os consultores e supervisores de atendimento seriam liberados, novos recursos de segurança, uma mudança completa.

Após os ajustes a administração ficou mais fácil, o relacionamento com os clientes internos mais ágil e com

menos problemas. Os anos seguintes foram de relativa rotina, sem mudanças drásticas. A empresa crescia em outros estados do Brasil, fincava sua sede no estado do Rio de Janeiro, incorporava as outras unidades e mudava o nome social, mas nada que afetasse minha vida, até que meu gerente agendou uma reunião para nos dar uma notícia. Ele nos reuniu na sua sala e falou: - A empresa está crescendo e precisa ampliar sua central de atendimento. Eles decidiram que usarão a estrutura daqui de Salvador. Isto significa que tudo que é atendido aqui será transferido para Belo Horizonte para depois reprogramarem esta central. Em seguida ele falou direto para mim: - Precisarei que participe de umas reuniões com a equipe de arquitetura de sistemas no Rio de Janeiro e planeje com eles todos os passos deste projeto. Apenas balancei a cabeça.

Achei que esta conversa era sinalizando algo que demoraria a acontecer, mas no dia seguinte meu gerente me chamou em sua sala e falou: - Você irá para o Rio de Janeiro na próxima segunda-feira. Se prepare para passar a semana toda. A semana virou vinte dias. Foram muitas reuniões com as equipes de projetos, arquitetura, fornecedores e gerentes. Discutíamos o que precisaríamos para migrar o atendimento de um site para outro e como transformar o site de Salvador numa central de atendimento nacional. O primeiro passo seria ampliar a central de Belo Horizonte, depois migrar o atendimento, desligar a central de Salvador, ampliar os sistemas e depois virar a chave.

Novamente achei que o processo seria demorado, mas alguns dias meu gerente me chamou na sua sala e falou: - Se prepare para viajar novamente. Se prepare para passar três semanas em Belo Horizonte. Você e a equipe de lá farão a ampliação dos sistemas para absorver o atendimento de Salvador. Falei: - Ok, estarei pronto, mas

quero fazer um pedido. Posso levar minha família? Ele respondeu: - Me dê uns minutos e lhe dou a resposta. Meia hora depois ele veio em minha mesa e falou: - Tudo bem, pode levar até o papagaio se quiser. Virávamos noite no Data Center para garantir o cronograma. Durante o dia montávamos os equipamentos, programávamos os sistemas e à noite inseríamos os módulos ao ambiente em produção. Foram dias de muito trabalho, mas foi prazeroso trabalhar com meus colegas de Belo Horizonte. Após a ampliação iniciamos o trabalho de migrar o tráfego das chamadas para liberar o sistema de Salvador para suas mudanças.

De volta a Salvador teria outro grande trabalho a realizar, comecei a analisar a última fase do projeto, preparar os materiais, as necessidades técnicas, mas fui surpreendido. Meu gerente me chamou em sua sala e falou: - Percebi sua movimentação para esta fase do projeto, mas não quero que se envolva. Eu respondi: - Como assim? Ficarei à toa? Ele me interrompeu: - Calma, deixe eu terminar. Não quero que se envolva tecnicamente, quero que coordene as equipes técnicas, as atividades, as pendências, cronograma. Você será o gerente do projeto. Então, se prepare para isto. Em seguida me deu muita literatura sobre gestão de projetos. Passei os dias que antecipavam o seu início estudando gestão de projetos. Aprendi que precisaria planejar todas as etapas do projeto; definir a ordem das atividades; alinhar a execução; definir os recursos operacionais, humanos, financeiros e principalmente o tempo.

A equipe chegou para iniciar as mudanças, meu gerente me apresentou como líder técnico do projeto, era a primeira vez nesta empresa que ficaria à frente de uma equipe para conduzir um grande projeto, uma responsabilidade enorme. Meu nervosismo era visível, mas consegui me recompor e conversar com a equipe, eram oito

profissionais que teria que liderar neste projeto, não precisava me preocupar com o orçamento pois estava fechado, porém o tempo era preocupante. Me sentei com a equipe e conversamos sobre o planejamento, cronograma e as ações e responsabilidades de cada um.

Inicia uma nova fase na empresa

O projeto mudava toda a minha estrutura profissional, eu passaria a ter dois gerentes, pertencer a duas diretorias e responde a duas empresas, pois possuíam duas estruturas totalmente diferentes. O início foi complicado, a cada ação que eu fazia, tinha que reportar duas vezes e de jeito diferente. Resolvi então fazer um acordo, ao meu gerente regional responderia as situações relacionadas ao aspecto local e ao gerente nacional as demais situações. Um tempo depois, contrataram uma empresa que disponibilizou três técnicos para atuarem no suporte e administração do sistema e me delegaram a liderança técnica deles.

Era difícil administrar a situação, mesmo com o acordo, ficava dividido nos reports de problemas e ainda havia a gerência da equipe que era de terceiros e possuíam uma chefia própria. Para complicar comecei a ter problemas de comportamento com um dos técnicos e tive talvez a mais difícil situação que um líder precisa tratar, a demissão de um colaborador.

Não dormi naquele dia, passei uma semana remoendo esta demissão. Meu gerente me chamou para conversar, e falou: - Percebo que está chateado com a demissão do técnico. Esta é uma das situações difíceis para qualquer gerente, mas existem duas situações distintas. Aquela que você demite um profissional por mal comportamento, por fraude, furto ou por incapacidade técnica e aquela que o profissional não fez nada e há uma ordem da empresa para desligamento. Nesta segunda, a decisão não é nossa, mas nós assumimos o ônus da demissão, nós temos que comunicar e acompanhar o demissionário em todo o processo. Esta segunda situação é mais dolorosa. Eu respondi: - Não estava acostumado com esta situação, e fiquei chateado, mais ainda por ter dado chances para ele

se corrigir. Ele apenas falou: - Não tem jeito, se quer ser gerente um dia, terá que se acostumar com isto.

A equipe teve que se reorganizar pois avisaram que o técnico não seria substituído. E percebi que não fez falta. Tudo mudava muito rápido, mas uma ordem me deixou atônito.

É uma ordem, faça e fique calado

O dia estava normal, nenhum problema grave no ambiente, mas no meio da tarde recebo uma ligação, a pessoa do outro lado se apresenta e fala: - Esteja na empresa amanhã às cinco horas da manhã e retire todas as placas dos canais de comunicação externo. Eu respondi: - Não sei quem é você e não poderei realizar esta operação, ela desativará todo o serviço de atendimento da empresa neste site. A pessoa então falou: - É uma ordem, apenas faça. Eu respondi: - Me desculpe, não recebo ordens de um desconhecido. Desliguei o telefone e fui direto à sala de minha gerência. Reportei o fato, ele pediu para fechar a porta e me sentar, então falou: - O atendimento ao cliente será descontinuado em nosso site, toda a estrutura será desmontada e remanejada para outro lugar. O desligamento do sistema será nesta madrugada, todos os consultores serão demitidos. Por isto você fará o que a pessoa que te ligou ordenou. Eu respondi: - Não farei isto. Meu gerente falou: - É uma Ordem, faça e fique calado sobre o que vai fazer. Eu respondi: - Ok, mas não farei o que ele ordenou, vou bloquear os ramais de atendimento, o resultado é o mesmo e não corremos o risco de alarmes no sistema e queima de placas por retirar dos gabinetes. Ele falou: - Ok, porém, preciso que fique calado. Apenas eu e você sabemos desta notícia aqui em Salvador. Eu respondi: - Fique tranquilo. Saí da sala com a consciência pesada, eu tinha muitos colegas, conhecidos na equipe de atendimento e eles seriam demitidos e não poderia falar nada. Pedi ao meu gerente para sair mais cedo e evitar este desgaste.

Fui para casa pensando nas pessoas e no que aconteceria, desligar o sistema significava que eu não teria mais o sistema para administrar. Comecei a pensar que eu seria o próximo. Discuti o assunto com minha esposa que me tranquilizou, falou que eu era um bom profissional que

se algo acontecesse, eu arrumaria trabalho fácil. Apesar das palavras tranquilizadoras, eu fiquei preocupado.

No dia seguinte às cinco da manhã cheguei na empresa, havia seguranças armados, a porta principal estava lacrada, vários gerentes estavam no saguão principal conversando. Eu entrei pela lateral, evitando que me vissem, fui direto à sala do sistema e comecei a bloquear os ramais de atendimento. Eram sete da manhã e comecei a ouvir gritaria do lado de fora da sala, pessoas chorando, gritando sobre a atitude da empresa, reclamando seus direitos, alguém falava que deveriam se dirigir ao auditório onde tudo seria explicado. Percebia-se exaltação nos ânimos das pessoas. Eu trancado na sala, só podia observar, ouvir. Passava um monte de coisas pela minha cabeça, uma possível demissão, relembrava meu caminho na empresa, tudo que passei, as possibilidades futuras dentro e fora da empresa e minha família. A confusão foi diminuindo até não ouvir mais ninguém falando, abri a porta e percebi que não havia mais ninguém do lado de fora da sala. Era pouco mais de nove da manhã, eu fui à lanchonete comer algo e a dona do bar chorava. Perguntei o porquê ela então falou: - Conhecia muitas daquelas pessoas demitidas, eram meus clientes. Meus maiores clientes estão saindo e não sei se os que ficarem cobrirão meus gastos com a lanchonete. Pode ser que eu precise fechar. Se eu fechar, não sei o que fazer, este é meu único ganha pão. Percebi, que a demissão daquelas pessoas ia muito além do impacto na empresa, ela afetaria outros; a dona da lanchonete, o dono da van, o restaurante ao lado da empresa. Eu não podia fazer nada, era uma impotência enorme.

Na semana seguinte pedi uma reunião com meus gerentes, levei a minha situação para que eles me dessem respostas. Com a saída do sistema, qual seria minha função na empresa?

Trabalhando sob tensão

O último acontecimento deixou todos preocupados. Se a Central de Atendimento mudou, esperamos que o resto todo mude. Trabalhávamos sob tensão total. Meu gerente me chamou para a reunião que havia solicitado. Ao chegar em sua sala, tive uma péssima surpresa, meu ex-gerente que me fez passar mal e dois dias internado, estava com ele. Ele pediu para que eu me sentasse e falou: - Preciso que me ajude no suporte ao sistema de atendimento da empresa no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas para isto terá que se mudar para o Rio de Janeiro. Eu agradeci e disse que não. Posso ajudar você, mas residindo aqui em Salvador.

Na semana seguinte este gerente foi demitido, as coisas mudavam muito rápido. O novo gerente do Rio me pediu ajuda para o suporte ao ambiente de atendimento, eu concordei desde que continuasse em Salvador. Ele concordou e iniciamos um trabalho interessante. Me dividia entre o suporte ao sistema corporativo de Salvador e ao sistema de atendimento do Rio de Janeiro. Em casa algumas coisas mudaram, um novo membro da família estava a caminho. Tinha agora mais uma preocupação relacionado ao futuro em meu trabalho. O sistema instalado no Rio de Janeiro, era muito complexo, dependia de uma série de sistemas intermediários que dificultava sua administração. O novo gerente me convidava sempre para migrar para o Rio de Janeiro, eu negava.

Um diretor na matriz no Rio de Janeiro, meu ex-gerente, convocou uma reunião, não passou o motivo apenas a data, e o local. No dia da reunião fomos todos para o auditório de um hotel. Lá um bufê de petiscos, sucos e refrigerantes estava no saguão principal. Ele estava de pé, ao lado da mesa e nos cumprimentava e informava que o bufê era para nosso deleite. Ficamos conversando e

comendo quando ele falou: - Colegas, vamos entrar para bater um papo. Entrei no auditório e me sentei nas primeiras filas. Depois que todos entraram ele caminhou do fundo da sala até a frente nos olhou e falou: - Vocês já sabem, por boatos, que nossa empresa está construindo um novo Polo de Tecnologia. Bem, eu os convoquei para dizer que é verdade. A empresa construiu um novo Polo de Tecnologia em Santo André, São Paulo. Ele está na fase final e estamos avaliando os profissionais que gostaríamos que nos ajudasse nesta nova fase da empresa. Ele então mostrou uma apresentação com slides de fotos do local, antes e depois. O ambiente profissional, a localização, a cidade, as oportunidades. Depois ele falou: - Amanhã, eu conversarei individualmente com cada um de vocês sobre as oportunidades de trabalho neste novo Polo. Agora, vamos de volta ao nosso trabalho. Saí do auditório cheio de interrogações, quem seriam os profissionais avaliados? O que acontecerá com os não avaliados? E o que acontecerá com aqueles que não quiserem ir? Descobri que estas dúvidas não eram só minhas, mas de todos.

No dia seguinte ele veio em nossa sala, nos cumprimentou e falou: - Eu estarei na sala de reuniões no primeiro andar, chamarei um a um para conversar sobre oportunidades no novo Polo Tecnológico. Aos poucos foram indo um a um dos profissionais conversar com o diretor. Voltavam calados, quando perguntávamos sobre o que conversaram, quais as propostas a resposta era padrão: - Só poderemos falar depois do último entrevistado. A secretária me chamou e disse que o diretor me aguardava. Foi uma caminhada curta, mas em minha cabeça passou anos de trabalho na empresa, as coisas que passei, dificuldades, crescimento. Parei na porta, ele me olhou e falou: - Menino Maluquinho, entre meu amigo, sente-se e vamos conversar. A sala era grande e não tinha nada além de uma mesa e duas cadeiras. Eu me sentei no lado oposto à dele, ele então pegou uma faca e uma passagem aérea, pôs sobre a mesa, empurrou em minha direção e falou: -

Escolha. A faca ou a passagem? Eu ri da situação e falei: - Tenho outra opção? Ele respondeu: - Não. Então perguntei: - Quando a faca vai cortar? Ele respondeu: - Entre daqui a três ou quatro anos. Eu tinha conversado sobre o Polo Tecnológico com Helena, ela disse que não iria embora de Salvador, gostava da cidade e da vida que levávamos. Eu lembrei do que ela falou dia anterior e perguntei: - Posso datar a passagem para o último dia possível? Ele respondeu: - Olhe, você é um excelente profissional, quero você na equipe agora, pois preciso de seu conhecimento. Eu gostaria que fosse agora, veja agora tens condição de negociar aumentos, cargos, atividades. Depois não terá mais esta oportunidade, sobrá o resto. Mas se assim quiser, eu deixo você por aqui, mas será de minha equipe. Eu respondi: - Então fica assim, irei no apagar das luzes.

As semanas seguintes corriam com certa tranquilidade, mas uma grande surpresa mudou todo o planejamento, meu filho que estava para nascer possuía uma má formação cardíaca, São Paulo seria a melhor opção de trata-lo.

No dia seguinte ao saber da notícia de meu filho, conversei sobre a situação com meu coordenador, ele ligou para o diretor no Rio de Janeiro. Eu expus a situação e falei para o diretor: - Podemos adiantar aquela passagem? Ele falou: Posso agendar para amanhã? Eu ri e falei: - Não precisa tanto assim. Ainda precisamos ajeitar umas coisas, minha filha está na escola. Apenas temos que observar o período gestacional, não poderemos viajar se ela estiver no oitavo mês. Ele então falou: - Me dê uma data. Eu falei três de dezembro. Ele então respondeu: - Ok. Quando íamos encerrar eu falei: - Não fizemos nenhum acordo. Ele então falou: - Vinte e oito por cento, hotel por três meses para você e a família, fiador para locação de imóvel, três meses de carro alugado e uma bonificação de dois salários pela transferência. É o melhor acordo que consegui. Eu falei: - Excelente, me aguarde em três de dezembro.

A transferência.

O dia da mudança foi triste, abandonamos uma cidade maravilhosa de se viver, uma qualidade de vida ímpar, amigos, histórias, muita coisa estava sendo deixada. Mas ao mesmo tempo um sopro de esperança na vida de nosso filho e uma oportunidade no trabalho.

Chamamos um táxi e pedimos que ele seguisse pela orla, fazia calor, um céu sem nuvens, nosso voo partiria no início da noite. Para facilitar a ida do aeroporto até a cidade, reservei antecipadamente um carro. A viagem transcorreu sem problemas, um voo tranquilo. Quando desembarcamos em São Paulo, um susto. Chovia e fazia frio. Passamos anos sem saber o que era frio e não tínhamos roupas para isto. Helena começou a falar: - Quero voltar agora, odeio frio. Não quero morar neste lugar. Eu apenas respondi: - Pare de pensar só em você. Pense no filho que traz nesta barriga. Viemos para cá por ele. Se quer voltar, volte quando soubermos que ele está bem.

Peguei umas camisas sociais que tinha na mala e vesti Iasmin e cobri Helena. Entramos no carro e seguimos para a cidade. Eu sabia chegar lá, mas não fazia ideia de onde era o Hotel. Ela foi o percurso todo resmungando sobre o frio, que voltaria o mais rápido possível para Salvador. Resmungou tanto que errei o caminho. Eram onze horas da noite, chovia e não encontrávamos alguém para nos ajudar. Depois de andar numa avenida por uns bons quilômetros, conseguimos achar um posto de gasolina. O frentista nos ajudou no caminho correto.

Chegamos na cidade e também não havia uma viva alma na rua para nos ajudar. Um acidente na avenida havia um oficial de trânsito perguntei o endereço do hotel. Ele notou um sotaque diferente e perguntou de onde

vínhamos. Quando disse que vínhamos de Salvador ele pediu um minuto. Foi perto de um outro oficial de trânsito, montou numa motocicleta e pediu que o seguissemos. Ele nos levou até o hotel. Eu o agradei, ele nos desejou sorte.

No dia seguinte o tempo havia melhorado, a temperatura subiu e parou de chover. Saíamos em direção a portaria do hotel quando um carro parou e uma mulher desceu, conhecíamos aquela mulher, era esposa do meu velho amigo Luciano. Eles também estavam de mudança para a cidade e novamente trabalharíamos juntos.

A presença deles acalmou Helena e nos trouxe alívio de ter alguém conhecido próximo. Depois que eles se acomodaram no hotel, saímos juntos para almoçar e pôr a conversa em dia. O fim de semana foi muito bom.

Na segunda-feira me apresentei no novo Polo Tecnológico, tudo novo, uma obra gigantesca, bonito, bem diferente do prédio onde trabalhava. De uma pequena sala com cinco cadeiras e onze pessoas para sentar, para um Polo de Tecnologia pomposo e funcional. Passei alguns momentos observando o ambiente quando um conhecido passou por mim e gritou: - Menino maluquinho, que faz aqui, meu rei? Eu ri da expressão e falei: - Acabei de chegar, estou perdido. Ele me perguntou: - Vai trabalhar em que área? Respondi: - Em Voice Systems. Venha comigo, levo você e apresento a equipe.

Chegando na sala ele me apresentou a um homem alto e ruivo. Ele me cumprimentou então eu falei: - Já nos falamos por telefone. Eu era responsável pelos sistemas de voz em Salvador. Ele riu e respondeu: - É um prazer te conhecer e saber que vai trabalhar conosco. Venha te apresento o resto da equipe. Ele me apresentou os técnicos que nos davam apoio e o que cada um fazia. Depois me

levou a uma mesa e disse que poderia usa-la, até que o gerente definisse nosso local definitivo.

Após o almoço, recebemos uma visita do nosso diretor junto com o novo gerente, como já previa, Luciano seria meu gerente. De certa forma facilitou muita coisa o fato de nos conhecermos. Ele nos levou até o outro prédio e nos mostrou onde ficaríamos. Perguntei quando poderíamos nos mudar, ele respondeu: - Já. Quero vocês aqui ainda hoje. No fim do dia estávamos todos alocados.

Havia pouco trabalho a realizar, as operações no Polo haviam iniciado menos de uma semana a minha chegada. Então eu continuava no apoio à equipe que ficou em Belo Horizonte e Salvador. A semana foi dividida entre conhecer as pessoas, o ambiente, os sistemas, administrar os antigos sistemas e procurar um lar.

Novo lar e novas atividades

Encontramos um bom lar para morar, simples e aconchegante, próximo ao trabalho, a um bom comércio, a boas escolas. Era o que precisávamos.

As atividades começavam a aparecer, mas era muito diferente do que estava acostumado. Eu não podia interagir diretamente nos sistemas, um técnico acessava e eu repassava as ações. Era estranho não poder atuar direto, realizar a análise e executar as correções. Tinha que receber a informação do problema, avaliar os impactos ao negócio, comunicar ao corpo técnico, aos gerentes, acompanhar as ações de análise e execução de correção, validar a correção do problema e comunicar aos gerentes e usuários. Mas não podia interagir no sistema. Não poder atuar e ver erros operacionais, atuações indevidas, demora na análise e correção me deixava nervoso, ansioso e chateado.

Aos poucos fui me adaptando ao novo conceito de trabalho. Além disto as coisas eram grandiosas, tudo era em média mil por cento a mais que tinha em Salvador, o sistema era enorme, a empresa era enorme, o volume de problemas era enorme, a equipe, tudo, literalmente tudo era muito grande. Comecei a receber novas responsabilidades e demandas, passei a responder por entrada de projetos e definições de arquitetura do ambiente.

Um dia cheguei para trabalhar e um homem desconhecido estava sentado em minha mesa. Cheguei, me apresentei e comentei que ele estava em minha mesa, ele se levantou, se apresentou, pediu desculpas e sentou-se na mesa ao lado. Ele então disse que era seu primeiro dia e que tinham indicado me procurar. Eu então falei: - Não recebi nenhuma orientação sobre novo colaborador. Você irá trabalhar em que área? Ele respondeu: Voice Systems.

Disseram que trabalharei com você. Então respondi: - Seja bem-vindo à equipe. Vou lhe apresentar a turma. Levei ele na sala técnica e apresentei a equipe. Voltamos para nossa sala e o gerente havia chegado. Eu o levei e até a sala e nos sentamos para conversar. Ele então falou: - Vejo que já se conheceram. Bem, ele será o novo colaborador da empresa que trabalhará com você. Delegue algumas atividades e vá o orientando sobre o que e como fazer.

Depois de muita conversa, descobri que já o conhecia. Ainda em Salvador, a empresa organizou um festival de música, com os funcionários da empresa. Poderiam se apresentar individualmente ou em grupo, músicos para apresentar músicas autorais ou não. Resolveram montar uma banda e me chamaram para tocar bateria. Um dos integrantes, o baixista era ele, que vinha de fora da empresa para compor o grupo. Foram alguns ensaios e uma apresentação. O mundo é mesmo muito pequeno.

Nossa equipe cresceu e desempenhávamos as atividades de apoio técnico e de negócio, gestão dos projetos e análise de arquitetura dos sistemas. Mas percebemos que nosso novo companheiro não entendia tecnicamente dos sistemas e aquilo nos preocupava, pois qual seria realmente a atribuição dele na equipe que era essencialmente técnica? Passado um tempo descobrimos. Nosso gerente nos chamou na sala para um comunicado. O novo companheiro seria o nosso coordenador. Para mim, nada mudaria, porém, o outro colega não gostou da mudança pois ele acreditava que seria promovido ao cargo de coordenador.

Houve uma grande mudança de arquitetura de nossos sistemas, tivemos que nos dividir para entender a nova proposta e aprender seu funcionamento. Porém as coisas não fluíam bem, havia muito conflito entre o coordenador e o outro colega de equipe. Eu muitas vezes tinha que me

dividir em minhas atividades e as dele, para não prejudicar a equipe e a empresa. Uns meses depois, consegui que transferissem meu antigo colega de trabalho de Belo Horizonte para Santo André, com intuito de aumentar a equipe e melhorar o nosso trabalho. As coisas começaram então a funcionar de forma mais tranquila, apesar dos imensos problemas que identificávamos todos os dias.

Estou sem roupas

Recebi uma reclamação da equipe de Curitiba, alegavam que muitos clientes não conseguiam contato com nossa Central de Atendimento. Eles ligavam, eram atendidos pelo Autoatendimento, mas quando pediam para falar com a Central a chamada era desligada. Isto era um problema corriqueiro, mas o volume de reclamações apontadas por eles não era normal. Comecei a analisar o problema e tive um susto. Revisei a análise que tinha feito seis vezes para ter certeza que meus números estavam corretos. Chamei o coordenador e meus colegas para mostrar o resultado. Setenta por cento das chamadas são desconectadas saindo do Autoatendimento para nossa Central de Atendimento, de todo o Brasil. Ficaram espantados com o resultado, o coordenador perguntou se os números estavam certos, confirmei o resultado. Ele então falou: - Vamos nos reunir com as equipes técnicas envolvidas em todo o processo e a equipe de arquitetura. A reunião seria no Rio de Janeiro, ele pediu que eu fosse representar nossa equipe. Esta reunião seria um dia apenas.

Na reunião, apresentei os resultados obtidos, começamos e a análise ponto a ponto do processo e encontramos muitos problemas, muitas falhas. O gerente geral então falou: - Fiquem aqui até encontrar as principais falhas e corrigirem. Eu falei ao gerente: - Preciso voltar para São Paulo, não trouxe roupas, não fizeram reservas de hotel. Ele então respondeu: - Não vai precisar, vocês não sairão daqui. Realmente, viramos a noite naquela sala de reuniões. Separamos as principais falhas, delegamos para as equipes técnicas as necessidades de correção e acompanhamos os resultados. Em uma única ação conseguimos recuperar vinte por cento das chamadas perdidas, mas as perdas ainda altíssimas.

O gerente chegou e viu o resultado obtido, nos dispensou para descansar, mas eu não tinha aonde ir. Falei para ele: - Preciso de um local para banho e dormir um pouco. Ele respondeu: - Hotel Transamérica, do outro lado da rua, dê seu nome, há uma reserva para você para quinze dias. Eu falei: - Quinze dias?!?!?! Ele respondeu: - No mínimo. Ele era uma pessoa de poucas palavras, às vezes um tanto rude. Não era meu gerente, mas estava coordenando a correção do problema e tínhamos que seguir suas orientações. Fui para o hotel, tomei um banho e fui deitar, mas a agitação era tanta que não conseguia dormir. Só após um bom tempo revirando na cama, apaguei.

Meu telefone tocou quando atendi, o gerente se identificou e falou: - Precisamos de você aqui. Eu respondi: - Preciso passar numa loja e comprar algumas roupas, não trouxe nada. Ele então falou: - Compre depois, venha agora. Chegando na sala de reuniões a equipe estava exaltada, falavam alto, acusações entre as equipes. Eu cheguei e tentei acalmar os ânimos, sem resultados. Dei um tapa na mesa e um grito: - Todo mundo quieto. A sala ficou em silêncio. Eu então falei: - Viemos aqui para achar o problema e solução, não achar culpados. Vamos nos sentar, educadamente, como profissionais e analisar juntos o que está acontecendo e trabalhar para resolver o problema. Neste momento o gerente entrou na sala e falou: - Você agiu certo. A partir de agora coordene as equipes e me apresente os resultados.

Passei mais um dia preso na sala de reuniões, com a mesma roupa. Saí às duas da manhã para o hotel, e não havia roupa para vestir. No hotel, tomei um banho e desabei na cama, de tão cansado. No dia seguinte, acordei e fui direto ao shopping comprar algumas roupas. Mais um dia de reuniões e discussões, os problemas eram muitos, as soluções nem sempre fáceis. Mas conseguimos avançar. A

viagem para uma reunião de um dia, levou doze dias. A taxa de desconexão após nossas ações estava em vinte e dois por cento. Alto, mas administrável.

Solução numa cama de hospital

De volta à Santo André, trabalhamos na análise dos problemas para diminuir mais ainda a taxa de desconexão. Após dias de análise não encontrávamos nada. Resolvemos partir para testes operacionais, simulando o cliente ligando. Observamos que as chamadas eram entregues e em seguida desconectadas. Em algumas situações ouvíamos o som ambiente, pessoas falando e em seguida desconexão. Naquela semana, tinha uma cirurgia marcada, nada preocupante, mas me deixaria dois dias no hospital. Após me recuperar da anestesia, pedi meu notebook e comecei a ler uns manuais do sistema. Achei um relatório que registrava as ações dos consultores de atendimento. Comecei a rastrear as chamadas que testamos e que foram desconectadas e achei um padrão. Comparando este padrão com o manual do sistema, identifiquei que significavam: Desconexão realizada pelo atendedor. Bingo, achamos o problema que deixou dez analistas debruçados em testes.

Entrei em contato com meu gerente e informei o resultado, sua primeira fala foi: - O que você está fazendo? Não deveria estar de repouso após a cirurgia? Eu falei: - Deveria, mas não ficaria tranquilo com este enorme problema. No dia seguinte criei um relatório com estes dados, em que conseguimos medir a taxa de desconexão operacional e por problemas. Dos vinte e dois por cento das desconexões quase sua totalidade era operacional. A taxa de desconexão após quatro meses de trabalho árduo, noites em claro, caíram para cinco por cento. Valor aceitável por toda a diretoria.

No mês seguinte fui chamado na sala da diretoria, não sabia o motivo. Meu diretor falou: - Quero pessoalmente lhe parabenizar pelo seu trabalho. Eu respondi: - Obrigado, mas não fiz nada sozinho. Ele riu e falou: - Sabemos disto,

mas sua condução na equipe trouxe o resultado esperado. Na semana seguinte houve uma reorganização gerencial. Meu gerente geral foi transferido para a área de Arquitetura de TI, pois o antigo gerente pediu demissão. Junto com ele meu coordenador também foi transferido. Meu amigo foi promovido a gerente geral deixando dois cargos vagos.

No mês seguinte um novo gerente chegou para assumir a vaga e pouco tempo depois ele e o gerente geral me chamaram para uma reunião. O novo gerente pediu para me sentar e falou: - Li o seu histórico de atividades na empresa. Achei impressionante. Eu agradei, e ele então continuou: - Diante do que vi, temos uma proposta para você, será o novo coordenador. Eu passava por uma fase de problemas pessoais e que poderiam interferir na liderança da equipe. Pedi um tempo para pensar e ele respondeu: - Tem até o fim do dia.

Passei o dia pensando nas propostas. Queria o cargo de coordenador, mas pensava no problema pessoal, de que forma ele poderia interferir no meu trabalho. Sabia que havia uma vaga de especialista, minha responsabilidade não seria aumentada, não haveria pessoas sob minha responsabilidade. No fim do dia tomei minha decisão. Entrei na sala do gerente e falei: - Soube de uma vaga para especialista. Não é o momento de assumir a responsabilidade de coordenador. O gerente falou: - Tens a competência para assumir uma equipe, já demonstrou isto, mas sei o que está passando, então concordo com sua posição.

Demissão

A oportunidade de liderar a equipe e aguardar a promoção foi aceita pelo meu colega de trabalho. As atividades aumentavam a cada dia, novos sistemas eram incorporados à nossa administração, a empresa crescia de forma inimaginável. De trinta funcionários quando cheguei ao Polo de Tecnologia, agora éramos oitenta. Tudo crescia de forma rápida. Porém uma mudança nova mudança gerencial mudou o tudo.

Nossa área, antes independente, foi fundida com outra equipe, que já tinha um coordenador. A oportunidade que seria prometida ao meu colega fora esquecida. Este fato gerou um desgaste enorme na equipe. Por este fato, ele deixava de atuar nos momentos mais críticos, abandonava reuniões. Eu e o outro colega nos dividíamos em atividades cada vez mais complexas, assumíamos plantões divididos.

A tensão rachou a equipe, meu companheiro de trabalho de muitos anos pediu demissão, de tão chateado que estava com a situação, nem se despediu. Indiquei um profissional para a vaga, tive que brigar por sua contratação, pois não acreditavam em seu potencial. Pus minha mão no fogo e o contrataram. Juntos nós conseguimos reverter a situação ruim da equipe, menos o outro colega, que continuava apático ao trabalho. O cancelamento da vaga realmente o afetou, mais do que imaginávamos.

Íamos levando dividindo o trabalho de três por dois. Até o dia em que o caldo entornou.

Vínhamos a alguns dias com um sério problema em um sistema instalado no sul do Brasil, não conseguíamos identificar o ofensor. Ele estava de plantão naquela semana e assumiu a análise. Acompanhávamos e ajudávamos no

trabalho até que identificamos o problema, um sistema externo, gerenciado por outra equipe de outra diretoria enviava os códigos errados e nosso sistema descartava, gerando o problema. Ele ligou para o analista responsável e explicou o problema, sem sucesso, o analista não entendeu e não aceitou que seu sistema era o ofensor. Ele veio conversar sobre o fato, estava muito irritado. Pedimos calma e que realizasse uma conferência junto com as gerencias, passava das onze horas da noite. Após todos conectados, ele explicou o problema, a análise realizada e a suspeita da origem da falha, o analista da outra equipe falou: - Amigo, seu sistema é uma porcaria, arrume ele e as coisas vão funcionar. Ele explodiu: - Vai tomar no cú, estamos analisando este problema a uma semana, pedimos apoio para vocês e vocês cagaram para nosso pedido. Vimos o problema e ele aponta para seu sistema. Ele está enviando o código errado e por isto nosso sistema descarta as mensagens. Se não quer ver então foda-se, eu não verei mais esta merda. Em seguida desligou.

Meu gerente me ligou atônito com a resposta dele. Eu falei: - Sobre isto, conversaremos depois. Eu vou ligar para o analista e resolver a situação. Em seguida liguei para o analista da outra equipe, ele atendeu falando: - Não vou ver porcaria nenhuma, este cara ignorante, me xingando. Eu respondi: - Você tem razão num ponto, ele errou em se exaltar daquela forma e em xingar você. Mas você também está errado. Ele começou a resmungar do outro lado. Eu o interrompi e falei: - Me ouça. Você também errou. Ninguém aqui está de brincadeira, estamos a uma semana com este problema, investigamos a fundo e ele aponta para o sistema sob sua responsabilidade. Não afirmo que seja ele, eu peço apenas que analise as evidencias enviadas e veja se pode nos ajudar. Ele então concordou.

No dia seguinte recebi um e-mail dele confirmando o problema e que a correção fora aplicada. Agradei o apoio e encaminhei para minha gerência.

Infelizmente a atitude de nosso colega causou sua demissão, ela não foi o motivo, mas o pontapé final para algo que já se desenrolava.

Estagiário ou Estagnário?

Durante minha vida profissional, tive a oportunidade de entrevistar, treinar e ser tutor de alguns estagiários. Não participei das entrevistas do primeiro estagiário, fui seu orientador e instrutor profissional. Um excelente rapaz, dedicado, esforçado e profissional. Já no primeiro dia se mostrou assim. Eu o levei para uma atividade bruta, precisava lançar um cabo coaxial, entre o CPD e o Centro de Tecnologia. Trezentos metros de cabo sobre as calhas que percorriam o interior de dois galpões da fábrica. Não se fez de rogado, me perguntou o que precisava fazer, eu orientei e fizemos juntos a operação.

Dedicado e curioso, e sua curiosidade nos ajudou na reprogramação da Central Telefônica quando sua fita de backup se rompeu e ela foi desligada acidentalmente. Este seu empenho e dedicação o levaram a contratação no fim do período de estágio. Sua vida profissional evoluiu e hoje trabalha numa grande empresa petrolífera.

O segundo estagiário eu entrevistei, fui tutor e ele também se mostrou um excelente profissional. Já em sua entrevista mostrou capacidade de enfrentar grandes desafios. Nas entrevistas além das perguntas profissionais e pessoais, eu costumava inserir uma situação adversa e observar as respostas dos candidatos. A ele apresentei a seguinte situação: Você foi designado para realizar um reparo em um equipamento no meio da floresta Amazônica. Distante da civilização e sem comunicação. Você tem direito a realizar uma pergunta e a pedir três coisas que considerar de suma importância para levar. Ele então fez a sua pergunta: - Os manuais do equipamento estão no local? Eu respondi que sim. Ele então listou as três coisas que ele necessitaria: - Um rádio comunicador, uma mala de ferramentas e equipamentos de medição e Alimentação e água suficientes para o período estimado

para o reparo. Ele foi contratado apenas pela primeira informação dada, a necessidade de manual do equipamento. Assim como Wellington, ele era dedicado, curioso e esforçado. Muito comunicativo conseguiu progredir em suas atividades e assumiu o meu lugar quando me demiti da fábrica.

Passei um longo tempo sem estagiário sob minha tutela, até que um foi alocado em nossa equipe e fiquei responsável por ele. Diferente dos anteriores, ele era pouco esforçado, se não delegávamos atividades ele passaria o tempo todo sem fazer nada. Era instável em seus horários e percebemos que quando um grave problema acontecia, ele arrumava uma desculpa para se esvaír da empresa. Resultado, não renovamos o período de seu estágio.

Na sequência um novo estagiário foi posto sob minha tutela, este uniu as qualidades dos dois primeiros estagiários. Incansável em conhecimento, procurava saber de tudo, pesquisava, lia, perguntava, agia. Quando havia problema, ele era o primeiro a iniciar os questionamentos: - Porquê parou de funcionar? Quais os sistemas afetados? Como impacta o negócio da companhia? Temos como agir? Quanto tempo? Às vezes precisávamos segurar seu ímpeto. Infelizmente após o término de seu estágio não conseguimos o contratar pela companhia, mas o indicamos para empresas prestadoras e uma delas o contratou. Nela, se destacou pelos mesmos motivos que o fizeram ser o estagiário destaque. Um tempo depois a companhia que ele fora contratado, abriu falência e ele estava prestes a ficar desempregado, porém um dos colegas que trabalhava comigo foi transferido para outra área e conseguimos trazê-lo de volta à equipe, agora como profissional. Seu empenho e dedicação não mudaram, curioso e esforçado em um ano outra equipe percebeu seu profissionalismo e o convidou para migrar de área. Ele aceitou o novo desafio. Para sua vaga, um novo profissional de mercado foi contratado.

Após alguns anos trabalhando nesta nova equipe ele progrediu profissionalmente e recebeu uma nova proposta, desta vez para trabalhar na Austrália.

Um novo sistema (de novo)

O fornecedor de um de nossos sistemas abriu falência e perderíamos as garantias de suporte e operação para ele. Precisávamos agir para que o impacto na empresa fosse o menor possível. Abrimos então uma concorrência com alguns fornecedores para nos apresentar soluções para o substituir. Quatro empresas se apresentaram. Descrevemos as nossas necessidades e disponibilizamos um laboratório para que eles montassem seus produtos e sistemas para avaliarmos e contratar o melhor em uma lista de itens.

Uma das empresas trouxe apenas um notebook, outra um conjunto de servidores a outra apenas apresentações, manuais e descritivos técnicos, mas uma empresa chinesa trouxe um equipamento completo, três racks com seus produtos. No laboratório os responsáveis viravam noites montando os equipamentos e sistemas. Agendamos uma semana para cada empresa apresentar seus produtos e sistemas. Uma das empresas, ao ver a parafernália montada pelos chineses, desistiu. As demais fizeram apresentações básicas, simples demais para o que precisávamos. Os chineses, simplesmente souberam usar a sua semana de apresentação. Demonstraram um produto robusto, fácil de administrar e de configurar. O que nos preocupou foi o suporte pós-venda, seríamos atendidos por uma central situada na China.

Apresentamos nossas considerações, e não havia dúvida, o produto chinês, mesmo que desconfiados, era o mais adequado ao que necessitávamos. Incluímos a ressalva do suporte ser feito na China, mas a princípio, não seria impeditivo. Após decisão gerencial, fecharam conforme nosso relatório.

Em três meses o produto já estava pronto para entrar em produção, agendamos uma semana de baixo tráfego,

um carnaval. As equipes trabalhavam em turno para que tudo funcionasse de forma transparente para os clientes e usuários. Tivemos uma série de problemas, mas depois de um exaustivo trabalho, achamos o que estava errado. Aplicamos a correção e acompanhamos por uma semana o resultado, alguns ajustes foram feitos, mas serviu para que no fim de semana seguinte pudéssemos colocar todo o sistema no ar. No dia planejado, a expectativa era tão grande quanto o do primeiro dia. Tensão no ar, viramos a chave. Observamos durante três dias e nossa ação na semana anterior surtiu o efeito desejado.

Foi engraçado uma coisa, enquanto comemorávamos o sucesso de nosso trabalho, os chineses apenas observavam, era como se o esforço e trabalho realizado fossem apenas obrigação. Para nós, era trabalho e prazer, era o reconhecimento que nosso trabalho tinha valido a pena. Agora viria a segunda parte disto tudo, aprender o novo sistema e, de novo, sem treinamento, apenas nos manuais, internet, usabilidade e os famigerados erros e acertos.

Junto com o novo sistema, uma grande mudança estrutural ocorria em toda a diretoria de Tecnologia. As funções e atividades técnicas de análise e resolução de problemas eram direcionadas à empresas contratadas, terceirizando o trabalho. Os sistemas e as áreas foram agrupados de acordo com a função e serviço que forneciam. Os especialistas foram denominados Gestores de Serviço. Não podíamos interferir tecnicamente nos sistemas, administrávamos os serviços e as empresas que analisavam e corrigiam os problemas. Na prática, passamos a exercer a função de Analista de Negócios.

O início foi difícil, a ânsia de conectar ao sistema, coletar dados, analisar e executar comandos de correções era enorme, mas precisava me conter. Muitas vezes eu

analisava o erro e já direcionava para a empresa com a resolução para que eles apenas o executassem.

Com o tempo as coisas foram se ajeitando, passei a gostar da nova função. Eu me tornei mais político, passei a entender mais a empresa e outros sistemas e serviços. Me aproximei mais da diretoria. A responsabilidade aumentou na mesma proporção, já o salário, encolheu. Como não exercia mais atividades técnicas, não fazia plantões nem horas extras, mas não precisava mais bater o cartão.

Dificuldades e frustrações

Com a mudança de função houve corte no plantão e nas horas extras, elas infelizmente vieram em um momento complicado. Havia adquirido um apartamento e uma parte das prestações eram cobertas pelo que recebia nos plantões. Tivemos que apertar os cintos, mas não era o suficiente, sempre faltava algo. Foi errado contar com este aporte, sabia que a qualquer momento ele poderia sofrer mudança, mas não esperava um corte total. Passamos apertado, mas conseguíamos manter o básico em casa. Infelizmente as coisas só apertaram, nosso filho adoeceu e mesmo com plano de saúde houve gasto não planejado. A dificuldade financeira, as discordâncias quanto às ações para nos colocar nos eixos geravam brigas. A única coisa que concordávamos era cuidar da saúde de nossos filhos.

Na empresa as coisas não estavam bem para mim, o gerente imediato foi demitido, eu seria o seu sucessor, pelo menos eu acreditava. Se ele entrava de férias ou se ausentava, eu o representava. Tinha acesso direto à diretoria, às equipes de negócios, conhecia os processos da empresa. Mas não foi bem assim. Pior que isto foi como recebi a notícia que não foi o sucessor.

Eu me deslocava de um prédio para outro, dentro da empresa quando uma amiga, que era gerente em outra área me chamou e me perguntou: - Que está achando do seu colega assumir a vaga de gerente? Eu respondi: - Não estou sabendo. Ela então contou que a notícia tinha sido dada aos demais gerentes pela manhã. Aquela notícia me revoltou. Sabiam que estava me preparando para assumir um cargo de liderança. Eu fiz cursos, palestras, pós-graduação, leituras especializadas, tudo que eu fazia era direcionado a esta meta. O que realmente me chateou não foi o fato de outro ter assumido a vaga, mas eu ter sabido por terceiros.

Meu gerente superior deveria ter me chamado e anunciado, me explicaria os motivos da escolha e o que eu precisaria melhorar. Segui o caminho, não abaixei a cabeça. Não me revoltei, mas demonstrei que eu seria uma opção em caso de nova oportunidade.

Um dia recebi uma proposta para gerenciar uma equipe de tecnologia numa empresa de Agronegócios. Fiz a entrevista com o RH, com gerentes, diretores e até com o vice-presidente. Mas nem tudo são flores, meu filho adoeceu novamente e ficou em situação grave. Eu tive que descartar a oportunidade, pois eu teria que me mudar para Goiás. O Vice-presidente sabendo da notícia me ligou, agradeceu minha postura e disse que as portas de sua empresa estariam abertas para mim.

Segui minha vida como especialista e analista de negócios, melhorando a parte política a cada dia. Comecei a dar palestras na empresa sobre sistemas de telecomunicações, fraude, negócios, atendimento ao cliente. Recebia elogios pela forma de explicar. Pensei: Posso ganhar um dinheiro dando palestras. Elaborei um material falando sobre tecnologia e levei o material para algumas escolas. As primeiras palestras não foram cobradas, a experiência foi gratificante. Comecei a ficar conhecido na região pelas palestras e comecei a cobrar por elas. Fazia em média três palestras por semana. Elaborei material para falar sobre motivação, perspectivas profissionais, liderança e tecnologias. Eu trabalhava oito, nove as vezes até dez horas na empresa e depois saía para dar palestras e preparar o material. Estava dormindo em média quatro horas por noite e comecei a ficar cansado. Peguei uma forte gripe e o cansaço que sentia me derrubou. Aproveitei o tempo doente para pensar o que estava fazendo. Apesar de prazeroso não estava compensando, então desisti.

Sou o especialista

Conhecia o novo gerente desde minha chegada a Santo André, trabalhávamos juntos, almoçávamos juntos, nossas famílias se reuniam nos fins de semana, mas ao longo do tempo as coisas começaram a mudar. Antes de se tornar gerente nós já não tínhamos mais a mesma proximidade. Após sua promoção nossa proximidade pessoal diminuiu mais ainda, mas profissionalmente precisamos nos alinhar. Divergíamos de muitas coisas, mas sempre encontrávamos um equilíbrio.

Outro colega de equipe pediu demissão e o trabalho aumentou muito. Estávamos no meio de uma grande mudança tecnológica e de processos. Trabalhava de nove a doze horas por dia sem receber por isto, apenas pelo prazer de aprender.

Um novo profissional foi contratado para a equipe, diferente das vezes anteriores, não tive participação em nenhuma das etapas. Soube da contratação no dia foi apresentado pelo gerente e alocado em suas funções. A mim, coube ensinar os processos, os sistemas, as regras de negócio, apresentar as equipes parceiras e equipes clientes. Deleguei algumas atividades para ele e dois dias depois elas foram retiradas de sua responsabilidade e devolvidas para mim. Para ele, outras atividades foram delegadas pelo gerente. Iniciava, novamente uma fase de grandes divergências.

Este novo colega era bem diferente, não tinha um grande conhecimento técnico, mas sabia seguir processos e aprimorá-los, isto era uma coisa que precisávamos. Passamos a trocar conhecimentos assim a equipe ficou mais sólida. Dividimos a área em três pilares: Técnico, Processual e Negócios. A ele coube a responsabilidade processual, ao outro colega o técnico e a mim os negócios.

Com esta responsabilidade viajava constantemente para as demais sedes da empresa, participava de muitas reuniões com as equipes clientes, com as equipes de projetos e diretores.

Numa destas reuniões fui contrariado por um dos participantes quanto meu conhecimento do sistema de atendimento da empresa. Interrompi a reunião e pedi para apresentar uma parte de uma de minhas palestras sobre sistemas. O gerente concordou e me deu vinte minutos. Não tinha o material em mãos, mas tinha o que eu precisava, o conhecimento. Em vinte minutos consegui descarregar anos de experiência no sistema, as informações não eram técnicas, mas uma visão de negócios, para leigos. Quando terminei a apresentação. Um dos diretores perguntou ao meu gerente executivo: - O que ele é? Ele respondeu: - Ele é o especialista. Voltei ao meu lugar e continuamos a reunião. A partir daquele momento, minha palavra passou a ter mais peso, ouviam minhas opiniões, me reconheciam agora como conhecedor do sistema, não só o técnico, mas a visão de negócios do sistema.

Devido ao ocorrido na reunião, a diretoria me pediu para realizar apresentações dos sistemas para várias equipes, diretoria, fornecedores e até concorrentes. Um dia meu gerente me chamou em sua sala, quando cheguei ele me disse: - A equipe de Arquitetura faria uma apresentação de nosso sistema para o órgão regulador federal, mas por questões pessoais, a pessoa que iria apresentar não poderá ir e eu recomendei você. Eu então ponderei: - Não sei a necessidade técnica do órgão, o que deve ser apresentado, quais questionamentos serão feitos. Ele então respondeu: - Não se preocupe. Faça a sua apresentação. Sabe discursar sobre a visão técnica e de negócios, é o que eles querem. Afinal, como diz nosso Gerente Executivo, você é o especialista.

Peguei o material e parti para o Rio de Janeiro. Acreditei que a apresentação seria numa de nossas salas de reuniões, mas alugaram uma sala especial num hotel cinco estrelas. Um belo local, uma grande mesa com coffee break e eu seria o foco principal das atenções. Preparei o material, testei o projetor, medi o palco, o espaço de visão que teria ao fundo da sala, testei o microfone e fui aguardar as pessoas do lado da porta de entrada. Eu esperava no máximo umas dez pessoas, mas a sala foi enchendo, enchendo, quando percebi havia quase cinquenta pessoas. Eu gelei, não fazia apresentações para este número de pessoas, respirei fundo e me lembrei dos shows quando tocava bateria.

No horário combinado eu entrei na sala, passei pela lateral, subi no palco, olhei o projetor, ele estava num slide que dizia: "Atendimento não é tudo, compreender o cliente é imprescindível", me virei para o público e perguntei: - Algum de vocês concorda com esta frase? Houve uma mistura de respostas. Eu então falei: - Eu escrevi esta frase e não concordo plenamente com ela, entenderão no decorrer da apresentação. Assim comecei a apresentação. Finalizei depois de uma hora falando sobre os sistemas, o negócio, as partes técnicas e respondendo as perguntas. Saímos para o coffee break e lá descobri que minha apresentação selaria uma notificação passível de multa ou a liberação do órgão regulador. Nosso sistema de atendimento era único no Brasil, diferia dos concorrentes e isto assustou os analistas. Um dos diretores da empresa disse que me apresentaria o homem que seria o responsável por validar ou não o nosso sistema, multar ou não a empresa. Após um tempo ele trouxe um homem de terno e gravata. Ele me cumprimentou, olhou em meus olhos e falou: - Excelente apresentação, mas ainda assim, não vou validar o sistema, e vamos aplicar uma multa.

O diretor ficou vermelho, me olhou e olhou para o outro homem, sua feição era de desespero. Então aquele homem riu, me abraçou, olhou para o diretor e falou: - Não se assuste. Vou assinar, conheço seu especialista a muitos anos. Estudamos e trabalhamos juntos. O diretor deu um sorriso de alívio, nos cumprimentou e nos deixou para conversar, afinal, faziam alguns anos que não nos falávamos. Ficamos conversando sobre nossa estrada da vida, o que fizemos, como chegamos aos pontos que nos encontrávamos.

Problema?

A secretária me chama, interrompendo minhas lembranças e me comunica que a reunião foi novamente adiada devido a um grave problema em uma das unidades no interior e que eu viajaria imediatamente, pois o presidente pediu que eu cuidasse pessoalmente. Pedi então que ela preparasse tudo, pois eu sairia mais cedo para resolver alguns assuntos pessoais.

Chegando na filial procurei o diretor regional e para minha surpresa, ninguém sabia dele, sumiu a uma semana. Conversei então com vários gerentes e fui descobrindo que o problema que passaram para o presidente, nada se comparava ao que eles me contavam. Convoquei uma reunião com todos os gerentes para identificar de cada área o que acontecia. Identificamos juntos os ofensores, traçamos os planos de ações e as metas, definimos as prioridades e realocamos as funções de alguns gerentes. Nos reunimos com os principais profissionais da regional, passamos para eles os acontecimentos e a responsabilidade de cada um.

Alguns dias depois, o diretor da regional apareceu. Questionei o que havia acontecido, pois ninguém conseguia contato com ele, a família acionou a polícia para notificar seu desaparecimento. Então ele falou: - Me lembro de pouca coisa. Eu saí da empresa e fui para uma boate, de lá fui com uma prostituta para um hotel da região e acordei num hospital, não lembrava de nada. Os médicos me disseram que o dono do hotel acionou a emergência, pois eu estava andando nu pelos corredores e falando coisas desconexas. Me disseram que identificaram dose da droga conhecida como boa noite cinderela, que eu não lembrava do meu nome, onde morava, se tinha amigos, se trabalhava. Estava sem documentos nem roupas, a prostituta levou tudo. As lembranças vieram alguns dias

depois, mas do período do hotel até o dia que me lembrei quem sou, é um hiato. Perguntei se a polícia já estava envolvida, ele disse que sim, que uma investigação foi instaurada. Falei que conversaríamos depois sobre o ocorrido e como resolveríamos isto.

Independentemente do que havia ocorrido com ele, o problema na empresa começou muito antes do seu desaparecimento.

Mostrei para ele o que identificamos e o nosso planejamento, perguntei se ele estava em condições de conduzir as atividades, ele disse que não. Pediria uns dias de licença. Assim, o que seriam só alguns dias na regional, viraram semanas. Eu ia para casa no fim da sexta-feira e voltava na segunda-feira pela manhã. Não costumava ficar tanto tempo longe de casa e aquela situação estava me consumindo.

Depois de algumas semanas, o plano de ações começou a dar seus resultados, o diretor voltou de sua licença e eu voltei para a sede da empresa. Neste dia, o diretor geral me chamou para uma conversa. Elogiou o meu trabalho e disse que estava conversando com os demais membros do conselho sobre as minhas atividades. Eu perguntei sobre a outra decisão importante, ele disse que não havia condições desta apresenta-la enquanto o problema da filial não fosse corrigido. A reunião para apresentar esta decisão está suspensa por enquanto.

Ansiedade pouca é bobagem

Aguardava ansiosamente aquela reunião, pois muita coisa poderia mudar. Todos os gerentes e diretores esperavam novidades dos conselheiros e do presidente da empresa. Para aumentar a ansiedade, o diretor da regional pediu demissão, soube que depois do incidente, tivera muitos problemas pessoais e que sairia do país. Com esta mudança, passei a assumir também as operações da regional. Como minhas atividades na sede estavam sob controle, minha equipe era extremamente competente, deleguei muitas de minhas responsabilidades para me dedicar às operações da regional. Passei a ficar longe de casa durante a semana. Minha expectativa era finalizar todas as ações de ajustes propostas em mais três semanas. Depois disto, conseguiria gerenciar a regional direto da sede, até que contratassem um novo diretor.

Em casa algo estava diferente, todo casal tem crise. Acrescente à crise a ansiedade do trabalho de ambos, temos então uma hiper-crise. Diante de um cenário que caminhava para um barco afundando, decidi pedir alguns dias de licença para me dedicar à família e tentar resolver a situação. Muita conversa, muita atenção, reconhecimento dos erros, pedidos de desculpas e no fim um pedido de solidão, para cada um resolver seus problemas profissionais, recolocar a cabeça no devido lugar. Vimos que a ansiedade de nosso trabalho estava nos prejudicando, mas não tínhamos como abandonar a profissão. Aproveitei a oportunidade e fiquei as três semanas na filial, para acompanhar a fase final do projeto. Já meu amor, se refugiou no sítio.

Na filial, conseguimos finalizar as principais ações, aquelas que dariam direção à correção dos problemas. Vimos enfim a luz no fim do túnel. As equipes e os profissionais estavam mais aliviados, pois até fechamento

da unidade foi discutida e isto implicaria em demissão de todos ou de um número significativo de pessoas.

Devido ao excelente resultado e engajamento de todos, decidi fazer uma festa para comemorar. Chamei os diretores da sede, contratei um conjunto para tocar ao vivo. Montei uma apresentação mostrando o que cada equipe fez para atingir os resultados, o antes e o depois. No dia da festa via a felicidade dos profissionais, eles reconheceram o que fizeram e a sua participação no sucesso que conquistamos. Subi no palco, pedi um tempo para a banda que tocava, liguei o projetor e fiz a minha apresentação. Todos aplaudiram nosso resultado. Em seguida, me sentei na bateria e tocamos juntos uma música que refletia o que sentíamos "We are the champions" da banda Queen.

Na volta para São Paulo, fui direto para a sede, fui muito bem recebido, cumprimentavam o sucesso na filial. Falavam do show da banda, comentavam minha participação na bateria e que não sabiam que eu tocava. Eu expliquei que havia tocado bateria na juventude. Sai mais cedo para voltar logo para casa.

Chegando lá, encontrei ela vazia, meu amor ainda não estava em casa, fiquei na dúvida: Ela voltará?

Escritor eu?

Estava pensativo, muitas emoções naquela semana, preocupações e um pouco de tristeza. A secretária entrou em minha sala, deixou alguns documentos que precisava ler, em seguida falou: - Posso lhe perguntar uma coisa? Eu respondi que sim, então ela perguntou: - O senhor é um homem vivido, sábio. Eu interrompi e brinquei: - Está me chamando de velho? Ela ficou vermelha e disse: - Não, vivido não é velho. Eu ri e falei: - Eu sei, estou brincando com você. Ela então continuou: - Ouço sempre o senhor nos dando dicas, orientações profissionais. Já recomendou até a saída de um colega da empresa, pois sabia que estava triste na profissão e na empresa. Porque faz isto? Eu respondi: -Faz parte de minhas atribuições orientar nossos profissionais a serem mais eficientes. Fazerem o melhor para eles e para a empresa. E mais que ser atribuição, eu gosto de ver vocês jovens crescendo profissionalmente. Para mim é gratificante. Ela agradeceu e saiu. Em seguida voltou e perguntou: - Porque não escreve um livro? Teria muito para contar. Eu ri e falei: - Vou pensar no que me disse.

Aquele comentário me fez pensar que as lembranças da minha vida profissional dariam uma boa história. Então voltei a recordar dela, de onde parei mesmo?

Após a apresentação ao órgão regulador, meu gerente me pediu para trabalhar no suporte de um projeto para um grande sistema. Houve um choque de interesse na equipe, outro colega queria realizar esta atividade e começou a fazer pressão ao gerente para que ele assumisse. Eu não entrei na pilha, deixei que ele se entendesse com o gerente e eles decidissem. Um dia o gerente veio me perguntar o que eu achava da situação. Então falei: - Não é a primeira vez que você me delega uma atividade e ele lhe pressiona para assumir. A responsabilidade pela equipe é sua, você

decide. Se quiser delegar para ele, não tem problema. É sua atribuição avaliar se quer um profissional que já conhece o processo ou se dará a outro para aprender. Ele respondeu: - Você vai tocar o projeto. O outro colega ficou furioso, com a decisão.

O projeto terminou com atraso, mas sem grandes problemas. Ele fez questão de espalhar para todos que eu não soube conduzir o projeto e por este motivo houve atraso. Sempre houve ataques dele a mim, mas não me incomodavam até aquele momento, agora ele estava me difamando, claramente me chamando de incompetente e isto eu não admito. Fui questionar o porquê daquelas atitudes. Eu esperava respostas evasivas, mas ele foi direto falando: - Para eu ser promovido precisa haver uma vaga, a única vaga possível seria a sua, então você é o meu entrave. Eu agradeci a honestidade e falei: - Não entrei nesta empresa ontem e não estou aqui até agora por fazer arroz com feijão. Erro e erro muito. Mas sei reconhece-los e busco corrigir para não mais comete-los. E certamente tenho mais acertos que erros. Não estou preocupado com seus ataques, mas me difamar de incompetente não ficará por isto mesmo. Ele perguntou: - Que fará? Eu respondi: - Quem terá que fazer é você. Seja mais competente do que eu, apenas isto.

O ambiente de trabalho se tornou insuportável. Havia a divergência constante com meu gerente imediato, as desavenças com meu colega de trabalho e para piorar, contrataram uma gerente para a área ao qual dávamos suporte, e nos desentendíamos frequentemente.

Estava cansado daquela situação. Trabalhava depois do expediente, fins de semana, feriados e não recebia nada, nem um agradecimento pelo esforço ou dedicação. Um fim de semana eu desativei o som do celular e o coloquei na gaveta. Na segunda feira, quando olhei o celular, haviam

quarentena chamadas não atendidas, meus gerentes, usuários, gerentes de usuários. Eu apaguei as chamadas e fui trabalhar. Meu gerente me viu e perguntou o que havia acontecido, eu disse: - Nada, está tudo bem. Porquê? Ele falou: - Liguei para você, tivemos um problema e precisávamos que resolvesse. Eu respondi: - Poxa, mas não trabalho nos fins de semana. Pelo menos não recebo quando trabalho. Ele não gostou de minha resposta, mas não falou nada, apenas se virou e saiu.

Depois, meu diretor me chamou e falou sobre o fim de semana. Eu então aproveitei a oportunidade e reclamei: - Meu telefone sempre esteve a disposição da empresa, vinte e quatro horas por dia sete dias por semana, nunca reclamei. Já falei com meus gerentes a possibilidade de receber plantão e hora extra. A resposta de sempre é: Vamos ver. Eu cansei de esperar eles verem. Resolvi me desligar neste fim de semana.

Achei que com aquela seria demitido ou ouviria um sermão, ele apenas disse: Vou ver o que podemos fazer para resolver esta situação.

Novas mudanças.

Cheguei para trabalhar mais tarde e recebi uma notícia que misturava alívio e preocupação. O colega, que constantemente entrávamos em conflito, pediu demissão. Agora seríamos eu e o outro colega novamente. O trabalho apertou, mas já havíamos passado por esta situação e tiramos de letra. O que me surpreendeu foi na semana seguinte nosso gerente informar que passaríamos a fazer plantão e receber por isto, que eu montasse a escala, as atividades, papéis e responsabilidades. Depois descobri que o plantão não saía, pois, nosso ex colega de trabalho não queria participar do plantão e por isto a gerência não podia liberar.

Foi um período muito produtivo na equipe, não houve nova contratação, absorvemos um profissional de uma outra empresa que se fundiu a nossa. Um excelente profissional, dedicado, aberto às mudanças. Redistribuímos nossas atividades e conseguíamos trabalhar tranquilos.

Mas nem tudo é calmaria na empresa, nosso gerente superior pediu demissão. Uma semana depois nosso gerente imediato também pediu. O diretor assumiu interinamente a vaga do gerente superior e eu a do gerente imediato. Achei que aquela seria a oportunidade de demonstrar meu potencial e ganhar a vaga. O gerente de outra equipe foi promovido a gerente superior. A mudança me agradou, pois tinha um excelente relacionamento profissional com ele. Eu esperava uma boa parceria e um crescimento profissional.

Assim que assumiu a posição, chamou os profissionais para uma conversa, falou das dificuldades responsabilidades e da ajuda que precisaria para conduzir a área. Em seguida dispensou os profissionais e pediu aos

gerentes permanecerem. Eu estava saindo e ele pediu que ficasse. Repetiu a mensagem dada com os profissionais, mas focou a necessidade de sabermos liderar os profissionais e que avaliaria a situação de cada equipe e as necessidades operacionais de recursos. Dispensou os gerentes e pediu que eu ficasse pois queria conversar comigo. Ele falou: - Precisarei muito de sua ajuda. Quero que seja meu braço, pernas e cabeça na área de suporte à comunicação. Tenho pouco conhecimento sobre os sistemas e principalmente sobre as áreas clientes. Eu respondi: - Conte comigo.

Dividia meu tempo em gerenciar a equipe de vinte e dois profissionais, terceiros e próprios, e as minhas atividades. Trabalhava de dez a doze horas por dia, fins de semana, mesmo fora do plantão. Esperava daquele esforço um reconhecimento. Houve, mas não da forma que eu queria.

Acreditei que a ocupação da vaga de gerente seria uma indicação ou mérito, mas ela saiu nos comunicados internos para qualquer profissional se candidatar. Fui ao gerente superior para falar sobre a oportunidade e comunicar que eu me candidataria. Ele então falou: - Não adianta. Conversei com o RH e com os diretores e eles acreditam que você precisa adquirir experiência fora de sua área de atuação. Você tem muitos anos na mesma área, precisa adquirir conhecimento mais amplos. Eu respondi: - Ok. Entendido. Então quero que você me troque de área. Ele falou: - Agora não posso. Preciso que continue sendo meu braço na equipe e depois auxilie o novo gerente. Eu respondi: - Lhe darei até três meses após a chegada do novo gerente. Até lá, serei seu fiel escudeiro na equipe. Ele agradeceu e disse que faria o melhor para meu crescimento.

O mendigo.

Trabalhava incansavelmente para demonstrar que eu seria um bom gerente para a equipe, mas nem tudo dava certo. Me dividia entre o especialista, o analista de negócios e o gerente. A minha relação com a área cliente piorava, tínhamos discussões ferrenhas, desentendimentos e brigas. Juntava isto a minha frustração por não ser promovido, era então um barril de pólvora prestes a explodir.

Meu gerente me chamou em sua sala e falou: - Percebo que anda irritado com nosso cliente, o que acontece? Eu respondi: - O maior volume de problemas que eles reportam, não são problemas, mas mal-uso da ferramenta e processos inadequados. Ele perguntou: - Tem alguma ideia para mudar isto?

Eu respondi: - Quero ficar uma semana com eles para apresentar uma proposta de mudança no processo deles.

Fui para o Rio de Janeiro para acompanhar de perto a rotina da operação da área cliente. Na minha percepção, tudo estava errado, desde a concepção da necessidade operacional até o próprio uso da ferramenta. O mais difícil não foi redesenhar o processo, mas mostrar que o que poderiam melhorar com pequenos ajustes. O que deveria ser resolvido em uma semana, virou duas semanas e não havia sinal de acordo. Desentendimentos, discussões e brigas eram constantes. Ninguém cedia em aceitar que havia erro de seu lado.

No meio da segunda semana, depois de um dia muito tenso, de muitas divergências e discussões e uma briga feia sobre processos, fui mais cedo para o hotel. No caminho, um mendigo me parou para pedir esmola, eu neguei de forma bruta e agressiva. Era um senhor de avançada idade, ele me olhou e falou de uma forma calma e serena: - Moço,

eu tenho muitos problemas por morar na rua, mas você parece ter muito mais que eu. Pare um pouco e respire, olhe o mundo ao seu redor e ele lhe dará a resposta aos seus problemas.

Eu então percebi o que estava acontecendo, minha irritabilidade estava me transformando. Eu agradei o conselho e perguntei se ele queria fazer um lanche comigo. Ele sorriu e falou: - Não faço um lanche a muito tempo. Fomos a uma lanchonete perto dali. Na entrada o rapaz do balcão queria impedir o senhor de entrar, eu disse que ele estava comigo. Era uma diferença enorme, eu de roupa social e ele sujo e malvestido.

Nos sentamos, pedimos nosso lanche e ficamos conversando. Ele me contou um pouco do que o levou às ruas, fiquei impressionado. Ele era inteligente, tinha formação superior, foi casado, tinha filhos, netos e bisnetos. Não os via a muito tempo. Uma desilusão amorosa e profissional o levou abandonar tudo e sair pelo mundo. Disse que no início foi fácil, tinha dinheiro, dormia em hotéis, almoçava e jantava todos os dias, mas o dinheiro foi acabando. Ele começou a fazer um bico aqui e acolá para ganhar dinheiro para ter o que comer, mas as oportunidades foram diminuindo. Por não ter endereço fixo, não conseguia emprego, então passou a mendigar.

Disse que por mais que a vida tenha sido difícil, ele nunca perdeu a esperança na vida. Ele aprendeu que precisamos enxergar as coisas de formas diferentes para termos uma melhor percepção do mundo. Que nem sempre o que vemos errado o é. A nossa percepção é que pode estar errada.

Contei sobre a apresentação que estava fazendo, ele perguntou: - Como é a plateia? Eu respondi: - Não há plateia. Ele falou: - Se você está apresentando algo para

alguém, eles serão sua plateia. Observe, pode ser que sua apresentação não esteja correta para esta plateia. Comece observando seus trajes, estão certos para a apresentação e a plateia que lhe vê? A forma que fala, será que a plateia espera que seja assim seu espetáculo? Pense, pode ser que o erro não esteja na plateia, mas no ator.

Foi uma boa conversa, notei que as pessoas entravam e ficavam nos observando, uns aparentavam rejeitar aquela cena, outros achavam inusitado. Paguei o lanche, dei uma boa esmola para ele, nos levantamos e me despedi dele, agradecendo aquele momento.

Fui dormir pensando nas palavras do mendigo e resolvi mudar.

Fui trabalhar sem a roupa social, pus uma calça jeans, uma camisa de malha e um tênis, não fiz a minha barba nem penteei o cabelo. Tudo proposital. Quando cheguei na sala de reuniões onde estávamos trabalhando, estranharam a forma que eu me vestia, pois eu sempre me apresentava bem vestido. Eu cumprimentei todos, me sentei na ponta da mesa e falei: - Eu vim para mudar o processo de trabalho de vocês, apontar os problemas e corrigir, do meu jeito. Estava errado. Eu tenho que entender as dificuldades de vocês no uso da ferramenta, no processo de vocês e juntos traçarmos o que pode ser melhorado para facilitar o trabalho de vocês, termos menos problemas e aliviar as reclamações para a equipe técnica. Este não é meu trabalho é nosso trabalho, não é para mim nem para vocês, é pelo bem da empresa.

A partir daquele momento, as discussões deram lugar a ideias, conversas francas e um desenho do que seria a forma de trabalho conjunta para que o nível de dificuldade e problemas diminuísse. Percebi que desde o início eu estava errado. Errei na abordagem do problema, na

condução para solucionar, na interpretação dele e até na minha postura com os meus clientes.

No último dia, resolvemos comemorar o progresso de nosso trabalho num almoço. Eles perguntaram o que havia acontecido para a mudança drástica em minha postura. Quando lhes contei a história do mendigo eles não acreditavam. Acharam aquela história surreal. Não tirei a razão deles, foi realmente surreal. Mas aquela conversa foi uma virada na minha percepção que nem tudo que enxergamos é o que realmente é. Que temos que abrir nossas mentes para coisas além do que nossa vista alcança. E que a diferença entre o certo e o errado é apenas a percepção de onde queremos enxergar.

Terminando o trabalho, voltei para o hotel e procurei pelo mendigo, passei na lanchonete e perguntei para o garçom, ele disse que não o via desde o dia anterior, e que ele não era mendigo frequentador da região, aparecia de tempos em tempos.

Um novo gerente e outra gerência.

Meu gerente superior me chamou em sua sala para informar quem seria o meu novo gerente imediato. Por mais estranho que tenha parecido, eu gostei muito do anúncio. O conhecia dentro da empresa e sabia de seu excelente trabalho. Me coloquei à disposição para apoiar no que fosse necessário.

Na semana seguinte ele chegou. Se apresentou e convocou duas reuniões, uma apenas comigo e outra com toda a equipe. Comigo falou: - Sei que você tinha a expectativa de ocupar esta vaga. Sei que é um excelente profissional, sei que é honrado e prestativo. Precisarei muito de sua ajuda. Eu respondi: - Estarei à disposição para o que for necessário.

Tivemos uma boa interação, as duas mudanças gerenciais deram outro direcionamento para nosso trabalho. Passamos a trabalhar baseado em processos, tínhamos respaldo em nossas ações, defesa à ataques e questionamentos de nossos clientes. Foram definidas metas, planos de ações, mas também tínhamos mais cobranças.

Depois de três meses trabalhando numa grande parceria, meu gerente superior me chamou. Chegando em sua sala ele falou: - Daqui a dois meses você será transferido para a equipe de suporte à vendas. Seu futuro gerente virá conversar com você. Eu agradei a oportunidade de mudança e me prontifiquei a ajudar sempre que necessitarem.

O gerente do Suporte à Vendas veio conversar comigo. Fiquei feliz pois já o conhecia e sabia de sua metodologia de trabalho. Ele falou: - Quando souberam que seu gerente e o RH procuravam uma área para lhe transferir, os gerentes

ficaram alvoroçados. Você foi disputado quase a tapa por vários gerentes, por sorte nossa equipe ganhou. Eu agradei e falei: - Fico contente e saber que irei trabalhar com você e sua equipe. Não sei o que farei e vou lhe pedir, não me diga. Guarde para o dia que eu chegar lá. Não quero criar expectativas ou ficar comparando as atividades de uma equipe e outra. Ele então respondeu: - Então não saberá o que planejo para você, mas sei que fará um excelente serviço conosco.

Estava tudo pronto, eu retornaria de férias na nova equipe, porém meu filho adoeceu e precisou ficar hospitalizado e como sua situação era crítica, parte de minhas férias foi tirada dentro do hospital. Eu deveria retornar, mas sua situação ainda era delicada e pedi para adiar a minha transferência por mais trinta dias, até que ele saísse desta situação. Neste período, eu trabalhava remoto do hospital e enfrentar um novo desafio profissional não seria bom.

Tudo deu certo, a saúde de meu filho melhorou, ele teve alta e na semana seguinte iniciei meus trabalhos na nova equipe. Fui bem recebido e então descobri que atividades desempenharia.

A atividade não era diferente do que eu fazia, mas os sistemas eram. Minha formação profissional foi focada na área de telecomunicações, havia muito de informática, mas o básico de seu conhecimento era suficiente para dar suporte. Eu teria que aprender coisa que eu ignorava. O desafio era realmente grande.

A equipe formada por sete profissionais extremamente competentes, divididos em pares no suporte aos grupos de sistemas. Eu seria par de outro colega atuando na análise de negócios e gestão qualidade do serviço prestado pelas empresas contratadas. Teria que aprender rápido, pois em

quinze dias teria que apresentar para o diretor um relatório que seria adicionado ao de outras equipes para ele levar ao presidente.

A nova equipe se mostrou muito prestativa, me auxiliando na coleta dos dados e composição do relatório. Soube depois que, além de compor o relatório, teria que apresentar ao diretor. Estudei cada um dos sistemas, o funcionamento, os serviços, os clientes, os problemas e as correções e ações de melhoria e expansão. Foi um bom começo.

Se vira.

A apresentação do relatório foi um sucesso, o diretor solicitou alguns ajustes, mas nada impactante.

Uns dias depois, uma gerente pediu demissão e o profissional apoio de meu gerente assumiria a vaga. Eu seria o apoio ao gerente e o analista de nível de serviços.

Mas nada estava fácil, uma outra surpresa, o gerente sairia de férias e eu assumiria seu lugar. Eu já tinha substituído meu gerente outras vezes, mas eu conhecia a equipe, os sistemas e os clientes, agora, não conhecia nada.

Conversei muito com meu gerente sobre a substituição, o que ele desejava que eu conduzisse, os pontos críticos, clientes que necessitavam mais atenção e o que deveria ser mais atencioso. Ele passou as informações e finalizou falando: - Se vira Mané. Fará o melhor, confio em você.

Foram vinte dias tensos, muitos problemas, reuniões, projetos sendo entregues, embate com outros gerentes e empresas cobrando renovação de seus contratos. Muitas dificuldades, mas nada que eu não soubesse conduzir.

O fato mais crítico foi a queda de um sistema afetando outros sistemas, muitos clientes sendo afetados, um caos na área de Tecnologia. Uma gerente me ligou e disse que haviam cinco clientes com problema a dois dias, que eles foram atendidos em uma loja que usava um novo sistema que estava em fase piloto. Eu anotei a reclamação e avisei que estávamos com um grave problema, que assim que as coisas normalizassem, analisaria o seu caso.

Pouco tempo depois, meu diretor me ligou questionando a análise pedida pela gerente. Eu argumentei

alegando que não pararia um especialista para analisar cinco clientes pois, estávamos empenhados em normalizar os sistemas que afetavam, naquele momento, milhares de clientes. Foi quando ele falou: - Dê seu jeito, preciso desta análise em até duas horas. Deleguei a análise para um especialista atrasando a recuperação dos sistemas.

Na volta de meu gerente, entreguei um relatório com as atividades que realizei na sua ausência. Ele riu e falou: - Não precisava, eu já sei de tudo que fez. As coisas boas e não tão boas. Vamos conversar a respeito depois.

Voltei a fazer as minhas atividades, ele me chamou para conversar. Relatou as coisas positivas na gerência da área, mas relatou um ponto, que viria a mudar minha atividade na equipe. Ele falou: - Recebi uma reclamação de uma gerente. Você não atuou na análise de um problema em um sistema piloto. Me diga a sua versão para este caso. Eu relatei então o momento em que o problema deste piloto foi passado, e que eu decidi atuar no que eu entendia ser o mais grave. Ele respondeu: - A sua atuação depois que o diretor te ligou, poderia ser feito no momento que a gerente lhe passou o problema. Eu discordei e falei: - Não havia recursos para atuar nos dois problemas ao mesmo tempo. Tanto que a recuperação dos sistemas levou três horas a mais que o previsto. Ele falou: - Quando houver este tipo de situação, comunique ao seu superior e avise que, a análise de um determinado problema atrasará a resolução de outro, assim, a responsabilidade da decisão passa a ser dele. Eu respondi: - Ok. Depois ele me deu uma notícia, a partir daquele momento eu seria o responsável pelo sistema que estava em piloto.

O sistema era promissor. Estudei o projeto, o cronograma de produção, os clientes afetados, as áreas pares e os problemas já mapeados. Era um grande desafio e

mergulhei de cabeça, do seu piloto à entrega e instalação em todas as lojas no Brasil.

Frustração e nova motivação

Desempenhava a condução do suporte ao sistema como sempre. Atuando nos problemas, melhorias, necessidades dos clientes e negociando com as áreas pares.

No decorrer do tempo, várias mudanças de pessoal foram realizadas, passamos grave crise na empresa e nos recuperamos. Nesta mudança de pessoal, algumas vagas gerenciais foram abertas e eu me candidatei. Provas, entrevistas, feedback e negativas, em todas. O que faltava? Eu me preparava a anos para assumir um cargo gerencial e nada dava certo. Comecei a perder a motivação para o trabalho, meus resultados começaram a ficar aquém do que eu vinha fazendo a anos.

Comecei a buscar oportunidades fora da empresa. Um dia me ligaram para uma entrevista. Fui ver o que se tratava pois não anunciaram qual empresa seria.

Uma entrevista como tantas outras, o entrevistador agradeceu e disse para aguardar um retorno. Passaram semanas e eu já tinha esquecido desta vaga quando recebi uma ligação. A mulher me disse que eu havia passado na primeira fase e que queria realizar uma entrevista com o diretor da empresa.

Uma surpresa, o diretor que faria a entrevista, já me conhecia de outra oportunidade. Que eu havia desistido por problemas de saúde do meu filho. Após nos cumprimentarmos, sua primeira pergunta foi: - Seu filho está bem? Eu respondi: - Sim, muito bem. Depois de contar um pouco do que aconteceu após aquele dia, começamos a entrevista. Ele perguntou o que havia mudado profissionalmente desde a última entrevista. Após responder as perguntas, ele agradeceu e disse que entrariam em contato.

Continuava desmotivado, fazia meu trabalho como um fardo, estava cansado, desestimulado, as mesmas coisas de sempre, os problemas de sempre, mas o pior era a falta de perspectiva.

Semanas se passaram e numa ligação telefônica, fui comunicado pelo diretor que havia passado na entrevista e que deveria ligar para o RH da empresa para iniciar o processo de admissão. Eu seria o Gerente de Tecnologia de uma empresa agropecuária, iria trabalhar em Goiás. Seria uma mudança total, profissional e pessoal. Aceitei o desafio.

Comuniquei a minha esposa e filhos a mudança, ela disse que não iria pois tinha seu trabalho sua faculdade e o a escola nossos filhos. Eu iria então só para este novo desafio.

Comuniquei aos meus gerentes a minha demissão, tentaram argumentar, que haveriam novas oportunidades, eu apenas falei: - Estou tendo a oportunidade, alguém reconheceu que eu posso liderar uma equipe e gerenciar uma área. Obrigado por tudo, mas estou indo embora. Me despedi dos colegas e da empresa que durante muitos anos trabalhei e ajudei a crescer. Uma parceria gratificante, onde aprendi muito, mas era hora de crescer e romper as barreiras.

Fui para o aeroporto só, me despedi da família em casa. No caminho eu fui pensando neste momento, ficar só e longe da família, como será. Entrei no avião e parti para meu novo destino.

Um gigante desconhecido

Desci no aeroporto e peguei o taxi, passei o endereço ao motorista e ele me levou até o local, vinte minutos depois ele avisa: - Chegamos. Uma casa simples num bairro simples. Achei que encontraria um prédio luxuoso com grandes letreiros, mas não era. Para outros, isto poderia ser desmotivante, para mim, um desafio.

Me apresentei para a recepcionista e ela indicou a pessoa que deveria falar. Entrei na sala e me apresentei. Ela sorriu e falou: - Aguardam o senhor na sala de reuniões. Eu sorri e falei: - Acho que já passei por esta situação. Chegar no dia de começar a trabalhar e haver alguém me esperando para uma reunião. Deixei meus documentos e fui para a sala de reuniões. Desta vez havia um grupo de gerentes e diretores, eu cheguei no dia da reunião quinzenal. Fui apresentado pelo diretor de operações, aos demais participantes, me sentei e acompanhei a reunião. Nada diferente de tantas outras reuniões executivas: Apresentação de resultados, expectativas, necessidades de crescimento.

Depois da reunião, fui almoçar com meu diretor e desta vez nossa conversa foi informal. Ele disse das coisas da cidade, disse que a diferença entre a megalópole São Paulo e Goiás era grande, mas que tinha certeza que eu me adaptaria fácil. Falamos de família e quando disse que eu viria só ele perguntou: - Como vai fazer? Eu respondi: - Penso em ir um fim de semana a cada quinze dias. Ele então falou: - Precisarei de você algumas vezes em São Paulo, podemos fazer um bem bolado. Verei se consigo você três dias a cada quinze em São Paulo, assim, emenda o fim de semana e passa mais tempo com a família. Unimos as duas coisas. Eu sorri e agradeci.

Voltamos ao escritório e ele me apresentou as demais pessoas da empresa. Eu perguntei sobre o Data Center, ele então falou: - Amanhã iremos lá, ele fica aqui perto. Estava ansioso. Voltei ao RH para assinar a documentação, o contrato de trabalho e saber as regras da empresa. Minha surpresa. Toda liderança da empresa só usava roupa social nos dias de reuniões ou visita à clientes e fornecedores, nos demais dias, roupas normais, só não podia chinelos, camisetas e short. O resto, liberado.

No fim do dia fui para o hotel que reservaram, um hotel simples, mas aconchegante e próximo ao escritório e a um bom comércio. Deixei minhas coisas e fui andar pelo bairro. Pessoas simples, coisas simples. Uma cidade grande no interior do Brasil. Era o que eu procurava, um lugar simples para viver.

No dia seguinte fomos ao Data Center, conhecer o local e a equipe que eu iria liderar. Era menos de dez por cento do que havia na antiga empresa, mas era organizado e possuía tecnologia de ponta. A equipe era composta de trinta profissionais divididos em quatro áreas.

A maioria recém-formados, mas outros com grande experiência. Apesar de divididos em equipes, percebi que o conhecimento era abrangente. Me apresentei a cada um deles e trocamos algumas poucas palavras, exceto um deles que chegou de cara amarrada, como se não gostasse da minha presença. Após cumprimenta-lo, ele começou a falar de falhas, problemas, erros, dificuldades. Eu escutei calmamente ele terminar e respondi: - Foi bom você me reportar esta lista de coisas, quero que me ajude, vamos trabalhar juntos e levantar estes problemas, mapear as criticidades, propostas de solução e traçar um plano para corrigir. Ele sorriu e falou: - Achei que iria reclamar. Eu sorri e respondi: - Não tenho medo de problemas.

Me despedi da equipe e disse que em breve faríamos uma reunião para conversar.

O diretor me levou nas outras áreas da empresa, me apresentou as equipes de desenvolvimento, pesquisa, marketing, vendas e uma área chamada estratégias de governo. Perguntei o que ela fazia, ele me disse, saberá no momento certo.

Voltei para o hotel, tomei um banho e fui andar pelo bairro e descobrir se havia algum apartamento ou casa alugando.

O primeiro dia.

Cheguei na empresa cedo, fui para minha sala e comecei a organizar as coisas. Reposicionei mesa, cadeira, armários. Aos poucos as pessoas foram chegando e me vendo arrastar as coisas para lá e para cá. Um deles bateu na porta, que estava aberta, e perguntou: - Porque o senhor está fazendo isto? Eu respondi: - Não gostei do lay-out da sala. Ele riu e falou: - Isto estamos vendo, mas há uma equipe que poderia fazer isto para o senhor. Eu ri e falei: - É, seria bom, mas tem algumas coisas que eu gosto de fazer, arrumação é uma delas e não precisa me chamar de senhor. Você, ou pelo nome está bem. Ele então falou: - Por respeito, chamamos nossos gerentes de senhor. Eu parei, olhei para ele e falei: - Não precisa me chamar de senhor para demonstrar respeito. Apenas suas atitudes demonstrarão respeito.

Passei o dia em reuniões, fui conversar com cada um dos gerentes das outras áreas. Avaliar os problemas de cada um deles e saber o que poderíamos fazer. Pedi um pouco de paciência caso algo saísse do esperado, mas que aos poucos eu acertaria os ponteiros.

No fim do dia, comuniquei a equipe que faríamos um café da manhã na sala de reuniões para uma conversa informal. Eles me olharam e um deles perguntou: - É sério? Eu fechei a cara e disse: - Sim. Seríssimo. Sua resposta foi: - O diretor não vai gostar disto. Eu falei: - Deixe que com ele eu me entendo. Liguei para o diretor e comuniquei o que eu faria, ele não concordou de imediato, mas liberou como exceção.

Saindo da empresa pedi ajuda para a secretária, ela me indicou uma padaria perto que poderia fornecer os produtos.

No dia seguinte passei na padaria para buscar os produtos, pensei como levaria tudo até lá. O dono da padaria já tinha separado e estava colocando no carro para entregar na empresa. Eu agradei e ele ainda me deu uma carona.

As pessoas foram chegando, e vendo a mesa posta, fui recebendo e as deixando a vontade, conversamos sobre tudo. Conteí um pouco da minha vida profissional e pessoal, o que gostava de fazer, o que me divertia. Foi um começo muito bom.

Daquele dia em diante o trabalho foi duro, difícil, mas prazeroso trabalhar com aquela equipe. Os demais gerentes gostavam da minha forma de abordar os problemas e buscar as soluções. Os colaboradores estavam mais produtivos.

Profissionalmente ia bem, pessoalmente não podia dizer o mesmo. A distância e os problemas com minha esposa aumentavam. Decidimos nos separar. Minha filha resolveu vir morar comigo e meu filho ficou com minha esposa, ele ainda necessitava de cuidados especiais que em São Paulo eram melhores.

Crescendo

Meu diretor foi designado para uma filial fora do país e me promoveram a diretor da regional de Goiás. Eu tinha apenas nove meses de empresa.

Trabalhava mais ainda, passava mais de dez horas trabalhando. Viajava muito e com isto não tinha tempo para mim. Minha posição neste cargo durou pouco. Meu trabalho chamava a atenção, a forma descontraída e dinâmica que eu conduzia as coisas era muito diferente do perfil dos outros diretores.

Numa reunião em São Paulo recebi uma notícia, vinda direto do presidente. Eu seria promovido a diretor de negócios, e me mudaria para São Paulo.

A mudança foi tranquila, estaria mais perto do meu filho. Minha filha estava estudando fora do país. Acabei encontrando uma companheira, nos conhecemos ao acaso, numa destas situações que só no cinema acreditamos que acontece.

Num dia de chuva, solicitei um carro pelo aplicativo, mas sem querer, selecionei a opção de trajeto compartilhado, quando o veículo chegou, havia uma mulher sentada no banco traseiro. Eu perguntei se ela estaria descendo, o motorista disse que era uma corrida compartilhada. Eu entrei e me sentei no banco da frente, mas estava transtornado por isto.

A mulher viu meu aborrecimento e falou: - meu senhor, vamos fazer desta corrida algo tranquilo, o senhor está muito nervoso. Eu a olhei, fixamente, só neste momento que percebi o quanto era bonita. Pedi desculpas pelo meu comportamento e começamos a conversar.

Ela desceu antes de mim, nos despedimos e eu segui viagem. O motorista falou: - O senhor não pegou o telefone dela né? Eu respondi: - Não. Não sei se daríamos certo. Ele respondeu: - Só saberia se tentasse, né?

Os dias passaram e eu só trabalhava, poucas eram meus momentos de diversão. Estes poucos, eram com meu filho, que crescia rápido demais. Um dia um de meus colegas de trabalho me chamou para uma festa na sua casa, recusei, mas ele insistiu, insistiu tanto que aceitei.

A festa era apenas um churrasco, ao chegar identifiquei alguns colegas do trabalho, ele me apresentou seu irmão e a sua esposa, e quando me apresentou a irmã da sua esposa, tive a impressão de tê-la conhecido em algum lugar. Ela riu, ficou me olhando e me disse: - Eu te conheço de algum lugar. Eu falei: - Tenho a mesma impressão. Meu colega logo emendou: - Hiiii, daí vai sair coisa. E nos deixou conversando. Ficamos falando horas sobre nós, tentando achar de onde vinha a sensação de que já nos conhecíamos.

A festa foi ótima, nos despedimos e trocamos telefone, para marcar um novo encontro. Para ir para casa, chamei um veículo de aplicativo, errei de novo pedindo a corrida compartilhada, quando o veículo chegou e vi uma mulher no banco traseiro, lembrei de onde a conhecia. Liguei imediatamente para ela, enquanto entrava no carro. Ela atendeu rindo e falou: Nossa, você acabou de sair da festa e já vai marcar um novo encontro? Eu ri e falei: - Descobri de onde nos conhecemos. Após contar ela caiu na gargalhada. Marcamos um encontro para o dia seguinte.

Nos encontramos para um café, foi uma noite maravilhosa, muita conversa, muitas coisas em comum. Marcamos para o dia seguinte, havia um show da banda de um amigo, do show fomos para minha casa. A partir deste dia não nos desgradamos mais.

As coisas iam bem demais, profissional e pessoal. Consegui conquistar muito de meus sonhos, o que viesse dali para frente seria lucro.

Mudanças à vista

A empresa crescia, não era mais uma empresa de Agronegócios do interior do Brasil, ela era internacional. Havia filiais em vários países. Eu agora estava ligado direto ao CIO da empresa. Ele então me confidenciou: - Este é meu último ano. Vou me aposentar. Quero curtir o mundo com minha esposa, ela está doente e me pediu como último desejo uma viagem e eu darei. Fiquei pensando que perdi várias oportunidades de realizar um cruzeiro com minha amada, era nosso sonho, mas o trabalho sempre vinha a frente. Agora, ela estava não estava mais comigo, não sei se um dia iria voltar.

Nas semanas seguintes eu passava muito tempo com ele. Não entendia porque estava me delegando tantas atividades. A maior delas foi preparar uma reestruturação de toda a gerencia e diretoria. Ele queria mudar todos de suas posições, deixaria apenas os gerentes técnicos sem movimentar. Me passou o novo organograma em branco, notei que havia uma caixa de diretor a menos. Relatei o fato a ele e ele falou: - A caixa que falta é a sua. Eu perguntei: - Estarei fora desta mudança? Ele respondeu: - Posso garantir que não será demitido. Então perguntei: - Como farei uma reestruturação sem mim? Ele disse: - Apenas não ponha seu nome aí, e deixe o nome do CIO em branco. Eu retruquei: - Como assim, o CIO em branco? Ele apenas riu e saiu da sala.

Preparei as mudanças delegadas, não estava preocupado com o que eu passaria a fazer. Apresentei o resultado para ele. Ele olhou e disse que estava excelente. Chamou uma reunião para comunicar as mudanças. Cada gerente e diretor teria trinta dias para se movimentar para as novas funções.

Todos perguntavam sobre a caixa de CIO em branco e porque meu nome não estava na lista. Ele respondeu: - Continuo a ser o CIO, ele estará ligado direto a mi, preciso de alguém ao meu lado para algumas decisões que preciso tomar mais a frente.

Eu fiquei isolado, sem uma função definida, respondendo direto ao CIO o auxiliando na administração geral da empresa.

Alguns meses depois ele convocou uma nova reunião, com toda a diretoria e gerencia, ele me confessou que anunciaria sua saída e seu substituto, bateu em meu ombro e perguntou se eu estaria preparando para uma nova mudança. Eu apenas respondi: - Nasci para as mudanças.

Depois deste dia muita coisa aconteceu: A reunião foi adiada várias vezes, substitui temporariamente um diretor regional e minha amada pediu um tempo, tudo muito rápido, mas uma destas mudanças mais me preocupava, os dias passavam e minha amada não voltava para casa, sabia que estava bem pois postava em suas redes sociais, mas não se comunicava direto comigo.

Um dia ela ligou. Disse que não voltaria mais, ainda me amava, mas não daria mais para ficarmos juntos. Perguntei o porquê e se havia chance de isto reverter, ela apenas falou: - Só Deus e o tempo dirão se haverá volta, o porquê.... E desligou o telefone.

Um novo objetivo.

Estava tão envolvido em minhas lembranças que não notei o CIO entrar em minha sala. Tomei um susto e ele falou: - Pensando nela? Eu respondi: - Sempre penso nela. Mas agora estava lembrando de tudo que passei na vida até chegar aqui. Ele falou: - Sei da sua história e ela daria um bom livro. Eu ri e falei: - Você não é a primeira pessoa que me diz isto.

Ele se sentou e falou que faria a reunião no dia seguinte, nada faria adiar mais sua decisão, pois estava atrapalhando seus planos pessoais. Ele pediu que eu fechasse a porta pois queria me falar algo antes da reunião. Após fechar a porta, me sentei ao seu lado e ele falou: - Amanhã anunciarei minha saída e a indicação de meu substituto. Ela tem forte peso, mas a decisão final é do conselho. Eu tive que apresentar dois nomes, um deles é o seu. Eu falei: - Já desconfiava disto, mas tenho uma pergunta. E se eu recusar? Ele me olhou com cara de espanto e falou: - Agora que vai chegar aonde sempre sonhou estar, atingir sua meta profissional e você vai desistir? Eu então falei: - Percebi que a busca por esta meta me privou de muitas coisas. Não me arrependo de nada que fiz. Mas queria ter passado mais tempo ao lado de meus filhos, o amor de minha vida foi embora, perdi alguns amigos e não pude me despedir deles. Vou pensar na decisão, mas mesmo que eu aceite, irei diminuir o ritmo de trabalho. Ele então falou: - Seu nome já está na mesa do conselho a mais de dois meses. Nos vemos amanhã. Pense bem, e que sua decisão seja a melhor para você, eu gosto muito de você, e apoiarei qualquer que seja ela.

Peguei minhas coisas e fui para casa. Aquele apartamento vazio tinha um silêncio que ecoava. Aquela seria mais uma de minhas noites solitárias. Queria conversar com alguém, mas não havia ninguém. Tive

tantos amigos na vida e agora não tinha ninguém para compartilhar minhas aflições. Pensei em ligar para meu amor, mas desisti. Liguei para minha filha, mas esqueci o fuso horário e ela não atendeu, liguei para meu filho, e caiu na caixa postal.

O dia amanheceu e segui minha rotina, antes de sair meu telefone tocou, era ela. Ela falou: - Oi mocinho. Respondi com a voz embargada: - Oi mocinha. Ela retornou: - Seu chefe me contou da reunião de amanhã, até que enfim, depois de tantos adiamentos. Ele me contou o que te espera. Tenho certeza que o conselho o escolherá. Você é competente, dedicado e apto a conduzir a empresa. Quero te desejar sorte neste desafio. Que Deus esteja ao seu lado nesta e em todas as suas decisões. Que ele lhe guie, lhe dê paz e sabedoria. Eu agradei e antes que eu pudesse falar qualquer coisa ela falou: - Eu te amo. E desligou. Senti que sua voz estava embargada num choro contido.

Ao chegar na empresa parei em minha sala, olhei e pensei: - Consegui. Mesmo que não seja o novo CIO, só o fato da indicação me faz sentir que alcancei minha meta. A secretária entrou em minha sala e falou: - Está na hora.

Entrei na sala de reuniões me sentei no lugar de sempre. Logo a sala encheu, gerentes, diretores, membros do conselho. O CIO entrou e se sentou. Ele iniciou a reunião. Agradeceu cada um o empenho e dedicação, falou dos feitos da empresa que estava a mais de trinta anos e disse que era hora de partir. Disse que tinha um projeto de vida e que a vida executiva não seria compatível com seus novos objetivos.

Em seguida, disse que indicaria ao conselho três proponentes substitutos. Citou meu nome e de outros dois diretores. Ele incluiu de última hora mais um, após saber de minha possível desistência. Ele pediu que falássemos

algo. Pedi para ser o último. Cada um dos outros diretores agradeceu a indicação e que faria o melhor pela empresa caso fosse o escolhido. Na minha vez eu falei: - Agradeço a indicação, o reconhecimento, mas não posso aceitar. Todos me olharam com espanto. Continuei: - Assim como nosso CIO eu tenho um novo objetivo e assumir esta responsabilidade será incompatível com ele.

Terminada a reunião o CIO falou: - Sabia que você não aceitaria. Sei o que vai fazer e lhe dou total apoio. Em seguida ele me deu um grande abraço. Me despedi, voltei para minha sala, peguei minhas coisas e fui para casa. Sentado na varanda e comecei a escrever uma carta.

“São anos de experiência de trabalho, limpei chão de loja, vendi bala no trem, fui eletricista, técnico, gerente, diretor, quase CIO. Trabalhei muito, fiz muito pelas empresas onde passei, fiz muito por mim, mas sinto que não fiz o suficiente pelos meus. Não há como recuperar o tempo perdido, mas há como ganhar o tempo que sobra, por este motivo, venho através desta agradecer a esta empresa todas as oportunidades que me deram, o apoio quando precisei. Mas é chegada a hora de me despedir, e esta carta é minha demissão”.

Não fiquei rico com meu trabalho, mas consegui um bom pé de meia. Passei a manhã fazendo contas, analisando tudo que havia conseguido financeiramente com meu trabalho. Peguei a carta que havia escrito na noite anterior, me arrumei e fui para a empresa.

Fui direto na sala do CIO e a entreguei. Ele leu e falou: - Desconfiei que faria isto, mas não tão rápido, não antes de minha saída. Eu falei: - Perdi muito tempo, já não sou um jovem e tenho que correr atrás do meu novo objetivo. Ele se levantou, ligou para o diretor de RH. Quando ele chegou apenas me perguntou: - Vai cumprir o aviso prévio? Eu

respondi: - Não, mas estarei disponível para vocês para qualquer coisa por trinta dias. Ele então saiu da sala. O CIO me abraçou e falou: - Vá com Deus e boa sorte. Sabe como me encontrar, e eu, se precisar, vou te contactar.

Voltei para casa arrumei uma mochila e parti. Meu objetivo: Buscar meu amor onde quer que ela esteja, fazermos nosso cruzeiro e nos mudar para uma casinha no interior para curtir o resto da vida juntos. Ter uma vida simples como sempre quisemos. Quem sabe eu escreva um livro contando tudo que se passei até chegar aqui, já tenho em mente um nome: O Caminho para o Executivo.